



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS – UFT
CAMPUS PORTO NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
PPG-LETRAS

MARCELO DE JESUS DE OLIVEIRA

**CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-CONCEITUAIS INERENTES À ESCRIVÊNCIA
EVARISTIANA EM *BECOS DA MEMÓRIA* (2017)**

Porto Nacional/TO
2021

MARCELO DE JESUS DE OLIVEIRA

**CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-CONCEITUAIS INERENTES À ESCRIVIVÊNCIA
EVARISTIANA EM *BECOS DA MEMÓRIA* (2017)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras. Foi avaliada para obtenção do título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

O48c Oliveira, Marcelo de Jesus de.

Considerações teórico-conceituais inerentes à escrevivência evaristiana em Becos da Memória (2017). / Marcelo de Jesus de Oliveira. – Porto Nacional, TO, 2021.

152 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Letras, 2021.

Orientador: Juliano Casimiro de Camargo Sampaio

1. Vivência escrita. 2. Escrevivência. 3. Decolonialidade. 4. Experiências negras. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

MARCELO DE JESUS DE OLIVEIRA

CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-CONCEITUAIS INERENTES À ESCRIVIVÊNCIA EVARISTIANA EM *BECOS DA MEMÓRIA* (2017)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras. Foi avaliada para obtenção do título de Mestre em Letras – Literatura, História e Imaginário e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora

Data de aprovação: ___/___/___

Banca Examinadora

Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio – UFT

Profa. Dra. Jurema José de Oliveira – UFES

Prof. Dr. Carlos Roberto Ludwing – UFT

À minha mãe, Maria José de Jesus, — mulher preta e pobre — que teve seu processo de ensino-aprendizagem negligenciado por uma sociedade engessada que exclui em razão de questões de gênero, classe e raça, mas que me ensinou e ensina, cotidianamente e do seu jeito, as mais valiosas e complexas lições sobre a vida e a existência humana.

À minha irmã, Patrícia de Jesus de Oliveira, que, ao saber de minha aprovação, experimentou comigo o doce da felicidade de um sonho prestes a ser realizado e, no mesmo intervalo de tempo, do féu que saboriza a partida [mesmo que provisória]. O que diz em nossa pele é mesmo verdade: onde estivermos, estaremos juntos.

*Sim, eu trago o fogo,
o outro,
aquele que me faz,
e que molda a dura pena
de minha escrita.
é este o fogo,
o meu, o que me arde
e cunha a minha face
na letra desenho
do autorretrato meu.
— Conceição Evaristo*

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus – pai, amigo e protetor.

À Universidade Federal do Tocantins – UFT, em especial ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLEtras), por me permitir tal experiência.

Ao meu pai, José Evandro Martins de Oliveira, quem sempre financiou meus estudos e acreditou, por vezes mais que eu mesmo, em minha capacidade de ganhar o mundo.

A minha irmã, Paula de Jesus de Oliveira, pela bondade que existe no fundo de ti.

Ao meu sobrinho, Luís Fernando Martins de Oliveira, pelos carinhos e ‘checas’ roubados.

A minha ex-professora e eterna amiga, Tânia Regina Zanella Horster, a quem acompanhou minha trajetória pessoal e acadêmica, estando presente em todas e quaisquer necessidades minhas. Das certezas que tenho, uma delas é que em todas as páginas dessa dissertação tem um tanto do que aprendi contigo, de coisas que livros e instituições não ensinam.

Ao meu orientador e agora amigo, Juliano Casimiro de Camargo Sampaio, pelas orientações sempre muito afetivas, responsáveis e precisas.

A Myrian Justen Preste Rocco, amizade-presente que o mestrado me deu, pelos conselhos, pelas conversas, por se permitir ouvir minhas dores e sempre deixá-las um tanto mais suportável.

A minha amiga, Mikaela Lobo, por tornar a vida em Porto Nacional (TO), desde meu primeiro dia de estadia, menos dolorosa-desafiadora.

A Raiane Ribeiro de Moraes, especial amiga, a quem tanto admiro a simplicidade.

A minha família construída por laços talvez mais forte que os sanguíneos — Jaine de Souza e Silva, Elizabete Rodrigues Viana, Tereza da Silva Nabarro e Juliane Nalick Lima Silva — por conhecerem as piores versões de mim e, ainda, sim, estarem comigo hoje e sempre. A nós, todos os brindes-agradecimentos do mundo, pois temos motivos para tais.

Ao meu namorado-companheiro-amigo, Douglas Campos Moraes, que, dentre tantas outras coisas, sonhou comigo o mestrado [e conseguimos]. Obrigado por cada leitura e sugestões de melhorias desse texto; por cada demonstração de carinho repentino ao nos levantarmos das cadeiras após a escrita de desafiadoras páginas brancas; por ouvir e encorajar minhas ideias; por ser luz, quando tudo [ou quase tudo] é escuridão.

A minha filha-pet-amor, Lola de Oliveira, que tem cheiro de afeto e de quem eu vivo sempre com saudades.

RESUMO

Entre os anos de 1994 a 1995 a escritora Conceição Evaristo, autora de notórias obras no âmbito da literatura contemporânea, tais como: *Ponciá Vicencio* (2003); *Olhos d'agua* (2014); *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2012); *História de leves enganos e parecenças* (2016) e outras, pronuncia a expressão *escrevivência*, atribuindo-lhe a incumbência de nomear seu projeto de escrita crítica-literária. No entanto, anos depois, por exercício da própria autora e dos demais pesquisadores curiosos na significação do conceito, a expressão se envereda por diferentes áreas do conhecimento, ampliando seus sentidos e significações. Desse modo, teve-se como principal objetivo deste trabalho o aprofundamento teórico e conceitual da noção de *escrevivência*, ilustrando-a a partir do romance *Becos da Memória* (2017) em que, para alcançá-lo, realizou-se pesquisas bibliográficas e documentais, cuja natureza fora essencialmente qualitativa. Considerando que como plano de fundo para criação desta expressão tem-se a imagem das *mucambas* exercendo forçadamente atividades consideradas subalternas e apontadas pelos seus senhores, para melhor compreendê-lo fez-se necessário a articulação deste conceito com a literatura e a história, em especial no tangente da formação dos povos negros no Brasil, bem como estes são representados na ficção — neste caso, na literatura. Para assim fazê-lo, organizou-se este trabalho em três capítulos, dispostos sequencialmente: 1. *Escre(viver): escrita, história e vivência*; 2. *Becos da memória (2017): abrigo das escrevivências subalternas*; 3. *Das acontecências do banzo – uma incursão histórica afrodescendente na escrevivência de Conceição Evaristo* em que, por meio das discussões empreendidas neles, compreendeu-se a noção de *escrevivência* como um conceito fortemente imbricado na história e que é proposto, inicialmente, com a intenção de borrar o passado colonial em torno de mulheres negras que tiveram suas potências podadas. No entanto, embora tenha nascido originalmente no berço da literatura e da história, este conceito não se limitou a ambas as áreas mencionadas e, portanto, tornou-se passível de outras direções em campos como a fotografia, a música, a pedagogia e psicologia social. Por outro lado, viu-se que no âmbito da literatura a *escrevivência* de Conceição Evaristo, enquanto uma escrita onde ficção e realidade se confundem, é construída a partir de temas e personagens socialmente complexos e invisibilizados durante muito tempo pela literatura dos grandes centros, o que coloca o projeto de escrita desta autora como uma produção que descentraliza as forças coloniais ainda em exercício em diversas áreas da sociedade, e as focalizam na construção de uma história efetivada a partir de óticas e percepções afro-brasileira, onde são desveladas realidades que intencionalmente foram obstruídas pela história ditada como oficial e pela elite branca que a construiu.

Palavras-chave: Vivência escrita. Escrevivência. Decolonialidade. Experiências negras.

ABSTRACT

Between 1994 and 1995, the writer Conceição Evaristo, author of notorious works in contemporary literature, such as: *Ponciá Vicêncio* (2003); *Olhos d'água* (2014); *Insubmissas marcas de mulheres* (2012); *História de leves enganos e pareanças* (2016) and others, pronounced the expression *writingvivência*, assigning it the task of naming her critical-literary writing project. However, years later, through the author's own exercise and that of other researchers curious about the meaning of the concept, the expression has been used in different areas of human knowledge, expanding its senses and meanings. Thus, the main objective of this work was the theoretical and conceptual deepening of the notion of *writingvivência*, illustrating it from the novel *Becos da Memória* (2017) in which, to achieve it, we conducted bibliographic and documentary research, whose approach was essentially qualitative. Considering the background for the creation of this expression is the image of the *mucambas* forcibly exercising activities considered subordinate and pointed out by their masters, to better understand it, it was necessary to articulate this concept with literature and history, especially in terms of the formation of black people in Brazil, as well as how they are represented in fiction - in this case, literature. This study was organized in three chapters, sequentially arranged: 1. *Escre(viver): escrita, história e vivência*; 2. *Becos da memória (2017): abrigo das escrevivências subalternas*; 3. *Das acontecências do banzo – uma incursão histórica afrodescendente na escrevivência de Conceição Evaristo* in which, through the discussions undertaken in them, the notion of *writingvivência* is understood as a concept strongly imbricated in history and that is proposed, initially, with the intention of blurring the colonial past around black women who had their powers pruned. However, although it was originally born in the cradle of literature and history, this concept has not been limited to both mentioned areas and, therefore, has become amenable to other directions in fields such as photography, music, pedagogy, and social psychology. In addition, in the realm of literature, Conceição Evaristo *writingvivência*, as a form of writing in which fiction and reality are intertwined, is constructed from socially complex themes and characters long made invisible by literature in the large centers, what places the author's writing project as a production that decentralizes the colonial forces still at work in various areas of society and focuses them in the construction of an effective history from afro-brazilian perspectives and perceptions, where realities are unveiled that were intentionally obstructed by history dictated as official and by the white elite that built it.

Palavras-chave: Written Livingness. Escrevivência. Decoloniality. Black Experiences.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Súmula das principais ideias de escrevivência de Conceição Evaristo	50
Gráfico 2 - Centralização e desdobramentos do conceito escrevivência	65
Figura 1 - Parecer emitido por Muniz Sodré	75
Quadro 1 - Análise sintética das principais personagens em <i>Becos da Memória</i> (2017)	88

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Resumo de pesquisas sobre a expansão do conceito de escrevivência

3

LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

AVC:	Acidente Vascular Cerebral
C.E:	Conceição Evaristo
CRAS:	Centro de Referência de Assistência Social
GTMANA:	Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação Nacional na Agroecologia
ISA:	Instituto Socioambiental
MG:	Minas Gerais
PDT:	Pastoral da Terra
PUC:	Pontifícia Universidade Católica
SP:	São Paulo
SUAS:	Sistema nico de Assistência Social
UEMG:	Universidade Estadual de Minas Gerais
UFRGS:	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFT:	Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	ESCRE(VIVER): ESCRITA, HISTÓRIA E VIVÊNCIA	21
2.1	Referencialidade histórica - a escrita de Conceição Evaristo.....	22
2.2	Origem e maturidade da expressão escrevivência – uma análise cronológica.....	30
2.3	Escrevivência – um conceito em expansão	52
2.4	Carta aberta à Conceição Evaristo	66
3	BECOS DA MEMÓRIA (2017): ABRIGO DAS ESCREVIVÊNCIAS SUBALTERNAS	70
3.1	<i>Becos da Memória</i> (2017) – apresentação da obra e outros pontos.....	70
3.2	A construção de <i>Becos da Memória</i> (2017).....	77
3.3	As personagens – performances extra ficcionais	81
3.4	A narração – memória, identidade e desacordos na escrevivência.....	90
4	DAS ACONTECÊNCIAS DO BANZO – UMA INCURSÃO HISTÓRICA AFRODESCENDENTE NA ESCRIVIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO	97
4.1	Do <i>banzo</i> e da escrevivência.....	98
4.2	Literatura&História: a afro-brasilidade em <i>Becos da Memória</i> (2017)	109
4.3	Rastros históricos na escrevivência de Conceição Evaristo.....	118
4.3.3	A construção simbólica do lugar – reconfigurações da periferia	119
4.3.3.3	As dissidentes faces da miséria em <i>Becos da Memória</i> (2017).....	129
4.3.3.3.3	A memória da escravidão como alimento do <i>banzo</i> em <i>Becos da Memória</i> (2017) ...	137
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
	REFERÊNCIAS	145

1 INTRODUÇÃO

Eu escrevo porque, para mim, não há outra maneira de enfrentar, de suportar, de arrumar a vida, a não ser escrevendo (EVARISTO, 2018a).

A pesquisa ora apresentada fora construída efetivamente durante os anos de 2019/2020/2021, enquanto estive vinculado à Universidade Federal do Tocantins — UFT, especificamente ao curso de Mestrado em Letras – PPGLetras (Porto Nacional). No entanto, suas primeiras etapas foram desenvolvidas ainda em 2018, enquanto participava do *X Encontro Maranhense de História da Educação* — EMHE, na qualidade de graduando-apresentador. Naquele ano, às vésperas do ingresso à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso — TCC (monografia), em minha cabeça turbilhoavam ideias do que poderia ser escrito, algumas até ganharam forma, mas não se concretizaram factualmente — não entendia com profundidade, no auge do momento, o motivo incessante das falhas, mas, hoje, findando mais um desafio aparecido em minha trajetória acadêmica, compreendo em minúcias: nada me deixaria tão realizado quanto a literatura me faz e, naquele período, aventurava-me por outras áreas, em razão da pouca oferta em pesquisas em literatura na instituição em que graduei-me.

No intervalo de uma conferência a outra, encontro um sebo no pátio do bloco onde estava sendo sediado o evento, local onde contato pela primeira vez a obra de Conceição Evaristo – C. E., perdida entre um título de Marx & Hegel e Marielle Franco — como poder-se-á conferir este relato no posfácio do primeiro capítulo, intitulado *Carta aberta à Conceição Evaristo*. Até que eu decida comprá-lo, propriamente dito, em minha cabeça muitas coisas se passaram, inclusive um receio ao arrependimento, pois, até aquele ano [e se não fosse aquele (des)encontro talvez tivesse concluído a graduação sem conhecê-la], sequer havia ouvido falar nesta autora. Eis que, ainda em movimento, no ônibus em que voltava da capital para o interior, entre soluços que sucederam o choro durante a leitura e o sentimento de satisfação motivado pelo bom negócio que havia feito, decido que pesquisaria em meu trabalho de conclusão de curso as representações do corpo negro na obra de Conceição Evaristo que, mais tarde, a então proposta fora submetida a um recorte metodológico de modo que o objetivo de análise fosse, especialmente, as performances das personagens femininas.

O referenciado trabalho fora desenvolvido conforme a sequência já preconizada para produção de conhecimentos de natureza científica na maioria das universidades brasileiras — planejamento, confecção/discussão e defesa. Mas, sob hipótese alguma, permitir-me-ia findar o processo de trabalho com os romances evaristianos que havia principiado naquele ano, em

especial com *Becos da Memória* (2017), obra pela qual mantenho uma relação excessivamente profunda e que tanto me impacta pela maneira sensível, sem deixar de ser visceral, em que Conceição Evaristo labora — pela necessidade e por primazia — com temas, personagens e narrativas sociais consideravelmente complexas.

À vista disso, certo de que estaria disposto a fazer realizar um dos meus mais desejados sonhos, que financiei com todos os instrumentos possíveis desde a graduação — dar continuidade à minha carreira acadêmica —, uni meu fascínio pela literatura marginal com enfoque em autoria feminina e afrodescendente com a possibilidade de estudar a relação entre história, memória e imaginário no *corpus* que esta pesquisa se debruçou, propondo à banca de avaliação do PPGLetras (Porto Nacional) o projeto que tinha por título provisório *Literatura pós-moderna e reminiscência afro-brasileira: o interlaçar do real ao imaginário em Ponciá Vicêncio (2003) e Becos da Memória (2006)*. Consequentemente, posterior à aprovação na seleção do mestrado, em reuniões com o orientador deste trabalho, foram-se propostas algumas alterações no projeto inicial dessa pesquisa, em que consistiam em pôr a noção de *escrevivência* como principal objeto de estudo desta dissertação, assim, oportunizando-nos analisar o *corpus*, cujo caráter é inteiramente escreviente, tendo como base o conceito que a própria autora cunhou, bem como o aprofundamento teórico da noção que realizamos e está apresentada como parte do primeiro capítulo dessa pesquisa.

Do ponto de vista pessoal e profissional, o estudo da obra com base no conceito me propiciou, enquanto professor, pesquisador e cidadão, uma maior compreensão tanto do universo literário contemporâneo como um contra discurso aos ditos que constroem as forças “inabaláveis” atribuídas ao cânone, como de uma noção mais vasta sobre o movimento antirracista, antipatriarcal, anticapitalista e outros — movimentos pelos quais milito desde a incipiência da minha formação crítica e que busco exprimir nos textos que produzo no interior da academia. Asseguro esta afirmação por acreditar que em *Becos da Memória* (2017), bem como em todas as obras da autora, a narrativa se desenvolve a partir de discussões e de personagens que por muito tempo foram mal discutidas [e quando foram], assim como mal representadas [e quando foram] e, portanto, sua discussão apresenta-se como imprescindível, em especial neste atual contexto da sociedade em que assistimos à uma onda violenta de constante ataques a homens e mulheres negras, pobres, periféricos, gays, lésbicas, travestis, transexuais e +, bem como uma sociedade inteira retardando discussões que estão constantemente se mostrando como urgentes.

Desse modo, escrevo este trabalho e reforço a minha insistência em lidar com as questões aqui abordadas por acreditar veementemente na capacidade que a ciência e o

conhecimento produzido por vias legais detêm em desconstruir barreiras resistentes que assolam a sociedade, impedindo-a de evoluir conscientemente. Escrevo ainda, concordando com Conceição Evaristo, mais precisamente com o que a autora afirma na epígrafe que selecionamos para iniciar este texto, pois, assim como a dela, a minha escrita, a minha prática docente e de produção de conhecimento científico está, para mim, como um dos meus principais instrumentos de luta contra as estruturas coloniais que ainda se personificam em diversas esferas da sociedade brasileira: na história, política, cultura e, principalmente, na educação.

O termo que utilizamos para viabilizar as análises dispostas em todo o corpo deste trabalho — *escrevivência* — assume uma natureza essencialmente descolonial, o que busco conscientemente efetivar em minhas atividades pedagógicas e outras de interesses afins. Conforme Mignolo (2008, p. 314), descolonialidade significa, para além de pensar em uma desconstrução da lógica hegemônica e epistêmica construída a partir dos pensamentos e linguagens ocidentais, “desvelar a lógica da colonialidade e da reprodução da matriz colonial do poder” (MIGNOLO, 2008, p. 314). Conceição Evaristo (1995), quando afirma que sua *escrevivência* não pode ser lida como uma atividade recreativa para os da casa-grande — referindo-se, no atual momento, àqueles que mantêm as forças dominantes e que, portanto, condicionam a existência dos dominados em diversos os aspectos —, mas sim para acordá-los de seu sono injusto, imbrica a matriz de sua produção na base da história que se impõe, ou ainda, é imposta como oficial, mas, por outro lado, se mostra inacabada, manipulada e excludente. Assim, assume que sua literatura tem também como objetivo, se não o mais importante, dissecar o fio colonial que ainda reverbera em muitas práticas sociais, sobretudo no que se refere ao processo de escrita, publicação e veiculação de pessoas negras ou pertencentes a grupos sociais de caráter minoritário.

Com isso, é pensando no espaço fértil e promotor de calorosas e necessárias discussões propostas pela expressão *escrevivência*, que este trabalho o qual intitulamos por *Considerações teórico-conceituais inerentes à escrevivência evaristiana em Becos da Memória (2017)*, emerge com objetivo de aprofundar os sentidos da noção de *escrevivência* cunhada pela autora da obra acima citada, ilustrando-a a partir do romance *Becos da Memória (2017)*; e, portanto, realizado por intermédio de pesquisas bibliográficas e documentais de natureza qualitativa.

Conceição Evaristo é uma escritora mineira que dedica seu talento a escrever sobre realidades muito conhecidas, no entanto, ainda pouco tratada em espaços públicos e culturais — quer seja pela complexidade, ou pelo desinteresse político e/ou social para com tais questões. Amplamente conhecida pela confusão proposital entre vida e ficção em que está submetida suas obras, esta autora é responsável pelo surgimento da noção *escrevivência*, que diz respeito à uma

aproximação entre vida e escrita, conceito cunhado em 1995 e que até os tempos atuais rende proveitosas discussões. Nesse sentido, uma vez que este trabalho problematiza os sentidos da citada expressão, do ponto de vista metodológico, a pesquisa partiria, inicialmente, de uma entrevista semiestruturada com Conceição Evaristo, em que fora aceita pela primeira vez em novembro de 2019 por sua equipe de comunicação, mas que, em decorrência da grande demanda na agenda da autora, pouco tempo depois, não pode ser realizada, como observado no trecho a seguir: “[...] infelizmente, devido ao acúmulo de trabalho se torna difícil para Conceição Evaristo atender às solicitações de pesquisadores [...] para entrevistas, orientações, responder questões para escrita de dissertações e teses etc.” (ACERVO PESSOAL, 2020).

No entanto, a literata aproveita o ensejo para agradecer nosso interesse pela temática seleta, apreciar nossas questões norteadoras e desejarmos uma boa pesquisa, vejamos: “Conceição Evaristo agradece sua deferência e o seu interesse em aprofundar os sentidos do termo ‘escrevivência’ utilizado por ela, [...] a escritora ressalta a pertinência de suas perguntas [...] e lhe desejamos êxitos em sua pesquisa” (ACERVO PESSOAL, 2020), conferindo-nos – não que seja necessário – uma aprovação e uma visão mais precisa¹ em relação ao caminho traçado para enveredar a presente pesquisa. Considerando-se também que utilizamos as questões do roteiro de entrevista que faríamos com a autora para direcionar este estudo, sendo as mais representativas delas: *a)* Como a senhora, precursora da expressão “escrevivência”, reconhece o uso dela hoje? É um gênero? Uma técnica? Uma categoria de análise?; *b)* A escrevivência tem como um de seus objetivos confrontar a história dos povos negros escrita pelos colonizadores? Se sim, por qual motivação?; *c)* Quais papéis, em caráter de relevância, são atribuídos à memória, história e ao imaginário no processo de feitura de uma escrevivência e por quê?

Desse modo, no que refere à estrutura organizacional desse texto, para além das unidades introdutórias, onde apresentamos um delineamento inicial em torno do que propomos aqui discutir; e conclusivas, em que expomos os posicionamentos finais obtidos posteriormente às análises tecidas no desenvolvimento deste trabalho, está metodologicamente organizado em três capítulos centrais, predispostos sequencialmente em:

¹ Uma vez que, para além de literata, Conceição Evaristo é mestra em literatura brasileira e doutora em literatura comparada, ambos os títulos defendendo interesses da afrobrasilidade, bem como atua como consultora de assuntos afro-brasileiros.

➤ **ESCRE(VIVER): ESCRITA, HISTÓRIA E VIVÊNCIA** – Tivemos como objetivo do presente capítulo propor discussões e apontar direcionamentos no tocante da escrita científica e literária de Conceição Evaristo, com enfoque no último elemento por se tratar diretamente do universo de estudo dessa pesquisa. Apresentamos, ainda, na dependência deste capítulo, quatro seções fundamentais, são elas: *a) Referencialidade histórica — a escrita de Conceição Evaristo*, em que por meio de uma abordagem sócio-histórica investigamos o contexto em que está inserida a escrita da autora para que, assim, consigamos entender com propriedade o cenário e as motivações que subsidiaram o surgimento do conceito de escrevivência; *b) Origem e maturidade da expressão escrevivência — uma análise cronológica*, onde tratamos entrevistas realizadas com Conceição Evaristo e publicadas entre os anos de 2015, 2017, 2018 e 2019 em que, ao construirmos um mapa tátil com tais documentos desenvolveu-se uma análise cronológica da noção de escrevivência partido do ano e local de surgimento, passando pela centralidade e desdobramentos do conceito ocorridos pela atuação da autora quem o cunha genuinamente; *c) Escrevivência — um conceito em expansão*, em que foi-se esquadrinhando os dissidentes caminhos tomados pela respectiva noção nos campos das ciências humanas e sociais por esforços de pesquisadores brasileiros e *d) Carta aberta à Conceição Evaristo*, que se trata efetivamente de uma carta direcionada à C. E. e aparece aqui apresentada como posfácio deste capítulo, onde comporta minhas proposições pessoais enquanto pesquisador, leitor e professor de literatura ao trabalhar com os textos de caráter escrevíveis, bem como justifico as escolhas temáticas aqui percorridas e defendo minha permanência nesta linha de pesquisa.

➤ **BECOS DA MEMÓRIA (2017): ABRIGO DAS ESCRIVIVÊNCIAS SUBALTERNAS** – O capítulo posterior fora construído com o intuito de, a partir do que se compreendeu da noção de escrevivência, suscitar questões referentes à obra *Becos da Memória* (2017), em relação a diferentes aspectos que vão desde o processo de escrita e itinerário de publicação aos movimentos de escolhas temáticas do romance, crítica, estratégias narrativas e segmentação das personagens que são apresentadas no interior da obra. Para tanto, o capítulo fora subdividido em quatro seções, nas quais apresentamos na seguinte sequência: *a) Becos da Memória (2017) — apresentação da obra e outros pontos*, onde foi realizada uma discussão preliminar do romance posto em questão com base em outros aspectos exteriores às relações técnicas como forma de emersão teórica e, portanto, ensaio para as discussões construídas em momentos subsequentes; *b) A construção de Becos da Memória (2017)*, nesta unidade, a partir de comentários especiais produzidos pela própria autora e dispostos na terceira edição da obra, realizamos um panorama de construção do romance desde os momentos iniciais de

ficcionalização a sua forma efetiva pós publicação, já que, para o que nos propomos, os dados [bibliográficos] também revelam importantes elementos para compreensão da escrevivência; c) *As personagens — performances extra ficcionais*, em que foi-se tecida uma análise das personagens expostas em *Becos da Memória* (2017), enveredando a discussão por teorias das personagens contemporâneas para que, com isso, possibilitasse-nos compreender como se é segmentada as personagens de uma escrevivência enquanto um texto ficcional que surge a partir de fatos reais, bem como os efeitos de sentido que elas atribuem aos romances evaristianos e, por último, d) *A narração — memória, identidade e desacordos na escrevivência*, na qual a partir da performance da narradora atuante no romance, esquadrihamos como ocorre o movimento de narração no contexto da escrevivência, bem como a autora a constrói como àquela que financia a formação da identidade das demais personagens, assim como sinaliza os desacordos tanto para com os modelos clássicos de narração, para com o que a pretensa história oficial afirma em relação a classes menos favorecidas socialmente que se constituem como objeto narrativo da narradora em questão.

➤ **DAS ACONTECÊNCIAS DO BANZO — UMA INCURSÃO HISTÓRICA AFRODESCENDENTE NA ESCRIVIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO** — Neste capítulo, teve-se por objetivo empreender discussões acerca das ocorrências sociais — vivenciadas por uma comunidade em diáspora forçada² — apresentadas no *corpus* textual em que se versa este trabalho, considerando que por meio delas são compreendidas as trajetórias das comunidades afro-brasileiras que desvelam a matéria da escrevivência e o rastro do banzo. Para tanto, fez-se necessário, para além de esquadrihar o sentido da expressão escrevivência, submeter em discussão, de igual maneira, o conceito de banzo. Por isso, apresenta-se a primeira seção do presente capítulo, intitulada *Do banzo e da escrevivência*, em que construiu-se uma revisão teórico-conceitual da expressão banzo que, por sua vez, tem origem ainda com tráfico negreiro e, ulteriormente, o coloca em diálogo com a noção de escrevivência por meio de suas aproximações e dissidências. Ambicionando situar a escrevivência de Conceição Evaristo como uma escrita que nasce rente à história e que impõe uma manutenção dela própria, em especial

² A noção de diáspora forçada é defendida neste texto como uma dispersão espacial e coata de um povo em torno do mundo. Em se tratando dos povos africanos, a diáspora na qual foram impostos inicia-se com o traslado transatlântico, em que os colonos portugueses os raptavam e traziam forçadamente nos porões dos navios negreiros a serem postos em condição de pessoas escravizadas em territórios brasileiros. A diáspora forçada dos africanos, assim como o próprio objetivo pela qual fora praticada, tem consequências diversas – tanto aos povos africanos, quanto aos nativos brasileiros –, tendo como as mais representativas delas o rompimento das identidades, políticas, culturais e religiões originárias, que com a chegada ao Brasil foram, em cumprimento aos objetivos dos colonos, esfaceladas.

no que diz respeito à história do afro-brasileiros, foi elaborada também a seção *Literatura&História: a afro-brasilidade em Becos da Memória (2017)*, na qual discutiu-se e analisou-se a escrevivência evaristiana a partir do entrelaçamento entre literatura e história, colocando-a como importante elemento para expansão da relação entre literatura e afrodescendência, onde os textos de Conceição Evaristo estão histórica e literariamente situados. Por conseguinte, apresentou-se a seção que encerra este capítulo, nomeada por *Rastros históricos na escrevivência de Conceição Evaristo*, na qual, uma vez sabido da aproximação inegável entre escrevivência, banzo e ancestralidade, traça-se uma incursão histórica afrodescendente por meio do conteúdo narrativo e pelos eventos narrados na obra *Becos da Memória (2017)*, tendo a retirada dos negros mantidos em situação de pessoas escravizadas da fazenda dos senhores do engenho e miséria experimentada pelas personagens no interior da periferia em que residem como ponto de partida para as análises.

Desse modo, a partir de uma atividade de articulação de todas as partes que compuseram este trabalho, além dos métodos e técnicas utilizados para efetivá-lo, foi possível verificar que a escrita de Conceição Evaristo, como a própria autora afirma, não nasce imune ao que ela é, tampouco ao que vive/eu individual ou coletivamente enquanto mulher negra provinda de classes populares. Assim, tanto as obras ficcionais produzidas no espaço literário, quanto as de caráter científico tecidas a partir da ambiência na crítica acadêmica, são assim feitas tendo como mote a própria vida, a sua e a de seus ancestrais e, uma vez sendo assim, recebem a nomeação de escrevivência, isto é, uma escrita visceralmente interligada à vida da(o) autora(or).

Nesse caminho, considerando que todo indivíduo é, de alguma forma, político-histórico, a escrevivência de Conceição Evaristo, como não poderia ser diferente, emerge com uma matriz fortemente histórica no sentido de um contradiscurso, ou seja, como uma cobrança de reajuste nos escritos considerados oficiais que, em decorrência da inoperância colonial, mostrou-se incapaz de contar a história do Brasil como realmente foi e não como uma espécie de revisionismo. À guisa de exemplificação, tem-se o romance *Becos da Memória (2017)*, o qual fora utilizado como ponto de partida para as discussões neste trabalho financiadas, já que este se constitui uma ilustração muito precisa da noção de escrevivência, uma vez que a forma que fora construído, o modelo peculiar de narração e a atuação das personagens, bem como as discussões temáticas suscitadas pelo enredo desvelam sujeitos e assuntos historicamente eclipsados. Conceição Evaristo as põe em suas narrativas como pessoas ativas que movem e são movidas pelo mundo e, portanto, acentuando seus devidos lugares na sociedade brasileira.

2 ESCRE(VIVER): ESCRITA, HISTÓRIA E VIVÊNCIA

Escrevo sabendo que estou perseguindo uma sombra, um vestígio talvez (EVARISTO, 2009).

Este capítulo tem por objetivo apresentar discussões e direcionamentos sobre a escrita ensaística e literária de Conceição Evaristo, priorizando, sobretudo, o último elemento elencado. Divide-se, portanto, em quatro seções, apresentadas sequencialmente em: *Referencialidade histórica — a escrita de Conceição Evaristo*, na qual se é propiciada uma conceitualização histórica da escrita da presente autora com finalidade de situar o leitor em relação ao ponto de partida e/ou motivação de sua ocupação literária que, conseqüentemente, orienta e modula suas produções e subsidia o surgimento da noção de escrevivência; *Origem e maturidade da expressão escrevivência — uma análise cronológica*, na qual realizou-se um estudo da noção especulada — que tem como precursora a autora da obra a qual este trabalho põe em discussão — a partir da concepção da própria autora, justificando, portanto, a opção por trabalhar exclusivamente com materiais produzidos por ela, em especial nos anos de 2015, 2017, 2018 e 2019 publicados em sítios especializados em literatura e/ou assuntos afins, tornando-se possível, com isso, compreender a construção e evolução da expressão. Por conseguinte, tem-se a seção *Escrevivência — um conceito em expansão*, na qual foi analisada a trajetória de expansão do então conceito nas áreas das ciências humanas e sociais, fazendo compreender como a referida noção atravessa o espaço da literatura para operar em demais áreas do conhecimento; e, por último, *Carta aberta à Conceição Evaristo*, a qual está disposta como posfácio do presente capítulo e apresenta um delineamento teórico-pessoal em relação às proposições do pesquisador responsável pelo desenvolvimento deste trabalho, sobretudo no que tange às motivações que levaram à seleção do *corpus* e discussões temáticas realizadas durante a tessitura da pesquisa.

Dito isso, cabe-nos ainda asseverar que o valor deste capítulo está centrado na máxima de que para se alcançar o objetivo o qual nos propomos, sobretudo considerando seu caráter investigativo, faz-se necessário, de início, discutir as seguintes questões com base no referencial compilado, são elas: Como é emergida a escrita de Conceição Evaristo? O que a autora objetiva? Qual o seu ponto de partida da criação literária?, pois, a partir disso, conseguiremos uma maior compreensão e propriedade teórica para desenvolver satisfatoriamente as demandas que se apresentarem [conscientemente] em momentos posteriores.

Isso posto, poder-se-á prosseguir para a leitura detalhada das seções referenciadas no prelúdio acima.

2.1 Referencialidade histórica — a escrita de Conceição Evaristo

A escrita de Conceição Evaristo, como bem é posto pela própria autora em uma entrevista concedida ao TvBrasil (2017)³, emerge a partir das experiências vividas tanto no plano individual, isto é, por ela mesma; quanto no plano coletivo, sendo essas representadas por episódios nos quais seus ancestrais, pai, mãe, avós, irmãs, tias, conhecidos e afins vivenciaram e que, de alguma forma, em larga medida pela oralidade, foi por ela contatada. A ocorrência acima lindada justifica, portanto, a nomeação “escrevivência” atribuída aos seus textos que, conforme poderá ser mais bem observado na próxima seção, surge como um texto visceralmente ancorado em um processo histórico, atingido por intermédio das experiências de quem a escreve.

Diante da leitura de suas importantes e sensíveis obras, é possível esquadrihar que a escravidão no Brasil — evento que marcou negativamente a história do país e que segue de maneira drástica, ainda na contemporaneidade, moldando as convenções sociais nos mais diferentes âmbitos — recebe uma atenção especial, uma vez que Conceição Evaristo revisita por fios de suas memórias as experiências passadas, vividas no curso do regime escravagista, para subverter no íntimo de suas narrativas o sistema opressor ainda em exercício. Conseqüentemente, no desenvolvimento dessa prática, a escritora labora de modo a abordar temas socialmente complexos e apresentar personagens historicamente perseguidos e invisibilizados, em razão de situações provenientes e/ou sucessoras à escravidão, de modo a causar inquietação no público leitor e na crítica literária — que prima pelo discurso canônico-colonizador. Pensando nisso, para se fazer compreender a relação estabelecida entre o período em questão e o ofício literário de Conceição Evaristo, procuramos situar historicamente a referência de escrita tomada pela autora, destacando elementos fundamentais para a discussão e entendimento de como situações vividas e/ou surgidas na escravidão aparecem de maneira tão íntima nas obras por ela assinadas.

Em *A escravidão no Brasil* (2010), uma das mais importantes obras do historiador brasileiro Jaime Pinsky, a escravidão é caracterizada pela submissão total de uma pessoa à outra — da pessoa negra à branca —, tornando-o, desse modo, propriedade do dominador, em que até a vontade do dominado está condicionada à autoridade do seu pretense possessor (PINSKY,

³ “Quando eu estou escrevendo e quando outras mulheres negras estão escrevendo, é... me vem muito na memória a função que as mulheres africanas dentro da casa-grande escravizadas, a função que essas mulheres tinham de contar história para adormecer os da casa grande, né? [...] a prole era adormecida com as mães-pretas contando história... então eram histórias para adormecer. E quando eu digo que os nossos textos... é... ele tenta borrar essa imagem. Nós não escrevemos para adormecer os da casa-grande, pelo contrário, para acordá-los dos seus sonos injustos”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6pCq9E-d8_o.

2010). Ao contrário do que circunda na imaginação⁴ de muitas pessoas em relação à escravidão, as práticas escravagistas não surgem em 1530, posterior ao “achamento”⁵ do Brasil (MENDES, 2004). Na antiguidade, por exemplo, sobretudo na Mesopotâmia e no Egito, já se mantinha o costume de seleções coatas de uma quantidade excessiva de homens, que uma vez recrutados, também forçadamente, eram-lhes atribuídos a incumbência das construções de obras públicas como templos e barragens. Todavia, estes cidadãos não eram vendidos ou trocados em razão de suas condições de pessoas escravizadas, como assim aconteceu em regimes mais severos, tal qual o posto em curso no Brasil desde as atividades coloniais (PINSKY, 2010).

Neste país, onde o regime teve sua mais cruel versão, a obtenção de pessoas a serem escravizadas acontecia, inicialmente, de maneira não sistemática, pois não se tinha como principal objetivo raptá-los, dado que as expedições portuguesas operavam no intuito de angariar, essencialmente, riquezas naturais. Ainda assim, no decurso deste processo, muitos nativos eram reclusos de suas liberdades e convívio familiar aleatoriamente, isto é, não havia precedentes de programação de tráfico dos africanos neste primeiro momento. Mais tarde, uma vez difundida a prática e a escravidão já brevemente instaurada, o tráfico de negros africanos por parte dos portugueses é mais bem estruturado, pois, agora, a captura e a submissão na condição de pessoas escravizadas configuravam-se como objetivo central das expedições portuguesas (PINSKY, 2010) e, portanto, dá-se início a uma fase duradora e sangrenta que ainda assombra a população negra brasileira em virtude do alto teor de violência exercida sobre ela no interior desse regime.

No sentido das atrocidades propagadas pelos colonizadores portugueses no período discutido, salienta-se que o tráfico, em específico, assume uma posição considerável no *ranking*, posto que nesse processo aconteceram fatos tão repudiantes quanto as situações que o sucederam. Este episódio aparece sempre, ainda que não explicitamente, nos textos de Conceição Evaristo; tanto como uma memória provinda do trauma, quanto uma que (re)existe em respeito aos que foram vitimados, ou ainda, como pontua Gagnebin (2006), como uma memória que trabalha no plano da elaboração e do luto, no intuito de obter compreensão e esclarecimento em relação ao passado e o presente. No poema *Vozes-Mulheres*, publicado como parte dos textos que compõe a obra *Poemas de recordação e outros movimentos* (2017), a autora

⁴ Esse conceito aparece aqui balizado na concepção teórica de Vygotsky (2011), que, em seus estudos relacionados ao imaginário, dissocia a relação existente entre imaginário e imaginação, firmando que enquanto o imaginário está para o social, portanto, socialmente construído, a imaginação, por outra via, está para o pessoal, não desconsiderando, contudo, o contexto sócio-histórico-cultural.

⁵ Justifica-se o uso de tal neologismo por acreditarmos que o Brasil não foi encontrado, bem como afirma a pretensa história oficial do país.

relembra criticamente tais acontecimentos ao cunhar: “A voz de minha bisavó / ecoou criança / nos porões do navio / ecoou lamentos / de uma infância perdida. A voz de minha avó / ecoou obediência / aos brancos-donos de tudo [...]” (EVARISTO, 2017a, p. 10-11). Nesse excerto é possível compreender o impacto que o tráfico negreiro ocasionou na vida das pessoas pretas; privando-lhes de suas vontades e culturas, submetendo-lhes em um regime no qual toda sua autenticidade e poder de escolha fora alunado em detrimento dos interesses dos brancos, além de evidenciar o longo período de duração da escravidão, que os tornaram vítimas comuns, conforme o eu-lírico presente no poema acima: a geração de sua bisavó, avó e filha, respectivamente.

Em relação à ocorrência acima discutida, Ribeiro & Silva (2017) declaram que o transporte feito de modo forçado dos africanos para as Américas compactuou diretamente para exploração disparada de mão de obra de milhões de pessoas negras. Esta prática, consequentemente, fez crescer — a partir de medidas desumanas — o desenvolvimento das sociedades americanas, e esteve rigorosamente associada ao processo de colonização e escravização das comunidades naturais da África.

Na concepção de Silva (2018), é nesse período que Portugal põe-se a praticar um dos maiores crimes contra a humanidade — o genocídio negro —, tal qual pode ser percebido no trecho apresentado a seguir: “ao raptarem os africanos, impedindo-lhes de viver em sua cultura e de praticarem suas crenças [...] os países europeus praticaram um genocídio cultural (*anulação de identidade*) e social (*segregação*)” (SILVA, 2018, s/p, grifo no original). Portanto, considerados os dados expostos, é possível compreender o esforço exercido por Conceição Evaristo em consagrar sua literatura como um espaço de memória ativa aos povos afro-brasileiros, uma vez que, dadas as condições, é imprescindível uma reconstituição e conservação da cultura e dos costumes de suas centralidades, as quais foram submetidas a um processo de ocultamento em razão dos interesses da escravidão.

Em *Recordar é Preciso* (2017a), poema de Conceição Evaristo, o eu-lírico poético propõe uma discussão, por meio de uma memória histórica, em torno da necessidade de uma retomada ao passado, especificamente aos episódios traumáticos financiados pelo tráfico de mulheres e homens negros da África para o Brasil, como pode-se observar na primeira estrofe do poema: “O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos / A memória bravia lança o leme:/ Recordar é preciso” (EVARISTO, 2017a, p. 28). Nestes versos, percebe-se um momento de reflexão por parte do eu-lírico em relação aos movimentos do mar, certamente o oceano atlântico, por onde os navios negreiros transitavam com os tumbeiros carregados de humanos como se não os fossem. Por conseguinte, nota-se uma alusão dos movimentos da água para com

os caminhos percorridos pelas lágrimas no rosto de quem vive no poema, como vê-se na segunda estrofe: “movimento vaivém nas águas-lembranças / dos meus marejados olhos transborda-me a vida, / salgando-me o rosto e o gosto” (idem, *ibidem*), inferindo ao leitor a existência de uma rememoração dolorosa. Em *Memória, História e Literatura na obra da escritora negra Conceição Evaristo*, Machado (2018) assevera que este intento reluz um elemento importante ao contexto do projeto de escrita de Conceição Evaristo, já que os trechos expostos acima evidenciam a relação entre “o mar e as lágrimas, entre o ser diaspórico e o sofrimento” (MACHADO, 2018), o que permite-nos reafirmar: a autora tem um especial interesse nas rememorações do tráfico negreiro como assunto-objeto de suas narrativas.

As atrocidades do regime escravagista no Brasil, por outro lado, não se limitaram ao cataclismo do tráfico, posto que as condições de trabalhos, estadia e relacionamentos sociais em que foram posteriormente submersas estas pessoas caracterizavam-se como igualmente deploráveis. Salienta-se, ainda, nesse caminho, que os efeitos do trabalho escravo, embora a opressão os fizessem vítimas comuns, tiveram consequências dissidentes para mulheres e homens, em especial quando se trata de demonstração de poder da parte do senhor para com a serva e o servo⁶, pois, para Giacomini (1988), as relações entre senhores e homens escravizados eram exercidas pela força; enquanto as relações entre senhores e mulheres escravizadas, embora também as fizessem acontecer pela força, exercia-se igualmente pela sexualidade.

Nesse período, a mulher negra posta em condição de escrava, para além de servir aos senhores dos engenhos enquanto trabalhadoras braçais não remuneradas, deveriam, ainda, entregar-lhes seus corpos, sob severas ameaças, tanto como ama de leite, quanto para satisfação sexual daqueles que se qualificavam como superiores, “pois a negra é coisa, pau para toda obra, objeto de compra e venda em razão de sua condição de escrava. Mas é objeto sexual, ama de leite, saco de pancada das sinhazinhas, porque além de escrava é mulher [...]” (GIACOMINI, 1988, p. 83). Portanto, observa-se que a escravidão para a mulher negra representou, para além da violência comum entre escrava e escravo, outras que recaíam exclusivamente sobre si, como a exploração sexual desenfreada e a violação de seus corpos.

Durante a instauração do regime escravagista no Brasil, como já pontuado anteriormente, o trabalho braçal fora tomado como ofício a ser desenvolvido exclusivamente por pessoas negras, sem restrições de gênero ou faixa etária. Consequentemente, dentro dessa

⁶ Reconhecemos a necessidade da neutralização de gênero nos textos de quaisquer natureza. No entanto, como a neutralização em “e” não é, infelizmente, gramaticalmente reconhecida e em “/” dificulta a leitura de pessoas com deficiência visual, pois os softwares atuais ainda não a leem, optamos por neutralizar em “ela e ele”, por isso, por diversas vezes neste texto aparecerá colocações nesse sentido.

lógica, as pessoas escravizadas eram divididas em duas especificidades de produção, sendo elas: as de ganhos administrativos e as das ocupações domésticas. O primeiro dizia respeito àqueles destinados a exercer a mão de obra em pequenos comércios e fazendas dos senhores; realizavam, portanto, colheitas, vendas, tratamento do solo, plantio, descarga e acomodação de mercadorias. O segundo, demasiadamente exercido por mulheres, se tratava da incumbência da higiene das casas dos “donos de tudo” (EVARISTO, 2017a)⁷, ama de leite, cuidado da família e dos filhos dos da casa-grande, contação de estórias de ninar para os filhos das sinhás, bem como outras atividades consideradas subalternas.

As mulheres que atuavam nas casas dos senhores, denominadas “escravas domésticas”, também eram nomeadas, mais comumente, inclusive, de *mucamas* ou *mucambas*, personagens muito presentes nos discursos de Conceição Evaristo. Para Brasil (2013), mais especificamente, as mucamas eram consideradas escravas de estimação das senhoras-dona, isto é, das brancas donas da casa e, também, das sinhás-moças — filhas das donas. Por não terem atividades assiduamente definidas durante a escravidão no Brasil, as mucamas desenvolviam ofícios diversos para além das já elencadas, por exemplo: servir de companhia para as donas de casa e suas filhas, acompanhá-las quando saíam e, ainda, auxiliar as senhoras com as costuras, bordados e outras vestimentas (BRASIL, 2013).

Em *Mucama permitida: a identidade negra do trabalho doméstico no Brasil*, Nogueira (2017) evidencia que mulheres negras e pobres, ainda na contemporaneidade, exercem o papel de servidão nos espaços históricos e sociais altamente desiguais nos mais diferentes aspectos. Essa situação se dá, ainda segundo a autora, porque a classe na qual se centra a discussão nesse momento — domésticas brasileiras — “representam uma forma de emprego que ainda carrega muito fortemente as relações de servidão reservadas a estas mulheres desde a colonização, antes como trabalho escravo, agora como trabalho remunerado” (NOGUEIRA, 2017).

Nesse caminho, as relações de servidão reservadas às mulheres negras durante o curso da escravidão, como bem é colocado por Nogueira (2017), impediram-nas de gozar de suas vontades recreativas e capacidades intelectuais, pois, como visto, as vontades das pessoas escravizadas eram anuladas em detrimento das vontades dos seus senhores. Consequentemente, essas experiências contribuíram de maneira maçante para que a mulher negra fosse estereotipada como aquela que toda qualidade se resume ou está pensada ao corpo, trabalho braçal, desejo sexual lascivo, dentre outros, desprovida de qualquer capacidade exterior às

⁷ A escritora mineira Conceição Evaristo utiliza tal denominação para fazer referência aos senhores do engenho que mantinham a prática de compra e venda de escravos no período discutido.

elencadas (OLIVEIRA, 2019) — produto do imaginário social em relação à mulher negra construído a partir da escravidão e situações provenientes.

O modelo de representação da mulher negra na contemporaneidade, que se manifesta a partir do que se construiu socialmente em relação a elas no período escravagista, é também um dos pontos de crítica notáveis nas obras de Conceição Evaristo. Sua literatura é profundamente marcada pela sua condição de mulher negra pertencente a classes populares, e invoca discussões ancoradas em situações intimamente associadas à escravidão, como a autora já pontuara em: “essa minha condição de mulher negra na sociedade brasileira [...] ela vai interferir no que eu quero narrar, como eu quero construir essas personagens, o que eu quero levar para o texto, o que eu acho que deve levar para o texto” (TV PUC — RIO, 2017).

Em vista disso, notabiliza-se que é certamente por essa razão que tanto em *Ponciá Vicêncio* (2003), romance pelo qual Conceição Evaristo se apresenta efetivamente ao cenário literário nacional com uma obra autoral, quanto em *Becos da Memória* (2006), *Olhos D’agua* (2014) e demais narrativas assinadas pela autora, as personagens femininas são segmentadas de maneira a subverter as condições e demandas que historicamente lhe foram dadas. Estas denunciam, conseqüentemente, a marginalização, a hipersexualização, o patriarcalismo capitalista, e outras mais situações degradantes que advém, potencialmente, do regime escravocrata posto em curso no Brasil e África.

Desse modo, pode-se constatar que a antologia de Conceição Evaristo é inteiramente marcada pelas memórias da escravidão, bem como por situações provenientes dela e que ainda se vigoram na atual conjuntura da sociedade brasileira. Nos dois romances mais lidos da autora presentemente discutida — *Becos da Memória* e *Ponciá Vicêncio* — é possível lobrigar esta afirmação de modo mais substancial, uma vez que ambas as narrativas convidam a discussões pertinentes, tais quais: diáspora forçada, memória social escravocrata, instrumentos de subalternização e invisibilização de classes populares pelos grandes centros e classes mais bem colocadas financeiramente, papéis e violências de gênero, dentre outras.

Em *Becos da Memória* (2017), por exemplo, o eu-lírico prosaico representado por Maria-Nova exerce um movimento de fricção entre as narrativas históricas supostamente prontas com as narrativas marginais surgidas na ambiência da periferia, de modo que outras surjam com um caráter contestador em relação ao que se afirmam oficialmente no tocante da formação dos povos negros no Brasil. O produto dessa vivência se configura, portanto, como um contradiscurso aos escritos históricos tendenciosos desse país, como pode-se perceber neste trecho onde a personagem está em uma aula de história percebendo a discrepância entre o que discursam falaciosamente e o que se é vivido de fato pelos negros: “Maria-Nova levantou-se

dizendo que, sobre escravos e libertação, ela teria para contar muitas vidas. Que tomaria a aula toda e não sabia se era bem isso que a professora queria. Tinha para contar sobre uma senzala que, hoje, seus moradores não estavam libertos, pois não tinham nenhuma condição de vida (EVARISTO, 2017b, p. 209).

Dito isso, cabe ainda ressaltar que a formação de Conceição Evaristo, tanto do ponto de vista profissional enquanto professora, escritora e pesquisadora; quanto pessoal, na qualidade de integrante da militância antirracista, é marcada pelas atrocidades decorrentes da escravidão, ocorrência essa que implica diretamente em como seus textos são produzidos na esfera científica e literária. Nesse sentido, é cabível também dizer que é ainda na infância que Conceição Evaristo, embora o registro a identifique como parda, se reconhece como uma menina negra. Sobre esta máxima, Conceição Evaristo declara que “impressionava-me desde pequena essa cor parda. Como seria essa tonalidade que me pertencia? Eu não atinava qual seria. Sabia sim, sempre soube que sou negra” (EVARISTO, 2009).

Nessa esteira, as experiências posteriores, em especial as que as foram apresentadas na ambiência escolar e na fase adulta, as fizeram compreender o que é ser negro no Brasil, motivando-a a ingressar em movimentos e coletivos antirracistas e, conseqüentemente, posicionar-se politicamente em defesa dessa e outras classes também marginalizadas em suas obras e demais espaços públicos.

Do ponto de vista autoral, o próprio exercício da escrita, sendo esse efetivado por uma mulher afro-brasileira, se constitui como afronta ao sistema, pois, segundo a autora, a imagem que se tem sobre a mulher negra é que “ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é uma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito” (EVARISTO, 2010)⁸, compreensão emergida após a instauração da escravidão. Nesse sentido, se antes a mulher negra jamais poderia dar-se o gozo da escrita, pois a elas era reservado tão somente a obrigatoriedade de contar histórias para adormecer os da casa-grande, hoje elas escrevem, em especial Conceição Evaristo, para acordá-los de seus sonos injustos (EVARISTO, 2010).

Em relação a este processo a autora pontua que:

O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e quando muito, semialfabetizados (sic), a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita? Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção de vida. [...] Em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos

⁸ EVARISTO, C. *Depoimento*. Entrevista concedida a Bárbara Araújo Machado. Rio de Janeiro, 30 set. 2010.

lugares ocupados pela cultura dominante, escrever adquire um sentido de insubordinação (EVARISTO, 2007, p. 20-21, grifo no original).

Em sentido amplo, no entanto, pode-se atentar que a escrita de Conceição Evaristo não se restringe a polarizar de forma exclusiva a dinâmica de sobrevivência e resistência feminina diante uma sociedade aberta e agressivamente patriarcal, como poderá ser percebido na seção que apresentaremos a seguir. Para Duarte & Lopes (2018), a produção de Conceição Evaristo, desde meados dos anos 90, transita entre poemas, contos e romances privilegiando a “abordagem dos dilemas identitários dos afrodescendentes em busca de afirmação numa sociedade que os exclui e, ao mesmo tempo, camufla o preconceito de cor” (DUARTE & LOPES, 2018). Em vista disso, é possível perceber que Conceição Evaristo, no processo de escrita literária e ensaística, opera de maneira a legitimar existências de sujeitos que por muito tempo foram expostos ao ocultamento social.

Baseado nisso, Oliveira (2009a) considera que as obras da autora são habitadas por “excluídos sociais (“*lumpesinato*”), dentre eles favelados, meninos e meninas de rua, mendigos, desempregados, beberrões, prostitutas, “vadios” etc.” (OLIVEIRA, 2009a, grifo no original). Essa assertiva, por sua vez, pode ser mais bem constatada na carta de apresentação da terceira edição da obra *Becos da Memória* (2017b), a qual aparece sendo publicada em homenagem aos “*bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos de minha memória. [...] às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas, suadas, negras, aloiradas de poeiras do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela*” (EVARISTO, 2017b, p. 17, grifo nosso).

Ainda nesse trajeto, ao analisar o projeto-escrita de Conceição Evaristo, Oliveira (2009) pondera que esta é constituída por um fio pelo quais são conduzidas as memórias da autora e se inter cruzam três elementos primordiais: corpo, condição e experiência. Para ele, “o lugar de enunciador mostra-se solidário e identificado com os menos favorecidos, vale dizer, sobretudo, com o universo das mulheres negras” (OLIVEIRA, 2009b). No entanto, embora a escrita em questão seja ambientada comumente pelas “caracterizações físicas, psicológicas, sociais e econômicas” de personagens femininas, é importante salientar que o projeto de escrita da autora não se restringe a somente elas, pelo contrário, incluem-se tantos outros sujeitos marginalizados. O romance *Becos da Memória* (2017), por exemplo, é a ilustração mais bem explicativa desse processo de inclusão de classes minoritárias na escrita literária; percebe-se um esforço visceral por parte da narradora em incluir e visibilizar personagens historicamente perseguidos, pois, segundo ela, a presente narrativa contempla “homens, mulheres, crianças que

se amontoaram dentro de mim como amontoados eram os barracos da minha favela” (EVARISTO, 2017b, p. 21).

Diante disso, considerada expressa a referencialidade histórica da escrita de Conceição Evaristo, poder-se-á avançar para a seção intitulada *Origem e maturidade da expressão escrevivência — uma análise cronológica*, na qual realizou-se uma análise das entrevistas realizadas com a autora, nas quais são discutidas os sentidos da noção de escrevivência.

2.2 Origem e maturidade da expressão escrevivência — uma análise cronológica

Em 1995, a expressão *escrevivência* foi utilizada pela primeira vez por uma escritora negra, proveniente de família de mulheres de classe média baixa e afrodescendentes que, não diferente da maior parte delas, é marcada profundamente pelo açoitamento histórico brasileiro, pelo ringir de dentes e gritos que ecoaram dos porões do navio negreiro, bem como pelos chicotes que assinaram forçada e agressivamente seus corpos (EVARISTO, 2017c), assombros provindos das memórias traumáticas da escravidão.

Acompanhada das sentenças “história de ninar”, “incomodar”, “casa-grande” e “sonos injustos” a expressão *escrevivência* despertou certa inquietação social, ganhando espaço na mídia e tornando-se objeto de pesquisa de estudiosos de diferentes áreas do conhecimento. Desde então, pôde-se notar que muitos materiais passaram a ser produzidos a partir da recém surgida expressão *escrevivência*, não somente associada aos textos da Conceição Evaristo, mas ainda de outras e outros autoras e autores, conforme poderá ser observado na seção *Rastros da escrevivência — Um estudo cronológico*, a ser apresentada. Ainda neste espaço, é perceptível que há uma quantidade significativa de literatura, disponibilizada em periódicos científicos e em outras publicações, em relação ao que nos dedicamos a estudar aqui, que parte do princípio da noção de *escrevivência* como base para análise do texto literário, enquanto o conceito, propriamente dito, ainda se é pouco explorado e, portanto, compreendido.

Por ser assim, elencamos como principal objetivo dessa seção analisar as conceitualizações de *escrevivência* propiciadas por quem o assina primordialmente — Conceição Evaristo. Para o que nos propomos, realizaremos buscas em entrevistas concedidas pela autora e publicadas em plataformas digitais — priorizando o YouTube. No entanto, foram consultadas também entrevistas e depoimentos produzidos pela literata divulgados em seu blog particular, revistas e outros sites especializados em assuntos literários.

Por conseguinte, iniciou-se a etapa de transcrição e organização das entrevistas compiladas em áudio-vídeo e compôs-se um mapa tático⁹ que facilitou o processo de análise e discussão dos dados, bem como a estruturação das entrevistas em ordem cronológica — levando em consideração a data/ano de publicação, as quais se iniciam timidamente em 2015 e desenvolvem-se em 2017, 2018 e 2019. Assim, foi-se possível identificar as alterações ocorridas durante o processo de fomentação do conceito, principalmente no que tange ao que permaneceu e ao que se modificou com o avanço dos estudos de compreensão do vocábulo em questão, recorrendo às palavras da autora; termos e percepções que foram utilizados inicialmente e passaram a não mais serem reproduzidos nas conceitualizações posteriores, bem como a consciência de como a referida noção se encontra hoje e suas possíveis transições.

Nessa esteira, consideramos pertinente ressaltar que as análises foram realizadas exclusivamente pelo que foi dito ou escrito por Conceição Evaristo em relação ao conceito que tematiza este trabalho, ocorrendo, por esta razão, a ausência de referências e/ou citações externas no interior dessa seção. No entanto, dentro das possibilidades que nos foram apresentadas, outros trabalhos desenvolvidos a partir das noções identificadas por intermédio das discussões proposta neste documento foram sinalizados em nota de rodapé, para que possam ser contatados em sua integralidade. Ao optarmos por laborar apenas com materiais produzidos pela própria autora não temos por propósito excluir outros já realizados e que não tenham a então romancista como assinante da pesquisa. Buscamos, sim, angariar uma maior compreensão do que de fato se trata o termo e, ainda, como se segmenta e evolui a partir da ótica de quem intencionalmente subsidiou o surgimento, posto que na seção seguinte a referida noção será discutida sob a perspectiva de outros teóricos e em ambientes curriculares diversos.

O uso inaugural da expressão *escrevivência*, por Conceição Evaristo, de acordo com o que se é observado a partir das análises de suas próprias declarações nas entrevistas compiladas para o desenvolvimento dessa pesquisa, é ambientado em um contexto impreciso no que diz respeito à sua apresentação enquanto um conceito, tal qual vem sido interpretado por parte da crítica acadêmica que tem seus textos como objeto de estudo, bem como pela própria autora — por influências de pesquisadores, como poder-se-á observar em discussões posteriores.

A noção de *escrevivência* é constituída, de certa forma, de modo intencional, posto que a escritora que o cunha não pretendia fomentar a existência de um conceito, tal qual pode se constatar na colocação da literata em entrevista a Soares & Ruiz (2017). Ao questionarem como

⁹ Tratou-se da construção de um mapa alimentado pelas entrevistas coletadas para fomento desta etapa da pesquisa, o qual possibilitou a administração das informações e o manejo das entrevistas transcritas de modo mais preciso e organizado.

surgiu e o que este conceito significa, tem-se como réplica: “Eu já tinha experimentado esse “escreviver” na tese que depois se transformou em “escrevivência”. Mas quando comecei a trabalhar com esses termos, eu não tinha intenção nenhuma de criar um conceito” (SOARES & RUIZ, 2017).

As produções de Conceição Evaristo, quer seja do ponto de vista científico, quer seja do ponto de vista literário, é passível de uma síntese poética que acentua suas criações ente vida real e ficção. Decerto, esta ocorrência se dá porque a autora não hesita em afirmar e assevera insistentemente que sua “criação surge marcada pela minha condição de mulher negra na sociedade brasileira” (TV PUC — RIO, 2017), o que não permite, portanto, que a autora se desvencilhe de sua realidade social, mesmo quando está a ficcionalizá-la.

Este fenômeno, por sua vez, serve-nos como um elemento imprescindível para compreensão da origem da noção de escrevivência, uma vez que, se realidade e ficção é uma dicotomia constantemente explorada por Conceição Evaristo, obviamente seus textos não estariam imunes à observação social da própria vida e da existência humana. Para Ribeiro & Pitasse (2018), a artista afirma que o conceito de escrevivência não nasce como o conhecemos hoje, isto significa que há um processo de maturação dessa noção — é o que pretendemos analisar neste trabalho. Na mesma entrevista, a escritora assegura que desde o ano de 1995 ao período atual dedicou-se a trabalhar com trocadilhos de palavras que indicariam, tempo depois, a existência de um conceito. Vejamos: “Eu tenho trabalhado com isso desde 1995, com a minha dissertação de mestrado, em que eu faço um jogo com as palavras: escrever, viver, se ver, escrever vivendo, escrever se vendo. Depois surge o termo ‘escrevivência’” (RIBEIRO & PITASSE, 2018).

A afirmação anterior, para além de evidenciar que a expressão aqui problematizada nasce de jogos de palavras que constroem um efeito de sentido que beira uma escrita que surge de si e da vida, apresenta-nos uma informação pertinente para atingir o que nos propomos: uma ideia cronológica da maturação da expressão. A autora assegura, como vimos em ambas as entrevistas apresentadas, que antes de tornar-se um conceito autoral, o que conhecemos por escrevivência, antes foi “escreviver”, “escrever se vendo”, “viver” e demais outras expressões neste campo semântico e, posterior a isso, ganha formas mais precisas em um seminário formado por mulheres negras, em que Conceição Evaristo escreve: “A nossa escrevivência não é para adormecer os da casa grande, mas sim para acordá-los dos seus sonhos injustos” (RIBEIRO & PITASSE, 2018).

Esta escrevivência, conforme a autora, tem como plano de fundo a imagem das mucambas e/ou das mãos pretas contando estórias como fonte de entretenimento para aqueles

que ocupavam a casa-grande. Consoante à Conceição Evaristo, as mucambas eram apresentadas como “uma mulher que tinha o corpo escravizado, mas também a palavra domada, cerceada” (RIBEIRO & PITASSE, 2018); isto é, a estas mulheres o poder da palavra era limitado e encerrava em si mesma. Neste espaço [escrevivência] criado pela autora, estas mulheres podem falar a partir de seus anseios e subjetividades, projetando seus discursos como um contra-argumento à falácia da supremacia patriarcal, escravagista e colonial. Sendo assim, essa escrevivência não pode ser, sob hipótese alguma, tomada como fonte de conforto àqueles que alimentam a ideia da inferioridade racial e de gênero, tal qual aconteceu em inúmeros momentos cruciais da história do país — e ainda seguem acontecendo nos tempos atuais —, mas, sim, para incomodá-los.

Além disso, observa-se que a noção de escrevivência nasce também, para além de uma alternativa possível de rasurar o imaginário social difundido em torno de mulheres e homens negros, como constado em informações mais tarde analisadas, como um exercício de empatia a estas mesmas pessoas que vivem ou viveram em sociedades brasileiras. As escolhas temáticas presentes nas escrituras de Conceição Evaristo servem-nos como uma ilustração a essa assertiva, uma vez que a escritora tanto em suas obras literárias — *Becos da Memória* (2006); *Ponciá Vicêncio* (2003); *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016) e outros títulos — como na produções acadêmicas, seja em *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996), título dado a sua dissertação de mestrado defendida na PUC-Rio, ou em *Poemas Malungos — Cantigos irmão* (2011), titulação de doutoramento na UFF, a escritora dá forma ao seu ofício aventurando-se em realidades suas e de outros como um exercício de alteridade. Tal qual ela assevera no posfácio de um de seus livros: “estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas” (EVARISTO, 2016, p. 7). Ainda sobre isso, a autora afirma que “essa empatia é construída pela minha condição de mulher negra, de sujeito negro, de negra, contaminada por textos que me falam particularmente pela função de eu ser descendente de povos africanos” (SOARES & RUIZ, 2017).

Diante disso, nota-se que há um processo de fundamentação da noção de escrevivência, no qual, como vimos anteriormente, este nasce sem a pretensão de colocar-se como uma noção e a partir de expressões que fazem menção à vida e à escrita — ainda na dissertação de mestrado de Conceição Evaristo — e, posteriormente, passa a ser reconhecido como tal em um seminário em que a autora participava como conferencista. Desde então, ainda que timidamente, observa-se que o termo escrevivência vai tomando profundidade teórica à medida que Conceição

Evaristo discute-o com outros estudiosos e, ainda, com a atuação de pesquisadores que se propõe a encará-lo como seu objeto de estudo.

Nesse caminho, ainda que o conceito tenha surgido em 1995, inicialmente na dissertação de mestrado da autora e, posteriormente, sob um arcabouço teórico mais consistente, em um seminário de mulheres e literatura, é somente em 2015 — coincidentemente um ano antes da publicação original da obra *Histórias de leves enganos e parecença* (2016), também de sua autoria — que as discussões envolvendo a noção de escrevivência aparecem timidamente nos ambientes literários, sendo essa máxima percebida pelo pouco número de materiais produzidos e publicados envolvendo o uso da referida noção.

Nesse sentido, nota-se que em 2015, período representado pelo estágio de pré-maturação da expressão, as conceitualizações propiciadas por Conceição Evaristo assumiram um caráter consideravelmente amplo e pouco profundo, pois, sinteticamente, se é afirmado que escrevivência diz respeito a um modelo de escrita que tem como mote a própria vida, seja ela de quem for. A princípio, não é expressa nenhuma especificidade ou limitação de gênero, faixa etária e outras, em torno do conceito, como pode ser conferido na seguinte contribuição: “A escrevivência é uma escrita que ela é retirada realmente... é... da vida. Tudo que está aí é inventado a partir da vida” (CANAL SAÚDE OFICIAL, 2015).

É evidente que as conceitualizações e discussões sobre a noção de escrevivência no ano de 2015 são marcadas pela pouca desenvoltura — no tocante à quantidade e qualidade de elementos característicos da escrevivência — em relação às demais entrevistas compiladas dentro do recorte temporal em que atua a presente pesquisa. No entanto, ainda que assim caracterizadas, as informações são suficientemente necessárias para a compreensão preliminar do que se trata o respectivo termo, pois desperta a capacidade de assimilação das qualificações incluídas e, por vezes retiradas, da raiz dos conceitos expressos nas informações disponibilizadas em anos posteriores.

Nas informações propiciadas por Conceição Evaristo e trazidas na entrevista publicada pelo Canal Saúde Oficial (2015), é apresentado um elemento crucial para compreensão do texto escreviente¹⁰, pois, tendo como base a assertiva da autora, pode-se perceber que a noção de escrevivência no ano de 2015 fora defendida como o processo de escrita “inventado” a partir da vida humana. Portanto, não há nenhum compromisso efetivo com a realidade vivida no ato da descrição das experiências, o que concede ao escritor(a) a liberdade criativa para escrever e inventar aquilo que é conveniente e/ou necessário em seu ofício — obviamente sem deixar de

¹⁰ Utilizamos esse termo e o colocamos como um possível desmembramento do conceito de escrevivência, para referirmos aos textos que tenham uma natureza apontada para escrevivência.

considerar o fio factual dos objetos e fatos ficcionalizados, por tratar-se de um texto que nasce da existência individual e coletiva de quem o escreve.

Noutro momento, em entrevista à UEMG Unidade Davinópolis (2015), a autora reafirma a colocação anterior, no entanto, proporcionando uma conceitualização da noção mais detalhada, vejamos:

C. E. — [...] aí eu usei o termo *escrevivência*, que na verdade quando eu usei *escrevivência* estou dizendo de uma escrita que nasce realmente de uma vivência, que não precisa ser minha vivência particular, né? É a vivência da comunidade, é a vivência do amigo que conheço... e que acabo também projetando como a minha vivência, a partir da experiência, né? [...] Mas *escrevivência* é isso, é essa escrita marcada pela vivência, que é marcada pela sua experiência (UEMG UNIDADE DAVINÓPOLIS, 2015).

Os discursos da autora nos recortes expostos acima apresentam uma visão ampla e explicativa sobre a estrutura basilar da expressão, em especial quando C.E. salienta que o citado conceito se trata de uma nomeação dada às escrituras em que os fenômenos e os objetos narrados são extraídos do íntimo das experiências dos sujeitos e, posteriormente, são rerepresentados no plano ficcional. Todavia, é possível perceber, particularmente na última entrevista apresentada, que não se trata tão somente das experiências da pessoa que as escreve, isto é, na *escrevivência* também podem ser escritas vivências externas à da autora ou do autor, como exemplo, as de um amigo, do pai, da mãe, das avós, dos vizinhos¹¹, dentre outros. Desse modo, quem assim o faz, na qualidade de autora ou autor de uma *escrevivência*, antes de iniciar o exercício da escrita deve colocar-se na posição de observador; se propõe a reconhecer a realidade; contatá-la; para então portar capacidade suficiente para transportá-las para ficção (UEMG UNIDADE DAVINÓPOLIS, 2015).

Sobre este posicionamento, em entrevista ao canal oficial da Universidade Estadual de Minas Gerais — UEMG, a autora utiliza da fala do escritor angolano vastamente conhecido pelo pseudônimo de Pepetela (1941) para explicar o processo de representação das experiências trazidas do plano real para o fictício — no que se refere à construção da *escrevivência*. Vejamos na fala a seguir:

C. E. — [...] quando você fala *escrevivência* você pode pensar no que o Pepetela diz quando ele diz que só escreve ficção quem conhece a realidade. Quando a menina que trabalha do tribunal, alguma coisa assim... [buscando a congressista na plateia] quando ela diz que leu os textos pensando que fosse verdade, que os personagens ali só tinham mudado os nomes porque isso ela encontra nos relatórios dela... então *escrevivência*

¹¹ Justifica-se, pois, a referência a esses entes pela frequência em que são postos nas *escrevivências* de Conceição Evaristo.

é isso né... agora é você aproveitar essa vida e transformar essa vida em ficção, em literatura... eu acho que aí é que é o barato ou o caro da coisa, né? (UEMG UNIDADE DAVINÓPOLIS, 2015).

Diante disso, vê-se que desde as primeiras tentativas de conceptualização da expressão escrevivência já havia uma preocupação premente em relação à posição da escritora e do escritor do texto escreviente. Tendo como fundamento as declarações que Conceição Evaristo expõe às entrevistadoras e aos entrevistadores nos documentos que serão aqui tratados, nota-se que o local de observação e a capacidade de ficcionalizar fatos reais daquela ou daquele que escreve é um diferencial nas escrituras de natureza escreviente, pois, embora a autora ou o autor tenha liberdade quanto à invenção — como vimos nas primeiras entrevistas — o que se é criado não pode se distanciar totalmente da realidade, uma vez que este texto tem sua raiz fortemente imbricada na vida factual e, por isso, nomeado de escrevivência.

No que se refere ao desenvolvimento do conceito posto em pauta, salienta-se que em 2017, diferentemente do que se é percebido em 2015, o conceito de escrevivência foi sendo construído sob formas mais bem estruturadas, conseqüentemente evidenciando novos elementos e direções. Esta ocorrência fora motivada pelas exigências de pesquisadores que, após a midiatização da expressão, passaram a reivindicar com muita frequência que a escritora a contextualizasse com mais exatidão, como pode ser depreendido em: “[...] mas quem diz que eu criei um conceito, quem tem procurado este conceito são os pesquisadores, tá? Porque pesquisador é cheio de mania, você fala uma coisa e aquilo tem que ter aquela é... exatidão [...]” (UEMG UNIDADE DAVINÓPOLIS, 2015), declaração propiciada pela autora em uma entrevista vinda a público no ano de 2015.

Contrapondo as informações constantes nas entrevistas compiladas no ano de 2017 às de 2015, percebe-se que há uma especificidade entre as conceitualizações. Sobretudo se levado em consideração que: se em 2015 a referida expressão se tratava da escrita de experiências extraídas do plano real para o fictício — tendo como referências as vivências individuais e/ou coletivas —, em 2017, ainda que se prevaleça a essência, pois também diz respeito à escrita das experiências, outros elementos que não foram apresentados nas discussões anteriores permeiam mais fortemente a respectiva expressão, tais como: questões de raça e gênero, subversão ao imaginário difundido em relação às mulheres negras no curso do período escravocrata; humanização às classes historicamente desfavorecidas, dentre outras¹².

¹² De certa forma, essas questões sempre estiveram presentes no conceito de escrevivência, desde quando Conceição Evaristo utiliza-o pela primeira vez em 1995. No entanto, observa-se que, de 1995 a 2015, tais discussões não foram devidamente aprofundadas, aparecendo com maior afinco somente em 2017, como vê-se nas entrevistas que utilizamos para ampliação teórica do respectivo conceito.

Ao site *Mulheres que Escrevem*¹³, após ser surpreendida com a proposta de discorrer sobre seu projeto literário, Conceição Evaristo avalia sua escrita do ponto de vista que extrapola a criação artística e, portanto, analisando também as produções críticas-científicas, argumentando que: “eu digo que tudo que escrevo, seja de um ponto de vista crítico, como pesquisadora, ou de um ponto de vista da criação literária, é profundamente marcado pela minha condição de mulher negra na sociedade brasileira...” (IMBUZEIRO, 2017).

Esta condição de mulher negra proveniente de classes populares a qual Conceição Evaristo se refere atravessa a segmentação da noção de escrevivência que, conforme pontuado outras vezes pela autora, tem auxiliado mulheres negras a ocuparem cada vez mais espaços nos ambientes literários. Nesse sentido, nota-se que esta nomeação permite o exercício da escrita às mulheres pertencentes a classes populares, as quais por muito tempo tiveram este direito quase sempre negado e, quando não, era proposto como exercício de entretenimento aos filhos dos senhores da casa-grande (EVARISTO, 2017c, n.p).

Nessa mesma linha de raciocínio, após ser questionada sobre como essa prática de escrita — escrevivência — poderia auxiliar e/ou visibilizar mulheres negras, tanto na condição de escritoras, quanto como leitoras, a literata assegura que:

C. E. — O que tenho percebido é o seguinte: essa “escrevivência” tem ajudado outras mulheres a se perceberem. Percebo cada vez mais que, na medida em que essas mulheres se encontram nos meus textos e encontram os meus textos, elas se apossam da vida com muito mais certeza. Acho que a minha escrita tem possibilitado que essas mulheres acreditem mais em si mesmas, que se reconheçam, que sabemos ser muito difícil (REVISTA CONEXÃO LITERATURA, 2017).¹⁴

É possível observar nos fragmentos apresentados que Conceição Evaristo introduz questões referentes à feminilidade afrodescendente à raiz da noção de escrevivência, o que se configura como a primeira especificidade identificada nas conceitualizações dispostas em 2017, sobretudo em relação às denotadas no ano de 2015. Este episódio, por sua vez, não pode ser compreendido como mera ocorrência, pois não é somente na entrevista concedida ao site *Mulheres que Escrevem* (2017) que a autora evidencia traços feministas no âmbito da discutida noção, tampouco à Revista Conexão Literatura (2017). Essa afirmativa reaparece n’outras entrevistas realizadas com autora e publicadas dentro do espaço-tempo que esta pesquisa

¹³ Disponível em: <https://medium.com/mulheres-que-escrevem>.

¹⁴ Em *Escrevivências sobre mulheres negras acompanhadas pela proteção social básica — uma perspectiva interseccional*, Soares (2017) opera a citada pesquisa sob esta visão.

propôs-se analisar, tal qual poderá ser constatado nas próximas discussões a serem apresentadas.

Após ter afirmado que no centro da expressão *escrevivência* há uma intensa preocupação em relação às experiências de mulheres negras. No mesmo ano, em depoimento ao jornal *El País* (2017), Conceição Evaristo explica como acontece o processo de escrita de outras experiências a partir da sua compreensão de mulher negra na sociedade brasileira, evidenciando, com isso, a estreita relação existente entre afrobrasilidade e *escrevivência*. Vejamos:

C. E. — *Escrevivência* a gente pode pensar em uma escrita que é profundamente comprometida com a vida, é profundamente comprometida com a vivência, é... mesmo no processo de funcionalização eu vou ficcionalizar a partir de fatos, de situações reais, que podem ser da minha vivência ou não, que podem ser em função da minha história particular, como pode ser da minha história coletiva e sempre em uma escrita marcada pela minha condição, pela minha vivência de mulher negra na sociedade brasileira (EL PAÍS, 2017).

Diante disso, utilizando as obras de Conceição Evaristo para fins de explicação da assertiva anterior, compreende-se que os fatos ficcionalizados em seus textos, essencialmente os de caráter literário, são pensados a partir da vida — o que é apontado desde as primeiras conceitualizações da expressão. Por ser assim, significa também dizer que, sendo ela uma mulher negra vivendo na sociedade brasileira, o processo de recepção e filtro dessas experiências — uma vez que para a referida autora este é o elemento que precede a descrição e ficcionalização — opera a partir da realidade cotidiana em que se é submersa esta classe de mulheres, bem como o que seu legado histórico as permite conhecer. Sendo assim, mesmo no ato de escrita d’outras vivências exteriores às da escritora, a condição feminina se faz presente como parte íntima e fundamental da narrativa, atuando como mediadora das discussões propostas, bem como das pautas levantadas e construções representativas e autorrepresentativas das personagens.

A discussão entre *escrevivência* e mulheres negras reaparece de maneira mais robusta em *Conceição Evaristo: “minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra”*, também publicada no ano 2017, pelo canal Juliana Lima. Ao ser indagada sobre o que significa *escrevivência*, Conceição Evaristo, além de apontar o possível ano e local de surgimento, justifica a necessidade e a motivação pela qual faz surgir a expressão, possibilitando compreender a introdução e a condição de mulher negra em que estão envolvidos seus textos. Nessa esteira, a autora alega que este conceito emerge “fundamentado no imaginário histórico que eu quero borrar, rasurar. Esse imaginário traz a figura da ‘mãe preta’ contando histórias

para adormecer a prole da casa-grande, e é uma figura que a literatura brasileira [...] destaca muito” (LIMA, 2017, grifo no original).

Esta relação, portanto, está fundamentada a partir de situações vividas por mulheres negras no período escravagista posto em curso no Brasil, onde os papéis sociais destinados a esta classe se tratavam sempre de exercícios subalternos, como cuidar da família dos donos dos engenhos, servir sexualmente os senhores e iniciar seus filhos, atuar como mãe preta e/ou ama de leite e ainda, como Conceição Evaristo comumente cita, contar histórias para adormecer os da casa-grande (EVARISTO, 2017c). No contexto da atual conjuntura da sociedade brasileira, essas atribuições são maquiadas — muitas delas até reconhecidas como legais perante a lei —, funcionando como mecanismos de submissão e redução da capacidade feminina, colocando-as, portanto, sempre em situação de subalternidade social.

Desse modo, é a partir dessas ocorrências que a escrita de Conceição Evaristo se constitui, propositalmente, como uma subversão ao sistema escravagista, como também ao imaginário que é criado sobre mulheres negras nesse período e que ainda se perpetua na contemporaneidade. Para Conceição Evaristo, o imaginário social da mulher preta na atual conjuntura da sociedade ainda é fundamentado pelo que foi criado na escravidão, podendo essa assertiva ser melhor delineada em: “a mulher negra ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é uma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito” (EVARISTO, 2010). A colocação da autora coaduna, consequentemente, com o que fora afirmado por Hooks (1981, p. 5) ao discorrer sobre as lutas e as identidades das mulheres negras: “mulher branca pode ao menos alegar para si a sua própria emancipação; já as mulheres negras, duplamente escravizadas, podem senão sofrer, lutar e ser silenciosas” (HOOKS, 2019a, p. 5).

Além disso, os comentários de Conceição Evaristo na presente entrevista denunciam ainda a maneira pela qual as mulheres negras, em especial no Romantismo e no Modernismo, são representadas na literatura, pois, quando são, assumem, quase sempre, posições que as inferiorizam e fazem claras referências aos ofícios atribuídos a elas durante a escravidão. Sobre a citada ocorrência, em entrevista a Soares & Ruiz (2017), a escritora fundamenta sua crítica afirmando que:

C. E. — Na literatura brasileira, no Romantismo e no Modernismo, você vai encontrar principalmente poetas relembrando as mães pretas deles e de uma saudade das mães pretas contando histórias. Em “Mãe Maria”, um conto de Olavo Bilac, ele lembra até a tonalidade da voz da mãe preta, e fala da saudade que ele tem dessa mãe preta e que era uma mulher que apaziguava os filhos da casa grande e não podia nem ter conhecimento dos seus filhos (SOARES & RUIZ, 2017).

Embora a romancista se refira a ambos os movimentos literários — Romantismo e Modernismo — de maneira específica para referenciar ao modo de representação de mulheres negras nos respectivos períodos, é utilizado como ilustração da assertiva o conto *Mãe Maria*, publicado como parte da obra *Contos Pátrios* (1961), do escritor brasileiro Olavo Bilac, no qual há fortes referências ao período escravocrata, em especial aos papéis das mães pretas. É extensa a lista de obras difundidas em ambas as escolas, ou ainda na literatura brasileira propriamente dita, que representam a mulher negra sob esta mesma perspectiva, não sendo Olavo Bilac uma exclusividade.

Dessa forma, pode-se compreender, agora mais evidentemente, que a noção de escrevivência no ano de 2017, de acordo com a autora, teve como um dos objetivos — arriscamos dizer que o mais importante — a incumbência de subverter, rasurar, invalidar a condição de passividade que é posta forçadamente a esta classe de mulheres que vivem em situações periféricas e à margem da sociedade capitalista¹⁵, como pode ser percebido em: “quero rasurar essa imagem da ‘mãe preta’ contando história. A nossa “escrevivência” conta as nossas histórias a partir das nossas perspectivas, é uma escrita que se dá colada à nossa vivência [...] para acordar os da casa-grande” (LIMA, 2017, grifo nosso).

Por ser assim, cabe-nos afirmar que é a partir dessa observação que a escrevivência de Conceição Evaristo vai sendo conscientemente segmentada; as personagens construídas e as escolhas temáticas sendo elencadas, como a própria escritora afirmou em entrevista à *Revista Conexão Literatura* (2017): “as escolhas temáticas, o vocabulário, as personagens, os modos de construção das mesmas, o enredo, nada nasce imune ao que sou, às minhas experiências, à minha vivência” (EVARISTO, 2017c, n.p).

Dessa maneira, compreende-se que a expressão escrevivência nasce motivada pela necessidade de uma nova leitura em relação à dita história oficial, bem como pelo desejo de rasurar o imaginário e o entendimento equivocado em se tratando das capacidades e dos direitos de mulheres negras, ainda reproduzidos na atual organização da sociedade. Uma vez sendo assim, as narrativas de Conceição Evaristo se constituem, portanto, como um levante e subversão histórica, o que justifica satisfatoriamente o impacto que elas têm proporcionado no cenário literário pós-moderno¹⁶.

¹⁵ Em *Negras grafias contemporâneas: das escrevivência aos gestos performáticos*, Sales (2018) desenvolveu uma pesquisa neste sentido da expressão.

¹⁶ Este cenário é representado pelo período de rompimento [ainda em construção] com o movimento modernista, motivada pela crença dos artistas do século XX, que afirmavam que a escola moderna não se fazia suficiente no que tange à representação da originalidade brasileira.

Com base no que fora exposto até então, observa-se que no ano de 2017 a escritora mineira passa a trabalhar mais firmemente com a noção de escrevivência, principalmente a partir do imaginário feminino surgido no curso da escravidão no Brasil. Em entrevista ao Instituto Art Tear (2017), Conceição Evaristo afirma novamente que: “quando eu penso em escrevivência, ou quando eu usei esse termo escrevivência, [...] eu estou me referindo à escrita de mulheres negras”; complementando, posteriormente: “quando eu penso em escrevivência eu já vejo escritoras negras, escritoras que já tem essa possibilidade de escrita, essas escritoras elas vão se apossar de um modo de fazer literário que está muito mais ligado às classes dominantes” (INSTITUTO ART TEAR, 2017).

Estes fragmentos revelam o quanto a noção de escrevivência está vigorosamente associada à conquista do direito de escrita e ao poder e possibilidade que estas mulheres detêm uma vez consumada essa capacidade. Por ser assim, os manuscritos dessas mulheres se configuram abertamente como um contra-argumento ao discurso colonizador, pois, para Conceição Evaristo, a escrevivência concebe a este grupo a viabilidade de recontar suas histórias e a história dos seus, não como exercício de recreação aos brancos, mas, sim, como uma tentativa de contrariá-los e reparar, ainda que parcialmente, os danos causados pela escravidão (INSTITUTO ART TEAR, 2017).

No mesmo ano, no entanto, percebe-se que a escritora rompe de modo parcial com a noção de escrevivência no sentido de ser aquela que contempla tão somente escrita de mulheres negras pertencentes a classes populares, conforme a que fora apresentada anteriormente. Este episódio se caracteriza, por sua vez, como a segunda especificidade da referida noção identificada nesta seção, posto que agora a noção apresenta uma significação mais extensa e inclusiva em relação ao que fora discutido em momentos anteriores. A especificidade presentemente identificada diz respeito à inclusão de, para além das experiências de mulheres negras, vivências dos africanos e seus descendentes.

C. E. — E essa escrevivência ela vai partir, ela toma como mote de criação justamente a vivência, ou a vivência do ponto de vista pessoal mesmo, ou a vivência do ponto de vista coletivo e quer dizer, essas vivências dessas mulheres negras, não só a vivência das mulheres, mas dos africanos e seus descendentes do Brasil (TVBRASIL, 2017a).

Como visto, agora Conceição Evaristo expande a referida expressão de tal modo que esta não alcance tão somente mulheres negras de camadas sociais populares e exclua, conseqüentemente, os demais indivíduos; conservando, no entanto, o teor étnico como balizador das discussões — presente desde as primeiras conceitualizações. Com isso, observa-

se que a noção de escrevivência se amplia de maneira acumulativa, isto é, não se despreza totalmente a conceitualização anterior em detrimento das noções postas posteriormente, pelo contrário, soma-se e acrescenta-se novos elementos a ela. Neste caso, em específico, foi-se conservado o que acreditamos ser o maior fator e, portanto, mais importante da respectiva noção — a vivência, tal qual poderá ser constatada através das análises cronológicas das concepções.

No entanto, nota-se que ainda se mantém em espaço de privilégio, no campo das escrevivências, as experiências de mulheres negras e afrodescendentes, o que foi introduzido por Conceição Evaristo desde 1995, mas que só é mais bem fundamentado e/ou explorado no ano de 2017. Todavia, ainda que isso ocorra, a autora reconfigura a expressão de modo que nela caiba também as experiências dos africanos e seus descendentes, isso porque as experiências destes povos a marcam enquanto escritora, como ela mesma declara em entrevista ao Canal Vrá (2017). Vejamos: “[...] eu sou muito marcada por essa experiência, né... por essa condição, esse histórico de mulher negra e das classes populares na sociedade brasileira e meu dialogar com a ancestralidade” (CANAL VRÁ, 2017).

A condição colocada em discussão pela autora serve-nos de apoio para uma diferenciação urgente e necessária em relação ao projeto de escrita daquela ou daquele que se propõe a escrever, pois, sendo este um texto de caráter crítico-literário, que tem como mote de criação, sobretudo, a própria vida¹⁷, como apresentado em transcrições da fala da autora em citações anteriores, por que não o chamar de (auto)biografia? Neste sentido, invocamos a conceitualização de Philippe Lejeune (2008), que embora tenha assumido os irritantes problemas aparecidos durante sua tentativa incipiente de definir o que é uma autobiografia em *L'autobiographie em france* (1971), considerou pertinente pontuar que autobiografia diz respeito a uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14).

Considerando a presente contribuição conceitual do autor, o que se pode afirmar, quando posto em situação de confronto com a escrevivência, é que esta última se vale também, mas não somente, de matrizes autobiográficas, pois há um movimento retrospectivo de narração de fatos vivido pela autora ou autor que apresenta; no entanto, estas disposições não podem e não são apresentadas como tão somente história de suas respectivas personalidades.

¹⁷ Ainda neste sentido, no âmbito da escrevivência, não são escrevidas experiências de vida de qualquer pessoa — ou qualquer vida —, pois tratam-se de vidas com características e cicatrizes demasiado específicas: comunidades negras em diáspora forçada; sujeitos submersos à invisibilização social; mulheres e homens negros e outros desfavorecidos pelos desequilíbrios provindos do capitalismo patriarcal.

Nesse caminho, vê-se que a escrevivência traz à baila também a história de certa identidade e de grupos sociais; não somente memórias e vivências concretas, mas também e principalmente, um arsenal imaginário e simbólico que pode não estar no primeiro plano das experiências vividas por uma pessoa, mas que estão no todo das formas como a essa pessoa é permitido viver nas diferentes sociedades e, mais do que isso, a partir do que se significam as experiências da pessoa em relação ao todo social dominante.

Assim, o texto o qual recebe a nomeação escrevivência, para além de delinear traços da personalidade da autora ou do autor, nasce com um objetivo que ligeiramente o difere da autobiografia, bem como de seus outros “vizinhos”, como diria Lejeune (2008). Na escrevivência, portanto, há uma tentativa consciente de revisitação e compreensão histórica dos fatos apresentados, contrariando, conseqüentemente, os discursos fascistas que escreveram a história dita oficial sob e a partir de derreamento de sangue negro e da subalternização de sujeitos minoritários, o que permite-nos afirmar com segurança que esta modalidade de escrita, emergida excepcionalmente pelo corpo, condição e a experiência de quem o faz, nasce imbricada na história e pela democratização e descolonização dela.

Em retorno às análises da maturação do conceito, foi-se identificado que durante os anos posteriores, isto é, 2018 e 2019, as conceitualizações propiciadas por Conceição Evaristo não apresentaram nenhuma dissidência significativa em relação às anteriores, o que significa dizer que grande parte do que autora afirmou de 2015 a 2017, em se tratando do conceito de escrevivência, fora reafirmado nos anos ora discutidos, como pode ser observado nas declarações reportadas a seguir:

C. E. — Então escrevivência nasce muito querendo borrar esse processo histórico. Se houve um momento em que as mulheres negras tinham por obrigação adormecer os da casa-grande, hoje o nosso texto, a nossa fala... não pretende adormecer os da casa-grande, pelo contrário, pretende acordá-los dos seus sonhos é... injustos (TVBRASIL, 2018).

O que a autora afirma para a TvBrasil (2018), reforçamos, é basicamente o que se fora certificado na totalidade das entrevistas concedidas e publicadas no ano de 2017, as quais se ancoram nas experiências de mulheres negras na escravidão. Em nenhuma das entrevistas esquadrihadas, referentes aos dois citados anos [2018-2019], são expostas outras perspectivas que incluam outros sujeitos senão mulheres afro-brasileiras, abandonando parcialmente o que pontuara em 2017 sobre a possibilidade de homens e africanos e seus descendentes eternizarem suas experiências e memórias por intermédio das escrevivências, como se é possível constatar no presente excerto:

C. E. — A escrevivência ela tem como fundamento uma questão ética, uma questão de gênero porque seria uma escrita de mulheres e nessa questão é sempre e justamente a escrita dessas mulheres que trazem atrás de si este processo histórico de seus ancestrais terem passado pelo processo de escravização (FESTIVAL DE MULHERES DO MUNDO, 2019).

Contudo, ainda que muitas nuances tenham sido identificadas em relação ao conceito de escrevivência nas entrevistas as quais nos versamos para a tessitura deste trabalho, pode-se compreender pelas discussões que foram oportunizadas que a referida noção, estritamente entre os anos de 2015 a 2019, se tratou potencialmente de um conceito emergido em 1995 e que diz respeito a uma modalidade de escrita na qual operam escritoras e escritores em busca de uma reparação histórica para com os sujeitos negros e seus afrodescendentes. Para além disso, esta expressão fora compreendida também como um espaço em que são resguardadas as lembranças da vida cotidiana; as trajetórias e as experiências individuais e coletivas de um determinado grupo ou indivíduo que não necessariamente precisa ser negra ou negro ou do gênero feminino; a revisitação de um tempo passado como percalço para o presente, dentre outros elementos que, quando eternizados por intermédio da escrita, realidade e ficção inevitavelmente se confundem.

Isso posto, ressaltamos que os recortes das entrevistas evidenciados acima findam a discussão referente ao processo de fundamentação teórica-conceitual da noção de escrevivência, na qual buscamos evidenciar o que se modificou e o que permaneceu entre os anos de 2015, 2017, 2018 e 2019, bem como perceber como se constituiu a expressão a partir da fala da própria precursora. No entanto, essas mesmas entrevistas possibilitam outras discussões no que tange à noção polarizada no presente documento, uma vez que estas apontam para elementos igualmente necessários para a compressão da expressão sob outras perspectivas, por exemplo: componentes fundamentais na tessitura da escrevivência da escritora Conceição Evaristo, de modo particular.

Na entrevista publicada sob o título de *Nasci Rodeada de Palavra*, concedida a Soares & Ruiz (2017), após iniciarem uma discussão sobre o conceito de escrevivência, a escritora entrevistada, em um determinado momento da sabatina, profere a seguinte sentença: “mas esse termo, ou essa opção por denominar o meu texto por uma ‘escrevivência’, não é só minha, nós podemos pensar nos textos de outras mulheres, e até de outros autores, cada um traça a sua ‘escrevivência’ (SOARES & RUIZ, 2017, grifo no original). Os dados apresentados neste excerto contribuem significativamente para o debate aqui proposto de duas formas distintas; inicialmente, pode-se perceber que este conceito não se trata de uma denominação particular de Conceição Evaristo, posto que a literata assegura que outros escritores também podem nomear suas produções de “escrevivência” sem nenhuma implicação ética.

Na mesma esteira, Conceição Evaristo pressupõe ainda, de modo mais específico no seguinte trecho: “cada um traça a sua ‘escrevivência’” (idem), que não existe uma norma ou um modelo que regule a confecção de uma escrevivência, por isso, é incumbência da autora ou do autor optar pelas pautas políticas-sociais; as discussões temáticas; a segmentação das personagens, assim como a escolha pela linguagem pela qual se dará a narrativa. O elemento que prevalece, de modo indispensável, é a construção de um texto cujo mote é a própria existência, isto é, a vida em sua mais profunda complexidade, considerando, acima de tudo, questões referentes à subalternidade social, vozes e sujeitos invisibilizados, assim como o compromisso com uma revisão na dita história oficial e eurocêntrica.

De modo particular, a escrevivência de Conceição Evaristo¹⁸ é elaborada essencialmente a partir dos efeitos destrutivos que a escravidão no Brasil e na África ocasionou na história dos povos negros, especialmente em se tratando do papel reducionista e de pouca significância social atribuído às mulheres negras durante este regime e que, insistentemente, perdura-se na atualidade. Quando Conceição Evaristo afirma que “eu poderia pensar numa autoria negra que borra essa imagem, porque essas mulheres tinham de contar história justamente para adormecer os nenês da casa-grande” (SOARES & RUIZ, 2017), fica claro que a imagem que a autora se refere diz respeito à condição historicamente criada como controle de poder e estratégia de subalternização do corpo feminino e negro no período escravagista. Contudo, sendo o objetivo da escrevivência evaristiana a rasura desse episódio e, conseqüentemente, a adequação dele nos textos da pretensa história oficial do Brasil.

Ao discorrer sobre sua escrevivência, considerando sua personalidade, Conceição Evaristo assinala que:

C. E. — no meu caso, particularmente, a imagem na qual essa palavra está fundamentada traz um processo histórico, ela nasce propositalmente querendo borrar a imagem das africanas escravizadas e suas descendentes que tinham de contar história para os da casa-grande. Eu poderia pensar numa autoria negra que borra essa imagem, porque essas mulheres tinham de contar história justamente para adormecer os nenês da casa-grande, elas nunca podiam contar sua própria história. Elas não podiam falar para o bebê: “Ah, seu pai me escraviza, e eu estou aqui por ser obrigada a contar essa história pra você”. Ela tinha que inventar outras histórias para apaziguar os bebês e colaborar com a paz da casa-grande. Então, essa imagem da “mãe preta” me incomoda muito, e foi uma imagem que foi muito cultivada (SOARES & RUIZ, 2017, grifo no original).

¹⁸Desenvolvem pesquisa sob esta perspectiva os respectivos autores: Sacramento (2017), em *As representações femininas e suas rasuras nos estereótipos sociais em Ponciá Vicêncio* (2003); Melo (2016) em *Narrar e Narrar-se, Criar e Criar-se: a escrevivência de Conceição Evaristo como emancipação do corpo negro*; Leite & Nolasco (2019), em *Conceição Evaristo: escrevivências do corpo*.

Esta afirmativa explica, de modo didático, inclusive, o teor étnico presente na crítica literária produzida por Conceição Evaristo, ou, ainda, o porquê de tais questões aparecerem tão latentes nas conceitualizações de escrevivência propiciadas pela escritora, como pode ser observado nas discussões promovidas anteriormente nesta seção. Nesse caminho, depreende-se que a condição de mulher negra de classe popular e que vive à margem da sociedade brasileira influencia intimamente na seleção temática daquilo que se é discutido em seus textos, ou ainda, no modo que são retratadas suas personagens.

A escolha consciente por assim fazer, dá-se pela necessidade de romper com as tradições eurocêntricas de representação da mulher negra; de desromantizar o papel das mães pretas e das amas de leite; de subverter o sistema escravagista que coloca o exercício da contação de estórias como obrigatoriedade das mucamas e, ainda, como fonte de distração dos senhores da casa-grande, dentre outros papéis que as desqualificam. Decerto, outros escritores optam por discussões que não as mesmas de Conceição Evaristo para integrarem suas escrevivências, pois, como foi pontuado pela própria autora, não é uma obrigatoriedade as pautas femininas e/ou afrodescendentes, visto que cada autor escreve tendo por base suas experiências cotidianas e estas provocam inquietações diferentes em cada indivíduo.

No entanto, Conceição Evaristo afirma incansavelmente que sua escrevivência é profundamente marcada pela sua condição de mulher negra vinda de classe popular e, por ser assim, tem por objeção romper com o imaginário reduutivo em torno da mulher negra, na medida em que as proporciona a possibilidade de escrita e visibilidade no cenário literário — sendo este o traço mais representativo da diferenciação da escrevivência evaristiana.

Nesse sentido, cabe ainda salientar que a posição histórica assumida por Conceição Evaristo no processo construtivo da escrevivência trata-se de uma perspectiva descolonial, atentando ao fato de que a autora concentra seus esforços em denunciar a existência de uma outra história que se coloca propositalmente dissidente em relação àquela assinada e escrita, total embebecida pela ótica dos colonizadores; ou, ainda, construída sob a anulação de corpos e derramamento de sangue dos considerados marginais.

Em *Corpo e Descolonialidade em Composição Poética Cénica*, ainda que os autores não apontem seus interesses diretamente para a literatura propriamente dita, apresentam um elemento necessário para compreensão da relação descolonial na narrativa, firmando que: “a opção descolonial é um mundo da coexistência, no qual percebemos a colonialidade intrínseca a nossos processos culturais e descobrimos como viver com ela” (SIMÃO & SAMPAIO, 2018). Isto é, a descolonialidade está pensada a partir da possibilidade de descentralização das forças atribuídas [ou forçadamente construída] à matriz colonial e, assim o fazendo, distribuindo-a

àqueles que serviram de base para constituição da hierarquia do poder — os subalternos. Assim, nota-se que a produção de Conceição Evaristo, em toda sua essência, está, conforme apontam Simão e Sampaio (2018), em constante processo de descoberta de estratégias possíveis para se viver com a colonialidade, sendo a maior delas a subversão.

De acordo com a referência acima, a condição de mulher negra, presente na escrita de Conceição Evaristo nos mais diferentes níveis de produção, opera de modo a também orientar a construção das personagens que seus textos apresentam ao público leitor, podendo ser constatado, com maior propriedade, no seguinte fragmento:

C. E. — Esses dias eu encontrei uma maneira de explicar como a escolha de personagens também ilustra essa “escrevivência”. Quando vamos criar a imagem de uma empregada como a Ditinha que aparece em *Becos da Memória*, o lugar social que escrevemos é como se estivéssemos lá dentro do quarto dela olhando para a patroa cá fora. Essa “escrevivência” é profundamente marcada pelo lugar social que nós escolhemos para compor. Enquanto, para outra escritora — que não tem nada a ver com a história de vida da empregada, nem com a história da coletividade dela — é como se, para compor, ela parasse na porta do quarto da empregada, olhasse lá dentro e fizesse o texto sobre ela (SOARES & RUIZ, 2017, grifo no original).

Diante disso, é notório que no processo de feitura de uma *escrevivência evaristiana* há uma forte diferenciação em representar e representar-se¹⁹, especificamente tratando-se da criação das personagens. Esses traços de dissemelhanças consistem não somente em como é dirigido o discurso construtor da identidade das personagens a serem produzidas, mas também por quem o faz, o sujeito criador. Tendo como objeto de exemplificação a obra que Conceição Evaristo fez referência na citação acima, em *Becos da Memória* (2017) as personagens não-negras, de classe média alta e residentes do bairro nobre situado ao lado da favela onde ambienta-se a narrativa, representam um modelo de representação, uma vez que se é percebido que o modo de vida ou as atividades desenvolvidas pelas personagens não são as mesmas as quais praticam a autora que as criou ou o grupo social ao qual ela pertence; como acontece de modo contrário quando se trata de uma personagem na posição de assistente de serviço doméstico, tal qual a escritora traz na declaração acima.

Em contraposição a isso, as mulheres negras que se veem obrigadas, em virtude da situação em que são postas, a descerem o morro pela manhã cedo à procura de recursos financeiros, geralmente por meios de trabalhos considerados subalternos, para alimentar a si e aos seus filhos; as lavadeiras; cozinheiras e, principalmente, as empregadas domésticas constituem-se como uma autorrepresentação. A afirmação pode ser constatada por instrumentos

¹⁹ Esta discussão é mais bem articulada no segundo capítulo deste trabalho, em específico na seção intitulada *As personagens — performances extra ficcionais*.

de textos autobiográficos²⁰ publicados pela própria autora em seu blog particular; foram atividades que fizeram parte de sua dinâmica de sobrevivência pessoal e familiar em seu passado vivido em Minas Gerais (MG), sendo por essa razão a descrição tão precisa de tais personagens que, como visto, decorre do conhecimento empírico das situações retratadas.

Outro elemento igualmente relevante para compreensão da escrevivência de Conceição Evaristo diz respeito às marcas de oralidade postas propositalmente em seus textos. A primazia pela proximidade entre o texto escrito e a oralidade na produção da romancista, para além de propiciar uma proximidade do público leitor em relação à produtora da obra, também é um fator elementar para acessibilidade, aceitabilidade e sensibilidade dos romances evaristianos. Além de que pode ser também considerada como uma forma de preservação da linguagem popular, sobretudo dos dialetos da comunidade que a autora faz parte, como pode ser observado no trecho a seguir:

C. E. — O meu grande desejo é justamente produzir uma literatura em que o texto fique confundido com essa oralidade. Tem uma expressão aqui [apontando para o livro *Becos da Memória*], que é uma empregada limpando a casa, e eu digo: “Não tinha uma gota de poeira no ar”. Minha revisora diz: “Conceição, não tem gota de poeira”. Eu falei: “Tem. Aqui tem gota de poeira”. Porque é possível dentro da linguagem popular. [...] E eu quero trazer essa linguagem. Trabalho muito com palavras *bantu*. (SOARES & RUIZ, 2017, grifo no original).

Desse modo, compreende-se que é por meio das marcas de oralidade, isto é, da transcrição literal da fala cotidiana presente na composição de suas obras, que Conceição Evaristo constrói a sensibilidade e a profundidade que envolvem as suas narrativas. Assim, por meio deste recurso, a escritora assegura a comoção do leitor diante de seus textos; a acessibilidade no diálogo entre a narrativa e o leitor comum, bem como a conservação da linguagem *bantu*²¹, excessivamente admirada e respeitada pela poeta.

Nesse caminho, C.E. justifica esta opção pontuando que quando são utilizadas expressões que remetem ligeiramente à oralidade, há um distanciamento proposital das suas obras quanto aos preceitos teórico-normativos. Evita, por sua vez, obstaculizar a leitura daqueles que são menos favorecidos intelectualmente e, por consequência, roubá-los do direito de acesso à sua obra — levando em consideração que a linguagem oral detém em si uma estruturação própria que difere drasticamente daquela defendida pela gramática descritivo-normativa —; com isso, aproximando o texto ao povo/camadas populares, como explicitou em:

²⁰ Cf. *Conceição Evaristo por Conceição Evaristo* (2009), disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>.

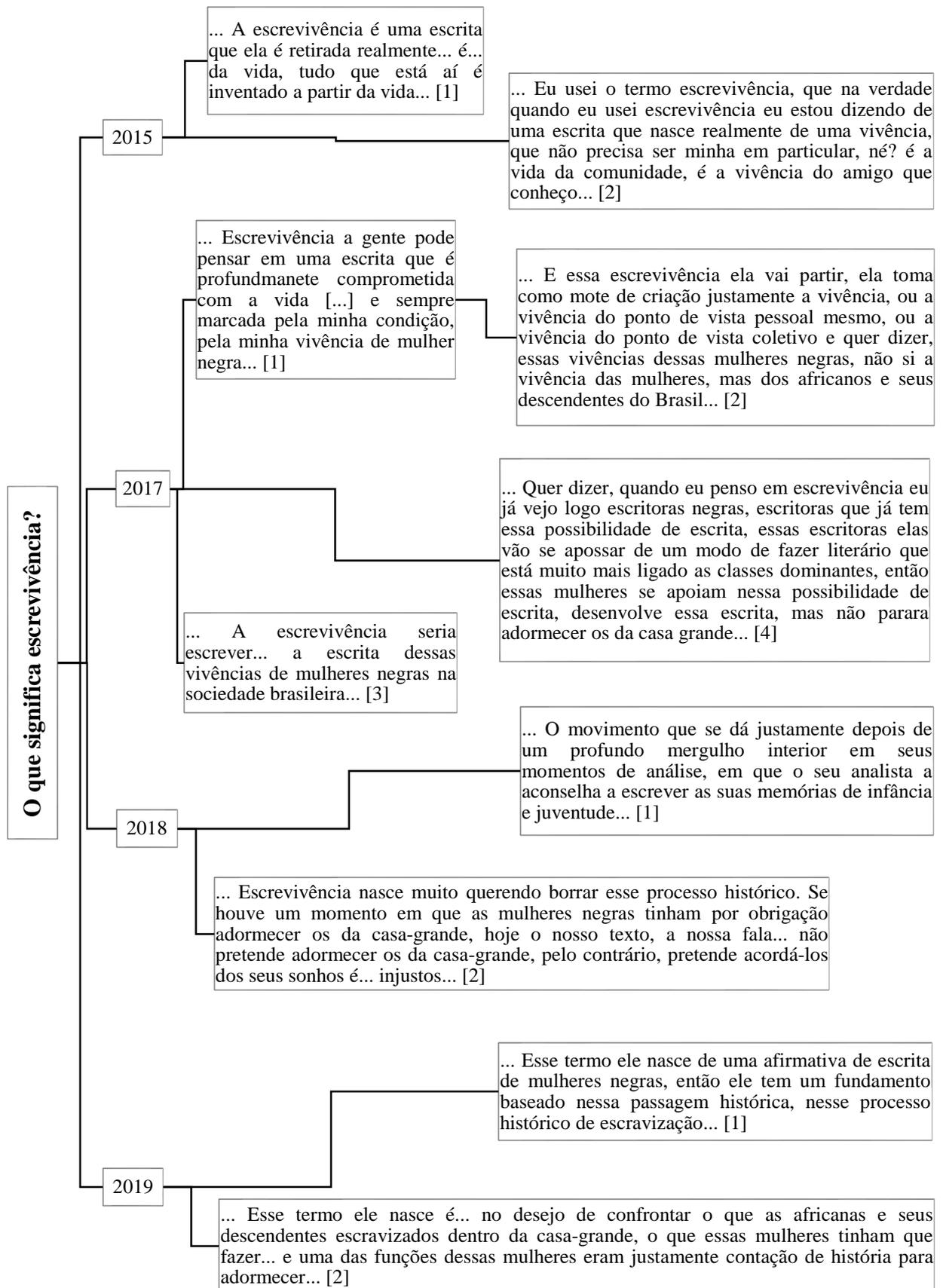
²¹ Tronco linguístico emergido estritamente no curso da escravidão e que originalizou diversas línguas africanas.

C. E. — Eu quero escrever um texto que se aproxime o mais possível de uma linguagem oral, é uma escolha consciente que eu faço. Ninguém chora diante de um dicionário. Ele tem lá palavras belíssimas, mas ele não comove, porque você pensa num dicionário como uma situação estática. Quero essa palavra dinâmica, e para mim ela é a que está mais próxima ao povo do que a que está mais próxima à academia, a um texto teórico, à gramática (ANGIOLILLO, 2017).

Diante disso, conclui-se que a escrevivência de Conceição Evaristo, do ponto de vista pessoal, é segmentada a partir de quatro elementos fundamentais: *a*) escolha temática que parte do princípio das experiências de mulheres negras com objetivo de romper com o imaginário escravagista — que reduz suas competências, mesmo após anos da dita abolição; *b*) a criação de personagens que dialoguem intimamente com a identidade da autora e que subsidiem discussões sobre visibilização de grupos sociais marginalizados; *c*) a primazia pela linguagem oral, isto é, o uso das marcas de oralidade como estética do texto; *e d*) memória de si e dos outros como um dos principais objetos de narração.

A identificação desses quatro elementos no interior da obra *Becos da Memória* (2017) pode ser mais bem exemplificada nas dependências do capítulo que será exposto posteriormente, uma vez que será apresentado o respectivo romance a partir da compreensão do conceito de escrevivência. Nesse caminho, para se fazer compreender de modo mais consistente e visual a construção e evolução da noção de escrevivência, apresentaremos no *Gráfico 1* uma súmula das principais conceitualizações propiciadas pela própria autora, seguindo uma cronologia que se inicia em 2015 e se finda em 2019, vejamos:

GRAF. 1 – Súmula das principais ideias de escrevivência de Conceição Evaristo



FONTE: Gráfico construído para fins desta pesquisa (2021).

A partir dos dados dispostos na súmula de principais ideias sobre a noção de escrevivência da própria precursora da expressão, pode-se compreender que, de um modo geral, o termo em discussão  incumbido pela representação de uma escrita que nasce da experiência do sujeito, isto é, a partir da vida e/ou das situações cotidianas que se fazem presentes na realidade de quem as escreve, podendo se tratar tanto de experiências pessoais quanto plurais. No entanto, como foi-se pontuado nesta seção e resgatado nas dependências do *gráfico 1*, outros elementos são incluídos na raiz da expressão como, por exemplo, a condição feminina que marca a presente escrita, tornado possível afirmar que a noção de escrevivência pode também ser compreendida pela escrita que é profundamente marcada pelas projeções de experiências de mulheres negras que vivem ou viveram à margem da sociedade brasileira.

Embora a autora afirme que a expressão tenha nascido com objetivo de rasurar o passado e o imaginário escravocrata em torno da mulher negra — no qual a escrita enquanto atividade recreativa e/ou profissional não era possível —, não faz parte do interesse de Conceição Evaristo restringir esta modalidade e/ou nomeação de escrita a tão somente mulheres negras pertencentes a classes populares; pois,  também salientado nas entrevistas aqui analisadas que essa denominação é igualmente permitida a outras classes de mulheres, independentemente de juízos de raça. Ainda nesse sentido, vê-se que, noutro momento, a escreviente discorre sobre a noção de escrevivência de modo que também contemple as escritas de vida de pessoas do gênero masculino, dos africanos e seus respectivos descendentes — sendo nos dois últimos casos essa escrita configurada como busca e conservação da memória que deles foi tirada forçadamente.

Uma vez sabido que a modalidade literária recém surgida e intitulada por escrevivência diz respeito a um projeto de escrita que tem como mote de criação a própria vida e as experiências pessoais e coletivas de quem o cria,  possível depreender que a escrevivência de Conceição Evaristo, de modo pontual,  construída sob a tica e compreensão de uma mulher negra e brasileira sobre as experiências narradas, pois, conforme a autora, nada que é posto em seus textos está imune ao que ela é — condição esta que implica, inclusive, na fomentação de personagens e mediação das discussões levantadas por suas obras.

Nessa esteira, pode-se ainda compreender, pela análise da súmula e das discussões que motivaram sua construção, que a compreensão de escrevivência extrapola a unilateralidade de sentidos, sendo, então, representada como uma noção de vastos significados e interpretações; o que significa dizer que a respectiva expressão está em constante construção, alargando-se para outras áreas e, conseqüentemente, promovendo novas discussões, como poderá ser observado na seção que apresentaremos a seguir.

Contudo, considerado atingido o objetivo proposto para esta unidade poder-se-á prosseguir para a próxima, nomeada por *Escrevivência — um conceito em expansão*, que tem por objetivo analisar as novas dimensões que a referida noção tem tomado no âmbito das ciências humanas e sociais.

2.3 Escrevivência — um conceito em expansão

Como observado na seção anterior, a noção de escrevivência não é uma construção unilateral, isto é, fundamentada e/ou compreendida em um único sentido. Considerando o potencial de desenvolvimento do conceito de escrevivência — tanto por esforços de Conceição Evaristo, quanto pela atuação das estudiosas e estudiosos e pesquisadoras e pesquisadores brasileiras e brasileiros —, esta seção surge com objetivo de analisar como esse conceito tem se alargado nas ciências humanas e sociais.

Para tanto, selecionou-se um quantitativo de oito (8) materiais — entre eles dissertações de mestrado, monografias, ensaios e artigos científicos, em que posteriormente às análises e discussões dos originais elegidos, foi possível identificar a expressão ultrapassando o espaço que genuinamente lhe foi dado, motivado pela produção de trabalhos de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, assim como compreender suas respectivas variações de acordo com a área em que a pesquisa foi desenvolvida.

Utilizou-se, portanto, como critério de inclusão dos trabalhos três (3) exigências, a saber: textos escritos em língua portuguesa; publicados integralmente em anais e/ou periódicos científicos brasileiros — uma vez que nesta etapa da pesquisa pretendemos abarcar somente o uso da expressão em seu país de origem —, como também originais que façam menções claras ao conceito discutido. Por outro lado, foram excluídos os trabalhos que apresentaram duplicatas; escritos em língua estrangeira; publicados em formatos de resumo e que não apresentaram nenhuma abertura à ampliação da noção que tematiza esta pesquisa.

Os desdobramentos do conceito original são evidenciados com base na compreensão do objetivo que se é traçado no trabalho analisado; das áreas pelas quais dialogam com a temática seleta — embora dois (2) deles apresentem uma expansão do conceito permanecendo no campo literário —; dos operadores/palavras-chave; da maneira pela qual a discussão é conduzida e invoca outras questões e os possíveis resultados. Com isso, fez-se viável depreender como as autoras e os autores dos trabalhos reunidos entendem o conceito de escrevivência e, conseqüentemente, operam para efetivar o deslocamento.

Isso posto, poder-se-á avançar para apresentação dos trabalhos compilados (*Tabela 1*), onde é possível identificar com evidência os respectivos elementos: autores, título, palavras-chave, natureza do trabalho e ano de publicação; e, posteriormente, para as análises da ampliação da noção a qual nos referimos em diversas áreas do currículo das ciências humanas e sociais. No ensejo, salienta-se ainda que os materiais trazidos na *Tabela 1*, a ser apresentada, dizem respeito a trabalhos desenvolvidos não somente no âmbito da literatura, mas, também, da educação formal e informal, música e fotografia, assim como da psicologia social e clínica. Vejamos:

TAB. 1 — Resumo de pesquisas sobre a expansão do conceito de escrevivência

Autores	Título	Palavras-chave	Natureza	Ano	
OLIVEIRA, Célia.	Escrevivências e reflexões sobre práticas pedagógicas nas ações para as relações étnicorraciais	Escrevivências; práticas pedagógicas; étnicorraciais.	práticas relações científico	Ensaio	2018
SILVA, Vilma.	Os brutos: escrevivência de um escritor de província	Romance de 30; José Bezerra Gomes; narrador.		Artigo científico	2002
SOARES, Lissandra; MACHADO, Paula.	“Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em psicologia social	Escrevivências; escrita feminina; metodologia de pesquisa; psicologia social; assistência social.	escrita negra; social;	Artigo científico	2017
BISPO, Vilma; SANTOS, Elisângela.	Leci e Januário: escrevivências negras contemporâneas na música e fotografia	Leci Brandão; Januário Garcia; escrevivências negras.		Artigo científico	2017
PRADO, Andréa.	Escrita feminina na obra de Rachel de Queiroz: feminismo, autoficção e escrevivência em Dôra, Doralina e memorial de Maria Moura	Autoficção; crítica feminista; escrevivência; escrita feminina; Rachel de Queiroz.		Dissertação	2019
SOARES, Lissandra.	Escrevivências sobre mulheres negras acompanhadas pela proteção social básica — uma perspectiva interseccional	Mulheres negras; interseccionalidade; trajetórias de vida; proteção social básica; assistência social.	negras;	Dissertação	2017
ALMEIDA, Arthur Gomes	A história de a.: escrevivências de um aluno cotista negro no curso de psicologia da UFRGS	Cotas raciais; psicologia; colonização; descolonização; relações étnico-raciais; meritocracia; escrevivência; universidade.		Monografia	2018
BUSKO, Paula Simone	Escrevivências decoloniais: o movimento do feminismo agroecológico como um modelo de educação informal no Vale do Ribeira (SP)	Educação informal; práticas educativas; agroecológico; decolonialidade.	práticas feminismo	Artigo científico	2019

FONTE: Tabela construída para fins desta pesquisa (2021).

Em respeito à sequência acima apresentada, iniciaremos esta discussão pelo campo da pedagogia, em especial pela análise do trabalho *Escrevivências e reflexões sobre práticas*

pedagógicas nas ações para as relações étnicorraciais, de autoria de Oliveira (2018). Esta pesquisa, por sua vez, se constitui como uma parcialidade da dissertação de mestrado da autora, a qual tem-se por título *Sobre nós, mulheres negras na escola: um estudo sobre relações raciais e perspectivas decoloniais na educação*, defendida em 2016. Ao elencar como principal objetivo do seu trabalho “apresentar e potencializar os registros do vivido, no cotidiano escolar, realizados por praticantes docentes” (OLIVEIRA, 2018), e desenvolver caminhos eficazes para atingi-lo, a autora apresenta-nos um desdobramento curioso da noção de *escrevivência* — que evidenciaremos a seguir.

Neste original, vê-se que a autora compreende o conceito de *escrevivência* em sua forma genuína, como “narrativas construídas tendo como lugar de fala a escrita em primeira pessoa”, ou ainda, de um “termo presente nas narrativas de histórias de vida de sujeitos silenciados e subalternizados pela história oficial [consideramo-nos adeptos à relativização da expressão, isto é, dita história oficial] como direito a possuir um lugar de memória” (OLIVEIRA, 2018, grifo nosso). No entanto, apoiando-se às infinitas possibilidades que o conhecimento possibilita e as aberturas já iniciadas no conceito em questão, a pesquisa faz uso da noção de *escrevivência*, deslocando-a da literatura, para problematizar no campo da pedagogia questões referentes às práticas docentes de professoras e professores e alunas negras e alunos negros — sobretudo na cidade de Duque de Caxias (RJ), sendo estas questões: decolonialidade, construção curricular, memória e raça.

Diante disso, observou-se que o deslocamento propiciado por Oliveira (2018) fez surgir, conseqüentemente, um uso exterior àquele já conhecido em relação à *escrevivência* — muito embora exista uma certa similaridade. Se por um lado esta expressão concerne à experiência de mulheres negras e homens negros com a escrita recreativa/literária, na pesquisa da respectiva autora o conceito é recebido como uma “proposta metodológica na constituição de uma escrita que compõem experiências e vivências de mulheres negras, cujos caminhos percorridos para o ato de ensinar, nos espaços oficiais de ensino [...] perpassam por diversos desafios” (OLIVEIRA, 2018).

Desse modo, constata-se que este desdobramento consiste em rerepresentar o conceito de *escrevivência* como um método para visibilizar e discutir as práticas docentes pelo viés étnico, haja vista que o preconceito e o racismo ainda permeiam agressivamente as estruturas educacionais e assolam o processo de desenvolvimento crítico-pessoal dos estudantes, assim como das professoras e professores e outros componentes da escola e profissionais da educação.

Nesse caso, em específico, o uso da expressão expandida é justificada, pois a incorporação do conceito de *escrevivência* como uma prática metodológica proporcionou à

pesquisadora uma dimensão etnoeducadora e a participação de grupos como a *Rede Carioca de Etnoeducadoras Negras* e *Red de Maestros y Maestras Hilos de Ananse*²² — Colômbia, em que seus interesses se centram no intercâmbio das experiências pessoais de seus membros. Sem embargo, a autora assume o conceito de *escrevivência* como uma “saída que oferece para a compreensão dos processos educacionais circunscritos pelas práticas cotidianas escolares” (OLIVEIRA, 2018). Assim feito, angariou-se como resultados da aplicação do conceito de *escrevivência* como uma proposta metodológica: a reflexão das práticas docentes de professoras negras em Duque de Caxias (RJ), as inquietações pessoais da autora pertinentes à construção do currículo pedagógico que opera de modo a dificultar o processo de emancipação dos sujeitos considerados subalternos, como também questionar a colonização epistêmica ainda em curso no cotidiano escolar (OLIVEIRA, 2018).

Em Busko (2019), objetivamente em *Escrevivências decoloniais: o movimento do feminismo agroecológico como um modelo de educação informal no Vale do Ribeira (SP)*, o conceito de *escrevivência* é ainda associado às experiências femininas. No entanto, nessa pesquisa, embora também labore sob o cenário pedagógico, enfocando o sistema de educação informal, o gênero feminino está restringido não somente a professoras ou mulheres negras, mas também àquelas que atuam na agroecologia, em específico na cidade de Vale do Ribeira (SP). Por esse motivo, a pesquisa detém como principal objetivo “evidenciar narrativas de mulheres no campo” (BUSKO, 2019) e, sucessivamente, fazer uso dessas narrativas para a constituição de materiais por meio dos quais serão perpassados os conhecimentos por essas mulheres produzidos.

A pesquisa é desenvolvida em uma comunidade de mulheres agrícolas que para além das atividades realizadas no campo²³, desenvolvem, por meio de interações orais e financiadas por entidades como a Pastoral da Terra — PDT, Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação Nacional na Agroecologia — GTMANA e Instituto Socioambiental — ISA, uma rede de compartilhamento de conhecimento sobre assuntos referentes às práticas da agricultura familiar, feminismo agroecológico, descolonialidade e o lugar e valor da mulher na ambiência política e social — permitindo-lhes reconhecer seus espaços e a importância de ocupá-los (BUSKO, 2019).

²² Rede de Professores e Professora Filhos de Ananse — Colômbia [tradução livre].

²³ Ao operar esta pesquisa a partir da perspectiva de mulheres camponesas no Brasil, Busko (2019) articula suas proposições de modo direto com o sentido da noção de *escrevivência*, haja vista que a mulher camponesa brasileira e a população escravizada têm formações históricas que se cruzam.

Na seção *Escrevivências decoloniais: educação informal pela oralidade* — unidade que integra o trabalho presentemente discutido — é possível compreender, de forma holística, a compreensão da autora em relação ao conceito de escrevivência e, ainda, como a autora se versa sobre ele para alcançar os objetivos que são propostos em *Escrevivências decoloniais: o movimento do feminismo agroecológico como um modelo de educação informal no Vale do Ribeira (SP)*. Para Busko (2019, grifo no original), a noção de escrevivência é defendida como “uma memória [...] em que se pode (re)descobrir as fantasias nas expressões dos sujeitos ao relembrares o passado”. Em outras palavras, uma memória que funciona como lumiar das experiências passadas, permitindo compreendê-las pelas expressões do sujeito que as rememoram.

Além disso, observa-se que memória, história oral e escrevivência são para a autora elementos intimamente associados, o que vai de encontro à significação deste conceito [escrevivência] para Conceição Evaristo, como foi comprovado na seção anterior. Outrossim, a cientista traça em seu trabalho um paralelo de como a discutida noção, no plano genuinamente literário, constata com seu estado assumido nos estudos descoloniais — tal qual está apresentado em seu trabalho. Para a estudiosa, enquanto na literatura as escrevivências podem emergir como um poema, conto ou crônica; nos estudos descoloniais surgem como experiências emergidas por meio de narrações “de uma época, um momento, um aprendizado, uma festa, um encontro, um pensamento e um sentimento qualquer esfacelado e resgatado de uma vivência que fará, de certo modo, refletir e compreender uma realidade vivida” (BUSKO, 2019).

Sendo assim, percebe-se que em Busko (2019) a noção de escrevivência é expandida de modo que não se apresente tão somente como um espaço de memória, mas como um campo de atuação em que esta opere também como um modelo de educação informal por via das narrações das experiências vividas por essas mulheres que auxiliam a expansão do feminismo agroecológico, fazendo-as conhecer o caminho para a alteridade. Diante disso, pode-se ainda afirmar que o conceito de escrevivência no citado trabalho assume um caráter consideravelmente multidisciplinar ao mediar discussões que atravessam a literatura e adentram a ecologia, sociologia, educação e outras áreas.

Em *Leci e Januário: escrevivências negras contemporâneas na música e fotografia*, como pode ser observado pelo título que se é atribuído à respectiva pesquisa, as autoras Bispo e Santos (2017) ambientam o conceito de escrevivência em duas das mais improváveis áreas: a música e a fotografia. Como principal objetivo deste trabalho tem-se “articulações entre diferentes linguagens do campo artístico brasileiro no século XX” (BISPO & SANTOS, 2017), isto é, as estudiosas atentam-se a discutirem as produções fotográficas e cancionais dos artistas

Januário Garcia e Leci Brandão, tendo como fundamento o conceito de escrevivência e seu respectivo desmembramento financiado pelas autoras.

Para as teóricas, tanto a fotografia quanto a música são passivas de dimensões memoriais, considerando que as expressões visuais e sonoras são capazes de captar a vida humana, de certa forma e por diferentes ângulos e contextos de grupos ou pessoas que as produzem, constituindo-se, dessa maneira, como potenciais produtores de textos estético-narrativos (BISPO & SANTOS, 2017). No trabalho em questão, o deslocamento na expressão escrevivência assume um caráter radical pela área em que fora posto. No entanto, é possível identificar elementos profundamente comuns àqueles elencados por Conceição Evaristo, haja vista que a *corpora* na qual se debruçam as pesquisadoras tratam-se de produções que tematizam pautas comuns às produções da escritora, a saber: a luta antirracista, a trajetória da mulher negra periférica e a empregada doméstica, assim como a luta pela liberdade e emancipação da pessoa negra.

Nesse caminho, sabido que as cientistas laboram com a música [elemento sonoro] e a fotografia [visual], vê-se que o conceito de escrevivência fora utilizado, em primeira instância, como um pressuposto social para operar especificamente com música na qualidade da palavra escrita/cantada. Por outro lado, para lidarem com a fotografia, como assim propuseram, foi-se utilizado o conceito de fotoescre(vivência), fundamentado por Bispo (2016) em sua dissertação de mestrado que tem como título *Trajatórias e olhares não-convexo das fotoescre(vivências): condições de atuação e de (auto)representação de fotógrafas negras e fotógrafos negros*, defendida no CEFET/RIO.

Desse modo, o próprio conceito de fotoescre(vivência), adotado pelas autoras para fundamentarem o citado trabalho, se constitui como desdobramento da expressão no sentido incipiente [escrevivência], pois, se por um momento a expressão significou a capacidade de escrever por meio da palavra as memórias de um determinado grupo de pessoas, em fotoescre(vivência) esta capacidade também é validada. No entanto, a escrita e a rememoração desses sujeitos não se dá pela palavra escrita categorizada como linguagem verbal, mas por imagens e artifícios imagéticos capazes de construir narrativas (outras) e problematizar narrativas (existentes).

No sentido de filiação conceitual, percebe-se que as autoras compreendem a noção de escrevivência como um conceito trifacetado, onde os elementos que compõem a tríplice são representados por: corpo, condição e experiência. Defendem, portanto, que “a corporeidade funciona como ponto seguro de afirmação de traços identitários em contraponto aos estereótipos; a condição diz respeito à ‘tomada da consciência étnico-social’ e a experiência,

como previamente pode ser percebido, refere-se à vivência “do sujeito negro no curso histórico-social e na construção de rede de solidariedade” (BISPO & SANTOS, 2017, grifo no original). No entanto, para que o principal objetivo do trabalho fosse alcançado com maestria, no respectivo documento, as pesquisadoras financiaram um desdobramento de modo que este conceito possa ser igualmente entendido por:

Escrevivência é (sic) entendida, aqui, como imagem e/ou poética, constitui-se como ferramenta discursiva e refere-se a quem se debruça em compor, apresentar e defender repertórios que possam provocar reflexões acerca da produção artística de/sobre pessoas negras, tal qual perceber o ser humano como o ser-sujeito negro é (BISPO & SANTOS, 2017).

Sendo assim, o que se tem por escrevivência e/ou fotoescre(vivência) no trabalho presentemente discutido é a máxima de que este/s conceito/s se referem a imagens e poéticas capazes de provocar inquietações reflexivas sobre ou a partir de produções — nesse caso visual e sonora — de artistas negros, sejam eles do sexo masculino ou feminino. Nesse sentido, com o conceito de escrevivência/fotoescre(vivência) ampliado e aplicado nas áreas da fotografia e da música, as autoras angariaram como resultados finais reflexões referentes às memórias de cantores e fotógrafos negros, bem como sobre a construção da subjetividade presente em suas produções, especialmente nos anos de 1970 a 1980, indicando elementos constitutivos da identidade e memória afro-brasileira.

A expressão escrevivência alarga-se ainda para o campo de conhecimentos e saberes da psicologia social, tal qual poder-se-á observar com as discussões do texto que apresentaremos a seguir. No trabalho intitulado “*Escrevivências*” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em psicologia social, perscrutado por Soares e Machado (2017), as autoras definem como principal objetivo apresentar “o conceito de ‘escrevivências’, de autoria da escritora Conceição Evaristo, como método de investigação e produção de conhecimento nas Ciências Humanas e Sociais e, em particular, no campo da Psicologia Social” (SOARES & MACHADO, 2017, grifo no original).

Em observância ao objetivo proposto, percebe-se que é por meio de um diálogo multidisciplinar entre a literatura, política de assistência social e a própria psicologia que o texto ora discutido se minudencia. Vê-se que autoras anseiam, por instrumento dos relatos oportunizados por mulheres negras assistidas pelo Sistema Único de Assistência Social — SUAS, estritamente do Centro de Referência de Assistência Social — CRAS, produzir conhecimentos no âmbito das ciências humanas e sociais, acima de tudo em se tratando de políticas à proteção básica da mulher.

Nessa pesquisa a noção de escrevivência é depreendida similarmente à compreensão de Bispo e Santos (2017) em relação à significação do conceito, no entanto, nota-se que as autoras somam à conceptualização anterior outras considerações também pertinentes. As pesquisadoras, tal como Bispo e Santos (2017), defendem que a noção de escrevivência é atravessada por uma tríplice em que aparecem em evidência: o corpo, a condição e a experiência. Entretanto, no mesmo trabalho, há uma ampliação nessa conceitualização, pois as autoras asseveraram ainda que a escrevivência é representada por textos onde “utiliza-se da experiência do autor para viabilizar narrativas que dizem respeito à experiência coletiva de mulheres” (SOARES & MACHADO, 2017).

O uso da noção de escrevivência como uma proposta metodológica, como assim utilizam Soares & Machado (2017), é justificado pelos benefícios que esta ramificação possibilita, posto que “ela se presta a uma subversão da produção de conhecimento, pois, além de introduzir uma fissura de caráter eminentemente artístico na escrita científica, apresenta-se por meio da entoação de vozes de mulheres subalternas” (SOARES & MACHADO, 2017).

Nessa esteira, compreende-se que a ideia de escrevivência, quando aplicada como método científico, não somente auxilia na produção de conhecimentos potencialmente necessários, mas também convida a ambientação da arte no espaço do cientificismo. Diante disso, consoante às autoras, uma vez aplicado este método, as escrevivências produzidas por mulheres negras “desenrola fios de experiências múltiplas que, ao mesmo tempo, se enredam nas histórias de mulheres negras e suas experiências com a Política de Assistência Social. O si-outra (s) de uma invenção compartilhada” (SOARES & MACHADO, 2017).

Consequentemente, entende-se que nesta pesquisa a expressão escrevivência se amplifica de modo a atuar como procedimento científico que visa a promoção de conhecimentos no espaço da psicologia social, ramo da psicologia que objetiva estudar o comportamento humano, estabelecendo pontes teóricas entre a antropologia, história, ciências políticas e outras.

Noutro momento, é desenvolvido por Soares (2017) o trabalho nomeado de *Escrevivências sobre mulheres negras acompanhadas pela proteção social básica — uma perspectiva interseccional* (2017), em que seu principal objetivo foi analisar as “trajetórias de vida de mulheres acompanhadas por serviços da Proteção Social Básica, no âmbito do Sistema Único de Assistência Social (SUAS)” (SOARES, 2017).

No presente documento a autora analisa a trajetória de vida de mulheres negras no intuito de perceber como os operadores sociais, em particular: gênero, raça, etnia, classe e idade marcam e modelam suas condições enquanto sujeito, buscando neste mesmo caminho

compreender como a experiência de uma modifica a experiência da outra (SOARES, 2017). Neste trabalho, a autora defende a noção de escrevivência baseada na fundamentação de Mattos & Xavier (2016), colocando-a como perspectiva onde se põe “os usos a escrita e a construção de pautas políticas, referentes aos traços *da autora ou do autor* presente na narrativa” (SOARES, 2017, grifo nosso).

As discussões fomentadas nas dependências deste original são conduzidas por meio de questões étnicas-sociais, pois, as histórias narradas pelas agentes voluntárias da pesquisa dizem respeito a situações intimamente presentes no cotidiano de mulheres negras brasileiras. Estas narrativas, por suas vezes, foram nomeadas de escrevivência pois, foi-se possível analisá-las a partir de situações vivenciadas em particular por parte da pesquisadora responsável pelo desenvolvimento do trabalho, como bem pontuado em: “contar as histórias dessas mulheres por meio da minha própria história como trabalhadora e pesquisadora negra” (SOARES, 2017). Desse modo, nota-se que a escrevivência, neste trabalho, aparece sendo representada pela capacidade de contar histórias outras por meio ou a partir da sua própria.

Nessa conjuntura, consideramos pertinente a forma como ambos os trabalhos (cf. SOARES & MACHADO, 2017) apresentam desdobramentos²⁴ no conceito de escrevivência. Enquanto em Soares & Machado (2017) a respectiva noção é tomada como uma proposta metodológica para a produção de conhecimento nas ciências humanas e sociais, em Soares (2017) a escrevivência é apresentada como uma maneira de contar a história do outro por meio ou através de suas próprias experiências, utilizando para o que se propõe a própria fundamentação metodológica percorrida em “*Escrevivências*” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em psicologia social (2017) — com isso, legitimando-o como método de produção científico-artística.

Não obstante, dando continuidade ao deslocamento do conceito de escrevivência da literatura para a psicologia social, tem-se também a pesquisa denominada *A história de a.: escrevivências de um aluno cotista negro no curso de psicologia da UFRGS*, de Almeida (2018). Neste trabalho, como pode-se perceber pelo que é enunciado no título, o autor traça como principal objetivo “apresentar sua vivência como aluno negro, ingressante por cotas raciais, no curso de Psicologia da UFRGS²⁵, assim como episódios que envolvam outros colegas” (ALMEIDA, 2018). Isto é, no trabalho em questão são elencadas as trajetórias de

²⁴ O trabalho titulado por *Escrevivências sobre mulheres negras acompanhadas pela proteção social básica — uma perspectiva interseccional*, tem como autora Lissandra Soares (2017), que também assina como primeira autora a pesquisa “*Escrevivências*” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em psicologia social.

²⁵ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

estudantes negros do curso de psicologia social cujo, pelo que são postos nos relatos, lidam cotidianamente com situações em torno das questões a seguir: “cotas raciais, psicologia, colonização, decolonialidade, racismo, relações étnico-raciais, meritocracia e universidade” (ALMEIDA, 2018).

A noção de *escrevivência* ao qual o autor se perfila é aquela caracterizada pela “escrita das nossas memórias” (ALMEIDA, 2018), ou ainda, pela maneira que “conta as nossas histórias a partir das nossas perspectivas, é uma escrita que se dá colada à nossa vivência, seja particular ou coletiva, justamente para acordar os da Casa-Grande” (EVARISTO, 2017c *apud* ALMEIDA, 2018). No desenvolvimento da presente pesquisa é percebido que muitos elementos da “*escrevivência*”, no sentido umbilical da expressão, ainda são essencialmente conservados, principalmente levando em consideração as questões étnico-sociais.

Nessa via, observamos que as experiências do pesquisador enquanto sujeito do meio utilizado para observação e desenvolvimento do trabalho — em consonância com as de outros colegas do mesmo curso e outros — auxiliaram ao desenvolver um desdobramento na presente noção, uma vez que são por meio de situações comuns a estes acadêmicos em relação às temáticas já elencadas que se foi possível produzir discussões políticas e formativas.

Para o autor, a justificativa pela adoção deste método de escrita/trabalho é assegurada pela capacidade de produzir afeição e contagiar os acadêmicos a partir dessas experiências, além de se caracterizar como um método que isenta a neutralidade que se é cobrada — concordamos veementemente com a colocação do autor — nos trabalhos produzidos nas academias, como observa-se em:

Considero essencial ser enunciado que a escrita deste trabalho também não tem, de nenhuma forma, a preocupação, ou o objetivo, de ser uma escrita neutra, sem implicação (até porque, a meu ver, a neutralidade é falaciosa), muito pelo contrário, tenho um ponto de vista sobre o que escrevo aqui, e pretendo transmiti-lo neste trabalho, portanto a discordância sobre o que será exposto não é só livre e esperada, como bem-vinda, já que demonstra que esse texto seguirá produzindo outros (ALMEIDA, 2018, p. 10, grifo no original).

Desse modo, vê-se que o autor também concentra seus esforços em rerepresentar a noção de *escrevivência* como um caminho iminente para romper com a impessoalidade científica e, assim como fez no citado trabalho, expor suas proposições e experiências pessoais e coletivas em suas pesquisas sem perder o teor e a validade científica, o que se constitui também como um desdobramento do conceito original. Outrossim, as discussões neste estudo são processadas de maneira próxima às de Soares (2017), levando em consideração o fato de que as histórias narradas são assim feitas a partir das experiências do sujeito pesquisador, trazendo as

narrações/experiências do plano individual para o coletivo e produzindo, conseqüentemente, conhecimentos e reflexões acerca de racismo e educação.

Desse modo, nota-se que a então pesquisa é construída tendo como base o que Conceição Evaristo compreende por *escrevivência*. No entanto, há uma ramificação do conceito quando se é proposto o uso da expressão como uma das maneiras possíveis de produção de conhecimento no campo das ciências humanas e sociais e, nesse trabalho em específico, conhecimentos alusivos à discriminação e preconceito social, invisibilidade e redução dos corpos e intelectualidades negras e outros no ambiente acadêmico; sobretudo no interior da Universidade Federal do Rio Grande do Sul — UFRGS e no curso de psicologia social, tanto por parte de alunos, quanto de professores.

No âmbito da literatura os desdobramentos também se colocam em posições curiosas. Em *Os brutos: escrevivência de um escritor de província*, pesquisa produzida por Silva (2002), observou-se que não há uma afiliação implícita à noção de *escrevivência* por parte da autora, o que pode ser confirmado pela ausência de referências que exploram o assunto. No entanto, pelas discussões conduzidas pela autora, é perceptível que esta a compreende como uma forma de narração das experiências da sujeita ou do sujeito, em que por meio desse mecanismo alinham-se e se aproximam ficção e realidade, conforme pode-se observar neste trecho do texto, em que a pesquisadora examina a obra de José Bezerra Gomes a partir da noção de *escrevivência*: “o autor de *Os Brutos* utiliza-se de dois recursos característicos da época (neorrealismo de 30): a aproximação da ficção com o real e o compromisso com a veracidade dos fatos” (SILVA, 2002, p. 6, grifo no original).

Por ser assim, o trabalho acima mencionado tem por objetivo propiciar “algumas considerações em torno do ponto de vista do narrador, enfocando a encenação do ‘EU’ no cenário artístico e sua interferência no modo de narração na citada obra” (SILVA, 2002, p. 1, grifo no original). Em outras palavras, o trabalho supracitado propõe analisar a performance do narrador presente na obra *Os brutos*, de José Bezerra Gomes (1938), no intuito de levantar considerações reflexivas sobre sua conduta e a segmentação da respectiva narrativa a partir das reminiscências e do poder de imaginação do autor.

Exemplificando de um modo mais preciso, embora tenha-se também considerado as relações socioideológicas do escritor pesquisado, convém dizer que a referida autora depreende o conceito de *escrevivência* como um elemento alicerçante de análise em relação a tais questões: *a)* como os narradores clássicos e pós-modernos se apresentam nas narrativas contemporâneas; *b)* a atuação do autor na construção da conduta do narrado e *c)* as atribuições a ele delegadas: “narrar, nomear personagens, coordenar a tríade ação/tempo/espaço” (SILVA, 2002, p. 4).

Propõe a escrevivência, antes de tudo, como um modelo de rompimento dos métodos de narração tradicional, de modo a trazer a ficção para realidade e/ou vice versa.

Assim, conforme os direcionamentos expostos no trabalho ora analisado, a noção de escrevivência é alargada de modo a ser caracterizada como um elemento textual focado no ofício do narrador, em que sua pretensão está em aproximar ficção e realidade com base nas reminiscências da autora ou do autor. Esta afirmativa, por sua vez, é percebida pelo esforço que a pesquisadora faz em focalizar as análises no percurso narrativo, isto é, em como este narrador é apresentado ao leitor, possibilitando, assim, depreender que a expressão em questão está sendo utilizada como fomentadora de estudos que são tematizados pelos métodos narrativos ou, também, a um próprio modelo de narrativas “regidas por nuances socioideológicas que fazem parte do mundo psicológico do autor” (SILVA, 2002, p. 1).

Ainda na premissa literária, em *Escrita feminina na obra de Rachel de Queiroz: feminismo, autoficção e escrevivência em Dôra, Doralina e memorial de Maria Moura*, de autoria de Prado (2019), é identificada uma perspectiva ousada sobre a noção de escrevivência. Neste trabalho, tem-se como objetivo central “discutir autoria feminina e ficção a partir da crítica feminista, utilizando-se de dois romances de Rachel de Queiroz” (PRADO, 2019). Portanto, essa pesquisa se fez por via de análises comparativas de duas obras da escritora acima referenciada, em que a pesquisadora incumbida por este ofício se versa sobre a escrita de Rachel de Queiroz no intuito de identificar para além de pautas políticas como o feminismo — embora a autora se negue a pertencer a este movimento —, marcas de gênero e/ou tendências literárias, como pode ser percebido no trecho a seguir: “ademais, nessas duas obras encontramos também marcas de autoficção e escrevivência produzidas por Rachel de Queiroz, que tanto aproxima criadora e criaturas” (PRADO, 2019).

Diante disso, percebeu-se que, após as análises do *corpus*, a autora apontou que a escrita de Raquel de Queiroz, especificamente em *Dôra, Doralina* (2014) e *Memorial de Maria Moura* (2010), últimos romances publicados pela então escritora e professora, é caracterizada pela presença de um gênero híbrido, em que foi possível identificar a: autoficção, autobiografia e escrevivência. Com esta afirmação, conseqüentemente, pode-se compreender que o desdobramento da noção aqui polarizada se apresenta com a sua caracterização como um gênero literário, enquanto convencionalmente este conceito é conhecido como uma modalidade de escrita.

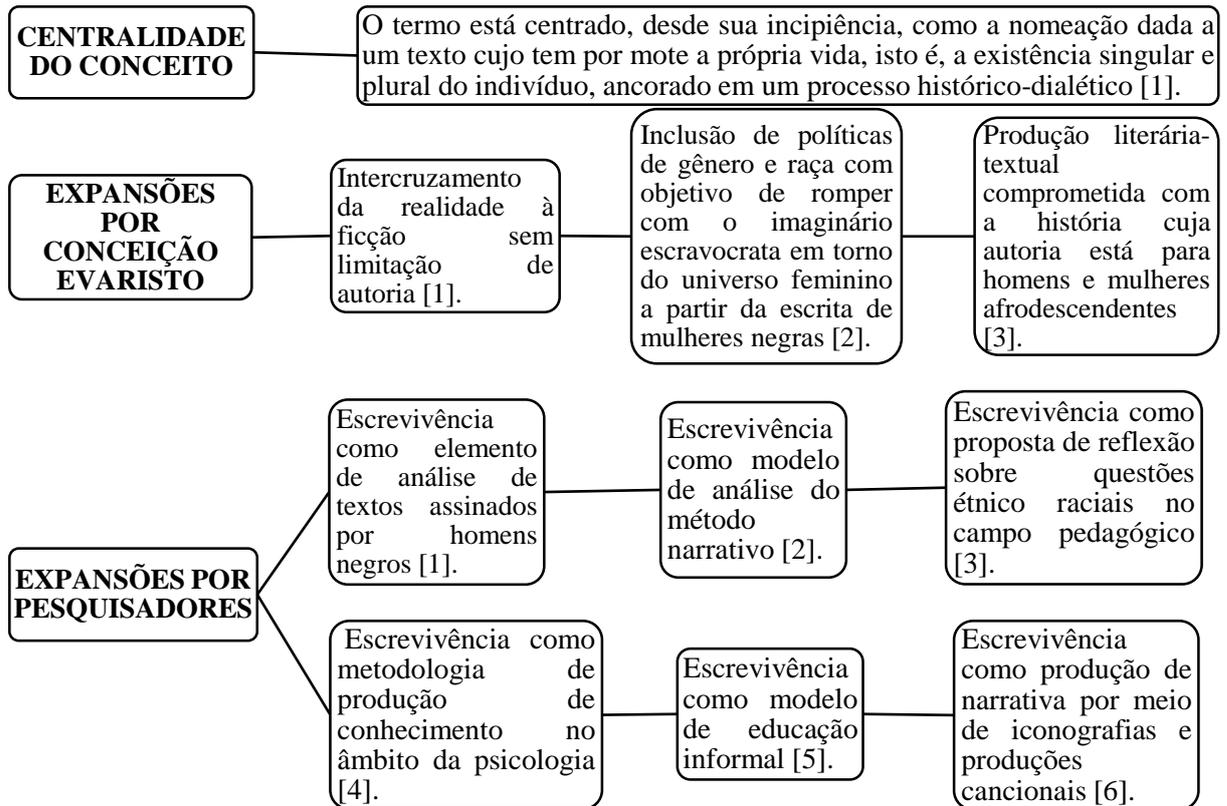
Partindo do princípio de que ambos os trabalhos — referimo-nos aqui também à pesquisa assinada por Silva (2002) — são efetivados no espaço da literatura, pode-se verificar, ainda, o contraste entre os dois desdobramentos identificados. Enquanto em Silva (2002) este

conceito é apresentado como uma estratégia narrativa e ponto de partida para discussão sobre a conduta do narrador, em Prado (2019), por outro lado, a noção é compreendida como um gênero literário posicionado lado a lado da autobiografia e da autoficção, sendo esta assertiva comprovada com a análise do último capítulo da presente dissertação, na qual a autora nomeia de *Autobiografia, autoficção e escrevivência em Rachel de Queiroz*, em que a cientista afirma a existência desses gêneros na escrita de Rachel de Queiroz.

Isso posto, conclui-se que a noção de escrevivência está submersa em um processo de maturação no que diz respeito aos efeitos de sentido que esta pode expressar e, portanto, se ramificando — por força da própria precursora, como também de demais pesquisadoras e pesquisadores — para diferentes áreas do conhecimento e, conseqüentemente, recebendo significações diversas. Nesta seção, especificamente, apresentamos como o conceito de escrevivência tem sido deslocado do sentido convencionalmente conhecido, para outras áreas que compõem o currículo das ciências humanas e sociais.

Compreendendo a complexidade das discussões aqui dispostas, em especial no tangente ao ponto de surgimento da noção de escrevivência e suas respectivas ramificações, tais quais identificadas nessa e na seção anterior — dado que tanto a autora como as estudosas e estudiosos que pesquisam a referida noção subsidiam estes desdobramentos — organizou-se um gráfico visual [*Gráfico 3*] que apresentaremos a seguir, que facilita a compressão dos elementos aqui elencados. Nesse caminho, ressalta-se que durante a confecção do gráfico foi-se considerado a centralidade do conceito e os caminhos por onde este fora enveredado durante seu processo de maturação, pois julgamos necessário este norteamento para compreender, por intermédio de um fio condutor, a gênese e a evolução da referida expressão.

GRAF. 2 — Centralização e desdobramentos do conceito escrevivência



FONTE: Gráfico construído para fins desta pesquisa (2021).

Conforme os dados discutidos na segunda seção deste capítulo, a noção de escrevivência é passível de um núcleo de sentido que está ancorado em um processo histórico-dialético, isto é, Conceição Evaristo nomeia por escrevivência um texto crítico-literário que se versa na existência e vivência de quem a escreve e que está intimamente e/ou necessariamente dialogado com a história. No entanto, ainda com base nas declarações da autora, é possível identificar desdobramentos outros no que tange a produção e delineamento das discussões dispostas nas escrevivências. Se, em primeira instância, a referida noção nasce sem limitações enquanto sua autoria, noutros momentos a autora desdobra a expressão de modo esta nomeie textos de mulheres negras com objetivo de rasurar o imaginário criado em torno delas durante o regime escravocrata; e, por conseguinte, mantendo a essência da noção, desdobra ainda a autoria para mulheres e homens africanos e seus respectivos descendentes. Além disso, a atuação de pesquisadoras e pesquisadores neste campo de estudo fizeram emergir outros efeitos de sentido ao conceito aqui discutido, como bem pôde-se comprovar nesta seção: a noção de escrevivência ultrapassou o espaço previsto pela literatura, onde se ambienta originalmente — embora algumas ramificações no âmbito literário foram identificadas — e passa a atuar na política e psicologia social; música; fotografia e agroecologia.

2.4 Carta aberta à Conceição Evaristo

“Homem negro falando de escrevivência? Minhas possibilidades de diálogos, aproximações e limites com as proposições de Conceição Evaristo para se pensar a literatura”.

Caríssima Conceição Evaristo,

Te escrevo em uma tarde quente e [triste] de uma quarta-feira maranhense, 15 de maio de 2020, e escrevendo a ti tenho grandes doses de felicidades e uma fuga quase necessária da realidade pandêmica provocada pelo COVID-19 que tanto tem [me] nos assombrado. Antes de tudo, gostaria de apresentar-me: tenho por nome Marcelo de Jesus de Oliveira, 22 anos, filho de uma mulher que muito me lembra tua força e poeticidade e de um homem do coração tão bom quanto o de Bondade, irmão de duas mais velhas e pai de uma cadela-felicidade. A nível de títulos, hoje desenvolvo um mestrado em Letras, mas também tenho uma especialização em Literatura Contemporânea e uma graduação em Letras Português e Literatura. Considerei pertinente vos apresentá-los, pois, em toda minha trajetória acadêmica, tive suas obras como objeto de análise [elas participaram grandiosamente da minha formação pessoal e profissional], e em todos os materiais que produzi sentir-me poeticamente “arrebentado”, não pela exaustividade resultante do processo de construção do texto científico, mas pela força das tuas palavras-coragem-emoção.

Este processo de arrebentamento inicia-se assim que tenho meu primeiro contato contigo, em um seminário de História da Educação Maranhense que participei ainda na condição de graduando, em 2018, sediado na capital do Maranhão. Em dos mais improváveis locais de venda de obras literárias [considerando que se tratava de um evento focado em ensino-aprendizado], eu te encontro no meio de Marielle Franco e Marx & Hegel, vejo a capa, leio o prefácio, aprecio as fotografias postas e na capa e, embebecido por uma formação patriarcal-colonial, questiono silenciosamente a mim mesmo: o que de tão interessante essa escritora que ainda não conheço tem a me oferecer? Em rápidos movimentos, seleciono mais dois, passo o cartão e levo na bolsa os três. No ônibus, voltando para casa, leio as 20 primeiras páginas e antes da décima eu já havia sido arrebentado pela primeira vez. Chorei. Desde aquele dia, desde aquelas páginas, eu já sabia o que de tão importante e necessário tu tens a me oferecer e oferecer a toda nossa literatura nacional: desacordo histórico sensatez-coragem-descolonização-sensibilidade e potência poética. E lá eu estava, quem nunca havia chorado diante um livro, chorando segurando em minhas mãos tuas palavras tão sensíveis, mas tão pesadas e necessárias [e estive para o sofrimento, tão qual Maria-Nova, em diversos momentos].

Tanto na graduação, quanto na especialização, desenvolvi uma análise interseccional — gênero, classe e raça — no contexto das tuas personagens, sobretudo em *Becos da Memória* (2017). Quase contatei aí [penso eu] teu eu menina representada por Maria-Nova, vi minha mãe em Vó Rita, conheci Bondade, Dora, Negro Alírio, Cidinha-rabo-de-ouro, Tio Totó e os tratores pesadões que destruíam a favela-dor-memória. Ao ler *Becos da Memória* (2017), minha querida Conceição Evaristo, eu sinto ainda sangrar as feridas deixadas pelas matrizes coloniais em nossa carne, na carne de cada um brasileiro, ferida esta que tua escrita não permite cicatrizar, nem é tua intenção, felizmente. No inverso, as tuas palavras seguem arrebetando tudo, incomodando com maior tonicidade e propositalmente os da casa-grande, e essa sim é uma das tuas pretensões e, por gostar do jeito e da braveza-sensível com que o faz, sigo apaixonado e não me privo de ser arrebetado com tua poética de tom trágico todos os dias.

Concomitante ao prazer de te ler, e, conseqüentemente, tê-la como minha fiel companheira de caminhada acadêmica [que tu também tens noção do quão, por vezes, é tão solitária], um “falso” problema, eu diria, me acompanhava [ou pelo menos tentou também se fazer presente em nossa relação], e eu também irei te apresentá-lo: desde que decidi, ainda na graduação, que te teria como objeto de estudo, em detrimento de tudo que já sabia sobre teu projeto de escrita, ainda que com pouca profundidade naquele momento, já calculava a possibilidade de ter que lidar com problemas socialmente complexos como o de gênero e/ou, ainda, com análises de situações corriqueiramente acontecidas [infelizmente] na vida da pessoa negra [e sobretudo daquele de pele retinta]. E eu, no auge da minha pouca profundidade nesse conteúdo, me auto atormentava com questões que beiram esse sentido: “por que eu, um homem, estou falando-escrevendo-estudando sobre a relação de mulheres negras com o sistema capitalista patriarcalista?”, ou ainda, “é ético eu, um sujeito negro não retinto, estar aprofundando questões sobre raça e levando-a para crítica acadêmica?”. Confesso que aí, Conceição, se apresentam/ou um tanto de ignorância de minha parte, mas, que, com boas leituras, incluindo as tuas, consegui aquietar-me e, portanto, estar bem resolvido com minhas pesquisas.

Compreendi, pouco tempo depois, que discutir estas questões não fere os espaços de mulheres negras, desde que eu me insira na luta delas enquanto apoiador, fazendo-as com que suas vozes possam ser ouvidas e, por isso, doo meus textos como canais para elas falarem. Discuto-as porque tenho em mim um desejo latente de sermos e podermos ser quem realmente somos e como somos e, concordando com Bell Hooks em *O feminismo é para todo mundo* (2019a), “uma revolução feminista sozinha não criará esse mundo; precisamos acabar com o racismo, o elitismo, o imperialismo. Mas ela tornará possível que sejamos pessoas — mulheres

e homens — autorrealizadas, capazes de criar uma comunidade amorosa” (HOOKS, 2019a). Além do mais, propor espaços para estas discussões não me faz um antiético, como pensei no início da minha trajetória acadêmica, pois, ainda que eu não seja negro retinto, ainda sim sou seguido em seções de supermercado [afinal, ainda se alimenta a ideia de que todo negro representa uma ameaça]; ainda conferem os bolsos [às vezes nem mascaram os movimentos] quando percebem que estou atrás, ou, ainda, me escolhem para uma revista policial quando outro alguém branco também estava no carro e não teve de ser submetido a tal situação. É pensando nisso, somada a profundidade do que já passamos em razão de nossa cor, e do que ainda passamos continuamente [e falando do meu privilégio não retinto, estes estão na linha de frente do racismo que ainda assolam a sociedade], que sigo propondo a discussão de tais questões como um confronto ao sistema colonial, confronto que tu me ensinaste muito bem fazê-lo, proponho-as como um convite coletivo ao ato de descolonizar.

Sobre esta perspectiva, cabe-me ainda convidar as palavras de Samira Mehrez (1991) que, na mesma medida que as suas, muito me encorajam: “A descolonização [...] continua a ser um ato de confrontação com um sistema de pensamento hegemônico; é, conseqüentemente, um imenso processo de liberação histórica e cultural” (MEHREZ, 1991, p. 104). A fala da citada pensadora me faz compreender que fazer o que me proponho em meus textos, na qualidade de pesquisador e, portanto, construtor e/ou mediador de ideias, está longe de ser uma medida irresponsável e me coloca numa posição política de amador e defensor da negritude e, hoje, mais que nunca, compreendo a necessidade de continuar neste caminho, pois, para Hooks (2019b), volto a citá-la, “amar a negritude como resistência política transforma nossas formas de ver e ser e, portanto, cria as condições necessárias para que nos movamos contra as forças de dominação e morte que tomam as vidas negras” (HOOKS, 2019b, p. 63).

Para além disso, considerando que as possibilidades de trabalho com tuas obras não se esgotam [bem como todo produto literário], pois há sempre algo curioso a se explorar, propus pesquisar tuas obras também no curso de mestrado. Inicialmente apresentei uma proposta de discussão da relação entre real e imaginário em *Ponciá Vicencio* (2006) e *Becos da Memória* (2017), esta que surge junto da minha inquietação e curiosidade em relação ao teu projeto de escrita literária que, como tu bem pontuas, não se desvencilha da realidade, pelo contrário, toma ela como mote. No entanto, em reuniões com meu orientador decidimos ajustar a pesquisa de modo a nos aprofundarmos teoricamente no conceito de “escrevivência”, dado que poucos materiais, até então, haviam sido produzidos neste sentido. Iniciou-se, portanto, as buscas por textos já produzidos, leituras e a rascunhar algumas páginas como ensaio para o texto original da dissertação e, novamente, estive frente a frente com o problema que me torturou no início

das minhas pesquisas, agora com uma nova roupagem: “quais motivos eu teria, enquanto homem negro, de estar escrevendo sobre escrevivência, sendo este um conceito dado aos textos de mulheres negras com objetivo de rasurar o imaginário criado em torno das atribuições sociais destinadas a mulheres negras no curso da escravidão no Brasil?”.

No entanto, não deixei com que esta situação me intimidasse e, portanto, inicialmente como quem só aprende, deleitei-me sobre as proposições teóricas em relação ao teu-nosso conceito e, posteriormente, como quem aprende, mas também pode ensinar, proponho o desenvolvimento deste trabalho, pensando, acima de tudo, que a noção de escrevivência é, no mais alto grau, um convite para a militância antirracista que não se desvencilha do contexto de gênero e classe. Ou, ainda, por acreditar que esta noção funciona como um importante elemento de organização do mundo por via da arte, bem como sinaliza Antônio Cândido (2006) e, estando na situação que estamos, homens e mulheres devem atuar conjuntamente pelas amarras que ainda insistem em nos reduzir-exterminar. Por ser assim, no texto que recebe o título de *Escre(viver): escrita, história e vivência* analisei o conceito de escrevivência considerando o ano e local de surgimento, a centralidade do conceito e suas ampliações ocorridas nos últimos anos desde seu uso incipiente, tanto da sua parte, quanto por parte de outros pesquisadores que também estudam suas obras, a partir de entrevistas suas publicadas em anos anteriores ao emergir deste trabalho, percebendo, com isso, que este conceito está em constante processo de maturação.

Para além dos resultados apresentados neste trabalho, estudar a noção de escrevivência me permitiu ainda pensar a literatura como algo não alheia à minha experiência corpórea [ou inversamente], como um corpo-literário-histórico. A escrevivência me coloca hoje, enquanto pesquisador, leitor e professor de literatura, numa posição de quem explora o texto literário por intermédio da corporeidade; de quem acredita veementemente que o corpo nos possibilita a produção de narrativas com objetivos diversos /descoloniais-antipatriarcais/ [e outras], que escreve e se inscreve no mundo, bem como, igualmente, possibilita a leitura que explora os mais diferentes sentidos e sensações. Por ser assim, acreditando que “o corpo é a nossa ancoragem no mundo [...]” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 161), a partir da noção de escrevivência — e suas respectivas ramificações —, assumo meu corpo negro-masculino-assimétrico-gay, como parte do grupo de quem deve escrever, escrevi(ser), dando-me a oportunidade de desenvolver este trabalho com segurança e rerepresentar a escrevivência como um espaço que não exclui, mas como aquele que convida a descolonizarmos nossas experiências múltiplas e singulares.

3 *BECOS DA MEMÓRIA (2017): ABRIGO DAS ESCRIVIVÊNCIAS SUBALTERNAS*

A nossa escrevivência não pode ser lida como história para “ninar os da casa-grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos (EVARISTO, 1994-1995).

Neste capítulo, levantar-se-á algumas considerações referentes à obra *Becos da Memória* (2017) — da escritora afrodescendente Conceição Evaristo — com objetivo de compreender, a partir do que já se é sabido a respeito do conceito de *escrevivência*, importantes aspectos que se fazem presentes na citada narrativa. A saber: a linguagem utilizada para aproximar vida real à ficção; as estratégias narrativas utilizadas pela narradora-autora; o espaço em que o romance é ambientado e a importância dele para compreensão identitária das personagens; o enredo; o itinerário de publicação original do romance — considerando que este é marcado por tentativas falhas em razão de infortúnios patriarcais e étnicos —; semelhanças e dissidência da obra enquanto produto final em relação ao texto que a faz emergir; apresentação dos fragmentos que a compõe, bem como elementos biográficos que permeiam o interior do romance, ainda que de modo ficcional, posto que “nada que está narrado em *Becos da Memória* é verdade e nada que está escrito em *Becos* é mentira. São memórias ficcionalizadas” (EVARISTO, 2017b, grifo no original).

Em vista disso, poder-se-á prosseguir para a leitura da primeira seção, intitulada *Becos da Memória (2017) — apresentação da obra e outros pontos*, em que a narrativa é apresentada a partir de um ponto de vista crítico, ansiando habilitar o leitor a receber as discussões propiciadas posteriormente.

3.1 *Becos da Memória (2017) — apresentação da obra e outros pontos*

Por acreditarmos na necessidade, apresentaremos a seção *Becos da Memória (2017) — apresentação da obra e outros pontos* como inauguração deste capítulo, ambicionando introduzir o leitor na citada narrativa, bem como noutras discussões expostas posteriormente. Tomando o devido cuidado para não comprometer a qualidade da leitura da leitora ou do leitor evaristiano recém iniciado, assim como para melhor atender aos interesses da pesquisa, o enredo do romance foi explorado de maneira mais crítica que literária. Portanto, sob medidas mais amplas, a discussão aqui disposta atravessa as seguintes questões: estética literária do texto; desafios e superações no contexto de construção e publicação da obra; impressão dos

primeiros leitores e a relação e contribuição do romance para a literatura nacional de expressão afro-brasileira.

Publicada originalmente em 2006, o romance considerado memorialístico²⁶ *Becos da Memória* tem sido referenciado como uma das mais importantes obras memoriais pertencentes ao cenário literário pós-moderno, traduzido, inclusive, para duas línguas estrangeiras, sendo elas: francês e espanhol, assim como recebido indicações de leitura obrigatória para importantes vestibulares brasileiros.

A obra presentemente polemizada aparece sendo organizada, em todas suas edições, em uma espécie de “capítulos independentes”, o que significa dizer, também, que o leitor não necessita de uma ordem ríspida de leitura, pois, ainda que assim seja, não há nenhum prejuízo na compreensão do discurso que o romance propõe. Nos fragmentos que compõem a obra, consoante à Oliveira (2009b), são encontradas denúncias sociais tecidas sob um lirismo de tom trágico no que tange ao modo de vida dos sujeitos marginais, ou seja, aqueles que são e foram profundamente marcados pela exclusão social, pelos desejos, sonhos e lembranças (OLIVEIRA, 2009b).

Na concepção de Serpa (2014), a obra *Becos da Memória* (2017) pode inicialmente ser percebida como uma trama segmentada por intermédio de um descolamento espaço-temporal. A afirmativa da autora se dá com base na observância dos percursos viscerais traçados pelas personagens e descrito por Maria-Nova, trajetórias estas que iniciam em seus locais de origem e se estendem até a chegada e permanência na favela. No entanto, se visto por outro lado, estes percursos — ou as experiências que são por eles evidenciadas — dão ao romance um caráter informativo-inquietador, posto que os caminhos percorridos pelas personagens apresentadas por Conceição Evaristo na narrativa analisada²⁷ evocam questões históricas ainda muito presentes na vida da população brasileira, como o enraizamento e desenraizamento territoriais; o preconceito; a exclusão; a miséria; o abandono, entre outros.

O romance *Becos da Memória* (2017), na mesma medida, pode ser também compreendido como uma obra étnico-educadora, pois, como uma das leituras possíveis, traz uma revisitação ao passado escravocrata, despertando no leitor uma maior compreensão crítica e reflexiva sobre a formação dos povos negros no Brasil. Nesse sentido, vê-se que o discurso

²⁶ Nesta pesquisa defendemos o romance *Becos da Memória* (2017) e outros escritos de autoria de Conceição Evaristo como memorialísticos, pois, tratam-se de produções em que são mescladas incessantemente factualidade biográfica e ficção; além de servirem, em largas medidas, à história, enquanto disciplina e instituição, uma vez que são apresentados como uma suplementação aos documentos historiográficos ditos oficiais do país, assim como uma exigência a uma nova leitura a estes registros, com enfoque na visibilização de sujeitos excluídos/minoritários.

²⁷ Esta discussão é mais bem explorada na seção *As personagens — performances extra ficcionais*, expressada ainda neste capítulo.

da enunciadora, ao arquitetar esta revisitação, opera de modo a denunciar a inconsistência que assola a pretensa história oficial, relendo-a a partir da ótica do sujeito afro-brasileiro, numa intensa atividade desacordante e moralizadora.

Ao que se refere à linguagem empregada no processo de construção do romance, notou-se que, para construí-lo, a autora buscou, em um exercício consciente, aproximar o máximo possível a oralidade do texto escrito. Esta prática se dá pelo uso paulatino de expressões comumente consideradas “marcas orais” ou “marcações de oralidades”, bem como pela primazia de dialetos comuns à comunidade/camada popular que a autora vive; isso porque, segundo a literata, “o lugar de nascimento, toda a influência do meu texto vem da oralidade” (OLIVEIRA; CASSILHAS; SANTOS, 2018)²⁸.

A linguagem, por assim ser, segue uma estética simples, objetiva, sem uso de expressões rebuscadas ou de difícil entendimento, de modo que não exija da leitora ou do leitor um profundo conhecimento da língua — aqui cabe-nos salientar que o texto analisado para fundamentar tais afirmativas foram os quem compuseram a obra em língua portuguesa, dado que há discussões iniciadas sobre problemas de traduções em se tratando desta obra, o que não é do nosso interesse aprofundá-la neste momento.

Decerto, Conceição Evaristo assim o fez para que seus textos conseguissem alcançar liricamente grupos sociais que durante muito tempo na literatura brasileira — em especial nas obras canônicas — auxiliaram em sua difusão tão somente como modelo de representação de personagens e, jamais, como consumidores: bebedores, prostitutas, pobres, ruralistas, mendigos etc. No entanto, o fato desta autora optar por esta estética de escrita, não compromete, de forma alguma, a qualidade de sua produção artística, sobretudo considerando que, como suplemento à simplicidade acima posta, “a autora escapa das soluções fáceis: não faz do morro território de *glamour* e fetiche; tampouco, investe no traço simples do realismo brutal, o qual acaba transformando violência em produto comercial para a sedenta sociedade de consumo” (OLIVEIRA, 2009b).

Em caráter de delineamento do enredo, pode-se afirmar que em *Becos da Memória* (2017), um dos numerosos romances memorialísticos de Conceição Evaristo, são expostos relatos situados tenuemente entre o ficcional e factual de moradores residentes de uma periferia em estado de (pré)demolição ou desfavelamento, em que nesses são especuladas suas trajetórias de vida antes e após a chegada na favela; seus traumas de infância que ainda moldam as relações sociais nos ambientes que frequentam; as dinâmicas de sobrevivência diante de uma sociedade

²⁸Trecho extraído de entrevista com Conceição Evaristo (2018), disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/57055/37629>.

que tem o negro como objeto e, portanto, inferiorizado; suas relações com a fome, a tristeza, a política, a violência e a subalternidade.

Por ser assim, Conceição Evaristo oportuniza à crítica e à literatura nacional e internacional uma narrativa original com um enredo voltado para a visibilização de sujeitos socialmente invisíveis, se versando de uma linguagem acessível e dolorosa para apresentar temas socialmente complexos e personagens altamente perseguidos pelo patriarcalismo capitalista.

Em termos técnicos, o romance é arquitetado a partir da atuação da narradora-personagem — Maria-Nova — que, por meio de sua memória, vai inter cruzando os relatos fragmentados dos moradores da favela. A obra é iniciada com a narradora evidenciando uma figura enigmática ao leitor que, por sua vez, está intimamente associada à personagem Vó-Rita, tal qual pode ser percebido no trecho que inaugura o romance: “Vó Rita dormia embolada com *ela*. Vó Rita era boa, gostava muito dela e todos nós” (EVARISTO, 2017b, p. 15, grifo nosso). Este excerto é utilizado durante todo desenvolvimento da narrativa como tendência de criação e inspiração, em que, por intermédio dele, novas memórias vão sendo surgidas no interior de Maria-Nova, narradora-autora, como constado na declaração trazida abaixo:

O primeiro romance que escrevi nasceu de uma frase que escutei de minha mãe. Estávamos conversando sobre histórias passadas, quando minha mãe se referindo a uma senhora que conheci na minha infância disse a seguinte frase: “Vó Rita dormia embolada com ela”. Não sei por que, mas essa frase me soou tão bonita, diferente. Eu estava em Belo Horizonte de férias. A frase me voltava constantemente, no pensamento e na boca. Quando voltei para o Rio, comecei a escrever o romance (EVARISTO, 2010, grifo no original).

A “ela”, que ao avanço da leitura é renomeada pela narradora por “a outra”, financia um mistério criado em torno de Vó Rita e que perdura durante todo o romance, motivando o público leitor a prosseguir quase vorazmente a leitura. Por ser assim, este mistério que não é desvendado nem mesmo ao término do romance, pode ser interpretado como um reforço a um “convite para que o leitor realize com ela [a narradora-autora] seus primeiros passos nos becos de sua memória” (PRATES, 2010, grifo nosso).

Ao analisar o discurso étnico-literário pelo qual se é constituído o romance presentemente polarizado, em especial o fragmento “Vó Rita dormia embolada com ela”, Prates (2010) assegura que esta sentença marca, para além da expressividade oral, uma união entre a realidade e a ficção do universo da enunciativa, dado que “nas aliterações do /r/ e nas assonâncias do /e/, engendra-se uma identidade afro-mineira, uma fala que [...] expressa sua maneira de ser, e até mesmo sua corporalidade [...] na qual se insere, por sua vez, uma

especialíssima comunidade, a do ‘Morro do Pindura Saia²⁹’” (PRATES, 2010, grifo no original).

Embora a narrativa seja desenvolvida a partir de um episódio de desfavelamento, as questões invocadas pela obra não se limitam a esta ocorrência, acrescentando ainda: as experiências mais diversas vividas por pessoas negras; as vivências de comunidades em situações de diásporas; os mecanismos de subalternização de classes populares; a realidade da gravidez na adolescência e o que ela representa para mulheres negras que vivem em condições miseráveis; a marginalização do corpo negro; a subestimação da capacidade corpórea e intelectual de mulheres negras etc.

Sendo assim, considera-se *Becos da Memória* (2017) uma obra de enredo vasto, uma narrativa que oportuniza diferentes caminhos de leituras, convidando, conseqüentemente, o leitor a discutir questões complexas e muito presentes no atual cenário da sociedade brasileira. Além disso, vê-se que a narrativa se faz intimamente ancorada nas memórias ancestrais da narradora-autora como busca de uma afirmação da identidade das personagens, o que permite-nos afirmar que o então romance cumpre fielmente com as especificidades do que a crítica denomina por Literatura Negra, sobretudo considerando que, para Arruda (2008), “essa literatura, que traz para o leitor as marcas desse passado não tão distante, precisa dessa memória para reafirmar sua identidade” (ARRUDA, 2008, p. 48).

Compreende-se, portanto, que o romance evaristiano se constitui como um lugar de memória, já que porta elementos suficientes e primordiais para uma revisitação histórica sedimentada a partir da ótica de sujeitos negros, socialmente excluídos do processo de fomentação da então história oficial e vítimas de um sistema de opressão em massa, visibilizando, portanto, as experiências de grupos sociais que por muito tempo foram silenciados (SERPA, 2014).

Na carta de apresentação de *Becos da Memória* (2017), ao traçar um itinerário de construção da narrativa e os respectivos agradecimentos, Conceição Evaristo nomeia os primeiros leitores da obra ainda em estágio puramente manuscrita em que o professor e pesquisador Muniz Sodré Cabral, da Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ, tem seu nome pontuado. Consideramos pertinente o contato para que, por instrumento das afirmações do crítico literário em relação à sua leitura sobre a obra, fosse possível construir dados pertinentes às impressões de quem realizou leituras precedentes do romance ainda em seu

²⁹ O morro do Pindura Saia é o local onde Conceição Evaristo viveu durante parte de sua infância em Minas Gerais e que, possivelmente, serviu como plano de fundo ou ambientação do romance *Becos da Memória* (2017).

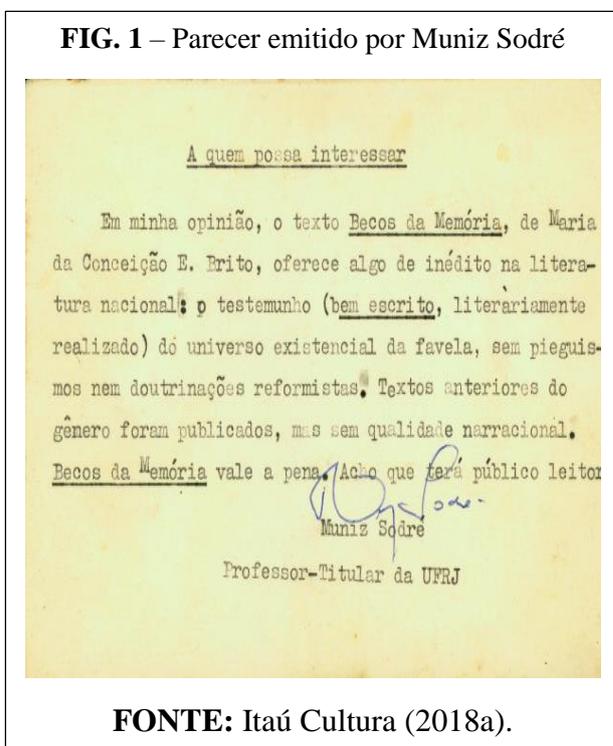
estado de pré-publicação e em um período em que publicações de autoras e autores negros configuravam-se como ineditismo na literatura brasileira.

Em uma conversa com Muniz Sodré, entre os dias 15 e 16 de dezembro de 2019, via e-mail, ao ser questionado sobre a oportunidade da leitura e, posteriormente, da emissão do parecer cujo aparece como assinante (*Figura 1*), o professor e pesquisador informou-nos que a leitura prévia da obra certamente fora solicitada por uma editora que exigia um parecer sobre a possibilidade de vinculação do romance, decerto a editora responsável pela primeira publicação da obra, como nota-se em: “eu não me lembrava desse parecer que, certamente, foi solicitado por uma editora. Eu não conhecia a autora na época (o texto é antigo, pré-computador...)”

(ACERVO PESSOAL, 2019, grifo no original)³⁰.

No citado parecer, o crítico literário tece uma nota sobre a narrativa posta em discussão neste trabalho, pontuando que o texto de autoria de Conceição Evaristo contribui positivamente para expansão da literatura nacional por se tratar de um testemunho em que o assunto diz respeito a uma temática inédita, produzida sem pieguismos e doutrinações reformistas.

A perspectiva do autor em relação à abordagem narrativa empregada na obra mostra-se pertinente, uma vez que também



compactuamos com a assertiva de que *Becos da Memória* (2017) dispõe de uma estratégia narrativa altamente qualificada, tanto é que posteriormente à publicitação do romance, o narrar evaristiano tronou-se objeto de estudo de inúmeras pesquisadoras e pesquisadores brasileiros que realizam pesquisas no âmbito da atividade narrativa.

No entanto, acreditamos também que afirmar que outros textos do mesmo gênero foram anteriormente publicados, mas sem qualidade narrativa, denuncia um considerável desconhecimento [ou descontentamento] por parte da crítica literária brasileira no tangente da literatura produzida na década de 80, incluindo as produções da própria autora que, sem perder

³⁰ Informações extraídas do acervo pessoal do pesquisador incumbido pelo desenvolvimento da respectiva pesquisa.

o lirismo e o tom trágico explorado em *Becos da Memória* (2017), também produziu e publicou em anos anteriores.

Nesse caminho, acrescentamos ainda que seus textos, inicialmente publicados nos *Cadernos Negros*, também enfocavam em testemunhos de grupos minoritários e na apresentação de personagens socialmente inferiorizados — que, como se sabe, nunca foi, até o dado momento, suficientemente interessante para aqueles que selecionam e fomentam o cânone.

Um outro ponto pertinente para a discussão aqui proposta se coloca na fala do citado autor, dado que ao analisar o romance, Sodré (2018) afirma que se trata de um “testemunho”. Esse conceito, quando discorrido no âmbito da literatura, esbarra-se em algumas problemáticas, sobretudo no que tange à qualidade ficcional da obra³¹. No entanto, concordamos veementemente com o crítico, uma vez que por via do testemunho, *Becos da Memória* (2017) se deleita de uma “capacidade de responder às novas questões (postas também pelos estudos Pós-coloniais) de se pensar um espaço para a escuta (e leitura) da voz (e escritura) daqueles que antes não tinham direito a ela” (SELIGMANN-SILVA, 2009, grifos no original).

Portanto, conforme Seligmann-Silva (2009), a obra de Conceição Evaristo pode ser igualmente compreendida como a ressonância e a escuta de uma voz de quem, por muito tempo, em especial nos discursos ditos oficiais, não teve direito a ela e, por ser assim, também apresentada como espaço de fala de sujeitos em condição de subalternidade (SPIVAK, 2010).

Dessa forma, depreende-se que *Becos da Memória* (2017), embora não seja considerada — tampouco pode ser — a primeira obra com temática voltada para testemunho e marginalidade publicada no cenário literário brasileiro, pode ser pensada, sem muitos esforços, como uma das poucas que atingiram maiores alcances em relação a leitores — considerando as premiações e os números de traduções recebidas até o dado momento. Conseqüentemente, instituindo e/ou reservando um espaço na literatura brasileira para a memória negra e/ou afrodescendente. Para além disso, em consideração às questões aqui levantadas, pode-se também dizer que esta obra assume, na atual conjuntura da sociedade, um papel social de “descentrar o que esteve no centro para des-cobrir o que foi encoberto, marginalizado, silenciado, para poder divisar na diferença, nas convergências” (SCHMIDT, 2017, p. 17).

De modo a complementar a discussão nesse primeiro momento iniciada, apresentaremos a seguir a seção intitulada *A construção de Becos da Memória* (2017), onde esquadrihamos o itinerário de escrita e publicação da obra, aprofundando questões de resistência do cânone no

³¹ Cf. *Linguagem e trauma na escrita do testemunho*, de Jaime Ginzburg (2008).

tangente de aceitabilidade de narrativas com o teor discursivo trazido pelo romance em questão, bem como referente aos desafios impostos pelo mercado editorial às mulheres negras no tocante de veiculação de suas narrativas.

3.2 A construção de *Becos da Memória* (2017)

Em *A construção de Becos da Memória* (2017), buscamos analisar, por instrumentos de recursos propiciados por Conceição Evaristo, como se deu o processo de construção e publicação da presente narrativa. Analisou-se, portanto, as principais dificuldades que se apresentaram no curso da confecção da obra; o período de escrita e de engavetamento do romance; as tentativas falhas de publicação e seus respectivos motivos, dentre outros, como poder-se-á perceber com a leitura da discussão promovida a seguir.

O romance *Becos da Memória* (2017), embora publicado originalmente pela editora Mazza, em 2006, surge, embrionariamente, entre os anos de 1987 a 1988, isto é, posteriormente à escrita e veiculação de *Ponciá Vicêncio* (2003), e outros textos/romances também escritos e assinados pela autora. A construção da presente obra é evidentemente marcada pelo entrecruzamento da vida real à ficção, ou, nas palavras da autora, “escrita e vivência” (EVARISTO, 2017b, p. 9), de maneira tão íntima que se confundem, sendo este um elemento empregado inconscientemente na tessitura do original, pois, “talvez na escrita de *Becos*, mesmo de modo inconsciente, eu já buscasse construir uma forma de escrevivência” (EVARISTO, 2017b, p. 9).

Permanecendo no contexto de construção literária, é cabível considerar a relação estabelecida entre memória e imaginação presentes no processo de confecção da citada narrativa. Para exemplificá-la, convidamos o ensaísta Benjamin (2012), em especial quando este versa sobre considerações teóricas no tocante da memória e experiência, para pontuarmos que a prática de rememoração e imaginação existente no exercício de escrita de *Becos da Memória* (2017) se dá pela mesma razão de sua própria existência [a memória], pois, conforme o autor, a memória só existe porque há uma tendência ao esquecimento (BENJAMIN, 2012).

Sendo esta narrativa uma espécie de escrevivência, sua essência é marcada, antes de tudo, pela capacidade de testemunho, ou ainda, para os críticos mais modernos, pelo potencial de descrição de memórias (ir)reais. Contudo, considerando que toda memória é passível de esquecimento, há, nesta relação, uma necessidade latente de invenção, para que os vácuos financiados pela desmemória sejam contornados. Esta prática, conseqüentemente, é muito explorada pela autora e, em seu ponto de vista, não é percebida como motivo de

constrangimento, tal qual pode-se perceber em: “estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem [...]. Invento? Sim, invento, sem o menor pudor [...]. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu” (EVARISTO, 2011).

Por outro lado, vê-se que o exercício de invenção não desqualifica a veracidade dos fatos narrados, tampouco reafirma a ficcionalização deles, mas, sim, situa a obra em uma posição tênue em ambos os extremos que asseguram o texto escreviente — vida real e ficção —, permitindo-a afirmar, desse modo, que em *Becos da Memória* (2017) “as histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas” (EVARISTO, 2017b, p. 11).

Ainda que escrito no ínterim de 1987 a 1988, *Becos da Memória* (2017) não é o primeiro contato de Conceição Evaristo com universo da literatura na qualidade de autora. Inicialmente seus textos eram publicados nos Cadernos Negros — coletivo cultural que organiza séries anuais de publicações de textos de escritoras e escritores negros —, configurando-o, portanto, como um ensaio para publicações, anos depois, essencialmente autorais. No entanto, ressalta-se ainda que não é nos Cadernos Negros o contato fundante entre a literata e a “beletrística”³² (CANDIDO, 2018, p. 11)³³, uma vez que, consoante à Evaristo (2017b), o romance ora discutido está localizado ainda em uma crônica produzida como produto final para obtenção de nota no ensino regular, em 1968, com orientação de uma das suas professoras no ensino infantil.

Nessa esteira, julgando pelo teor da narrativa inicial no formato de texto dissertativo [ou pela escolha temática] como também e, principalmente, da sua edição em prosa, compreende-se que a ambiência escolar contribuiu de maneira significativa para que a autora compreendesse em minúcias o que é ser negro no Brasil e, com base nisso, iniciar o processo de construção de sua identidade, podendo essa máxima ser mais bem percebida em: “foi em uma ambiência escolar marcada por práticas pedagógicas excelentes para uns, e nefastas para outros, que descobri com mais intensidade a nossa condição de negros e pobres” (EVARISTO, 2009).

A construção e compreensão da identidade ao qual nos referimos aparece em *Becos da Memória* (2017) como uma das alegorias literárias, sedimentando, por consequência, um estilo próprio de Conceição Evaristo e característico do período/tendência literária em que suas obras são enquadradas.

A crônica que subsidiou a existência e extensão do romance, propriamente dito, como não poderia ser diferente, fora lapidada a partir dos dilemas e inquietações da autora a respeito

³² Poderíamos também defender essa colocação a partir das declarações da autora em entrevista à Soares & Ruiz (2017), em especial quando a autora assevera que “nasci rodeada de palavras”. Cf.: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossaspublicacoes/revista/entrevistas/artigo/2402/nas-ci-rodeada-de-palavras>.

³³ Expressão utilizada pelos críticos mais tradicionais para referirem-se ao mundo/universo da literatura.

das diferenças sociais e raciais no Brasil. Intitulado por *Samba-favela*, em pouco tempo de escrito e inesperadamente, o texto rompe com os espaços que a escola previa, sendo publicado no *Diário Católico de Belo Horizonte*, jornal de renome de Minas Gérias, assim como em uma revista do Rio Grande do Sul, alcançando, com isso, um número significativo de leitoras e leitores (EVARISTO, 2017b).

Muitos anos depois das primeiras publicações do texto original, a autora dá início à tessitura efetiva do romance *Becos da Memória* (2017) que, mesmo sem intenção, a princípio, dá continuidade ao enredo de *Samba-favela*, em um molde mais extenso e detalhado, conforme é perceptível na fala de C.E., apresentada a seguir: “hoje, relendo aquele pequeno texto, vejo que *Becos da Memória*, anos depois, retomou e ampliou um desejo e um modo de escrita que se insinuava desde aquela época” (EVARISTO, 2017b, p. 10).

Ainda nesse caminho, é válido considerar que a escrita da obra, propriamente dita, deu-se muito rapidamente; em poucos meses o enredo estava construído à espera dos primeiros leitores. Conforme Conceição Evaristo (2017b, p. 10), durante o processo de criação de *Becos da Memória* (2017) “minha memória ficcionalizou lembranças e esquecimentos de experiências que minha família e eu tínhamos vivido, um dia”. Tais ficcionalizações são postas na obra e entregues às leitoras e aos leitores como “ficções da memória. E, como a memória esquece, surge a necessidade de invenção” (EVARISTO, 2017b, p. 10), resultando, dessa maneira, em uma escre(vivência).

No entanto, em contraste com o ágil dinamismo de escrita original de *Becos da Memória* (2017), a publicação do romance é acometida por um número extensivo de tentativas falhas, vindo a público tão somente após a publicação de *Ponciá Vicêncio* (2003). A primeira proposta de publicitação foi em nome da Fundação Palmares/Minc, onde o livro seria publicado como parte das comemorações dos cem (100) anos da abolição. No entanto, certamente por falta de suporte financeiro, o projeto não fora desenvolvido e, portanto, a obra não foi editorada. A partir dessa e d’outras tentativas igualmente sem sucesso, os originais de *Becos da Memória* (2017), conforme declarações da própria autora, habitou por longos anos um espaço que não deveria, jamais, habitá-lo: “a gaveta do esquecimento” (EVARISTO, 2017b, p. 10).

Sucessivamente, tempos depois, a mesma intuição, sob outros cuidados, colocou-se em disposição para fazer acontecer a publicação da obra; entretanto, para Conceição Evaristo (2017b, p. 10), o texto “já estava acostumado ao abandono e continuou esquecido na gaveta”. Desse modo, é somente após vinte (20) anos, desde a primeira tentativa, que a publicação de *Becos da Memória* (2017) de fato acontece, genuinamente em 2006, como pontuado no início dessa seção.

Ainda que doloroso, este processo de negação de publicação constante dos originais de *Becos da Memória* (2017), tal qual outras obras de Conceição Evaristo e doutras escritoras igualmente negras, podem ser discutidas por duas vertentes que, embora sejam dissidentes, uma provém da outra, são elas: 1) a viciosidade da crítica e do cânone literário brasileiro em primar pela veiculação de produções de homens brancos e de alta classe social; e a segunda, que coaduna mais especificamente com o caso de Conceição Evaristo, por contemplar assiduamente o período de atentivas em massa de publicação do original analisado, que é 2) a problemática de aceitação de mulheres negras no mercado editorial brasileiro em diversas esferas das produções artísticas.

Consoante a Compagnon (2001, p. 227), o cânone literário é compreendido como uma entidade ideológica que visa, com base em critérios extraliterários — e isso implica que não se limitavam às qualidades técnicas-estéticas do texto, mas também às questões morais e sociais do autor — estabelecer quais obras e escritoras ou escritores que poderiam ser consideradas ou considerados importantes para a cultura vigente. Neste ofício, considerando as existências dos papéis de gêneros e outras subestimações ao potencial feminino, até início do século XX, mas que ainda se estende ao cenário atual, mulheres — independente da raça — foram excluídas e/ou lesadas do direito de fomentar o cânone em circunstância da sua condição feminina.

Consequentemente, esta lógica permeou de modo igual no mercado editorial brasileiro, este que, segundo Romanelli (2014), sustentou por muito tempo a ideia de que literatura produzida por mulheres — bem como outras artes — era demasiadamente consumida por outras e somente mulheres, portanto, sendo consideradas como desinteressantes para publicação, negando-lhes o direito de escrita, publicação, reconhecimento e/ou, ainda, de leitura.

Neste cenário, esse é um dos grandes problemas que retardaram a veiculação de obras literárias — e outras — produzidas por mulheres no Brasil. No entanto, se somarmos, ainda, a condição de raça e classe social, este problema torna-se ainda mais fatídico, posto que “a mulher negra é vista pelo restante da (sic) sociedade a partir de dois tipos de qualificação ‘profissional’: doméstica e mulata” (PACHECO, 2013, p. 25-26, grifo do autor); escritora, não, pois, coadunando com Conceição Evaristo, esta prática — a escrita — “é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito” (EVARISTO, 2010).

Contudo, nesse caso em específico, a autora subverte e se desprende desse sistema publicando *Becos da Memória* (2017), em sua primeira edição, em uma editora especializada em temáticas étnicas raciais negras, Mazza, em 2006 (SILVA, 2011). Com esta publicação, reafirma-se que Conceição Evaristo oportunizou ao público leitor uma continuação do texto *Samba-favela*, ambos tematizando a vida, as experiências e os sentimentos mais profundos de

quem vive continuamente questões complexas da sociedade brasileira; e publicando-o, conseqüentemente, como modo de visibilização de sujeitos ocultados pelas mais diferentes estratégias produzidas por uma sociedade abertamente misógina, elitista e racista.

Sendo assim, uma vez percorrido o trajeto teórico que pretendíamos quando propomos esta discussão, poderá a leitora ou o leitor prosseguir para próxima seção, intitulada *As personagens — performances extra ficcionais*, em que são analisadas, em contraste com teorias referentes às personagens da ficção contemporânea, as personagens evaristianas e os efeitos de sentidos que estes atribuem à narrativa de caráter escrevvente.

3.3 As personagens — performances extra ficcionais

Nessa seção, ansiando introduzir a leitora ou o leitor no universo das personagens evaristianas, apresenta-se a seguir uma discussão acerca do processo de construção das personagens postas nos textos de natureza escrevventes, em especial as retratadas em *Becos da Memória* (2017). As análises, portanto, são segmentadas a partir de concepções teóricas referentes à teoria do romance e da construção de personagens em obras ficcionais produzidas e publicadas entre o século XX e XXI, e atentamo-nos a responder as seguintes questões: Como são segmentadas as personagens apresentadas no romance presentemente analisado e que efeito de sentido elas atribuem a narrativa?; com a intenção de percebermos a construção das personagens no texto-escrevivência e o impacto dela para textos dessa natureza.

Considerando que fomentaremos aqui uma análise de personagens de uma escrevivência, isto é, uma produção textual-imagética-poética situada tenuamente entre vida real e ficção, como pode ser percebido com maior profundidade no primeiro 1º capítulo dessa dissertação, em especial na seção intitulada *Origem e maturidade da expressão escrevivência — uma análise cronológica*, far-se-á necessário discutirmos a tensão estabelecida entre personagens e pessoas, ou como Brait (1958) prefere pontuar, o “faz-de-conta das personagens”.

Ainda que para alguns identificar tensões entre vida real e ficção na performance de uma personagem, em determinadas obras ficcionais, seja compreendido como uma atividade possível — como ainda hoje tentam fazer com a personagem Maria-Nova de Conceição Evaristo —, não há na literatura ocidental nenhuma comprovação ou evidência científica que afirme/assegure esta possibilidade. Esta crença, até então infundada, tem sua base de sustento ainda em 1960, pela prática de invenção de biografias para personagens ficcionais no apogeu da literatura produzida neste período, haja vista que “chegaram mesmo a escrever “biografias”

de personagens, explorando partes de sua vida ausente do livro” (DUCROT & TOVOROD, 1972, p. 286, tradução nossa). Há, portanto, uma problemática evidente no que diz respeito à associação da performance de uma personagem: a identidade pessoal e/ou social de uma pessoa real. Brait (1958), em *A personagem*, salienta que essa problemática se apresenta, antes de tudo, pela própria significação da palavra personagem, posto que sua definição aproxima quase que de maneira indissociável a criadora ou o criador da criatura.

A título de conferência de conceito, vê-se que na edição do *Dicionário Aurélio* publicada em 1975, esta expressão recebe o seguinte verbete: “3. P. ext. Cada uma das pessoas que figuram em uma narração. poema ou acontecimento. 4. P. ext. Ser humano representado em uma obra de arte: ‘A criança é um dos personagens mais bonitos do quadro’” (FERREIRA, 1975). Em edições posteriores, ainda que maquiada sob outros tons, o respectivo problema ainda é interpenetrado na conceptualização do termo — a humanização da personagem —, perpetuando, com isso, a unificação indevida entre a criatura e aquela ou aquele que a constrói.

Para Brait (1958), o esforço de humanizar uma criação puramente ficcional, de tal ponto a representá-la como “ser humano representado em uma obra de arte” (FERREIRA, 1975), centraliza e fortifica uma confusão na terminologia literária, pois torna confusa a relação entre “*pessoa* — ser vivo — e *personagem* — ser ficcional” (BRAIT, 1958, p. 10, grifo no original). Como consequência, ainda conforme a autora, encarar esta expressão como até o dado momento está posta em dicionários oficiais, obriga o leitor a perceber o fato e a ficção como elementos de uma mesma natureza, quando na verdade não os são.

Nesse caminho, referindo-se ainda à relação entre pessoa e personagem, outro elemento imprescindível para esta análise pode ser explorado, é: na mesma medida em que se é problemático afirmar que pode ser identificado quem é pessoa e quem é personagem no âmbito da ficção; é igualmente irresponsável negar a intensa relação que existe entre ambos os elementos, tal qual é o caso de Maria-Nova e Conceição Evaristo no romance tido como *corpus* deste trabalho³⁴. Como sustento a essa assertiva, traz-se a posição teórica de Ducrot & Tovorod (1972), em que, sobre esta ocorrência, os autores asseveram que “recusar toda relação entre personagem e pessoa seria absurdo: as personagens representam pessoas, segundo modalidades próprias da ficção”.

A colocação de Ducrot & Tovorod (1972), em contraponto com o que é colocado como um problema pelos estudos das personagens contemporâneas, como é o caso de Bait (1958), é quase posta como um convite a discutir o processo de humanização de personagem na

³⁴ Essa relação de proximidade quase identificável entre a personagem Maria-Nova e a autora Conceição Evaristo poderá ser compreendida pela leitora ou pelo leitor ainda na leitura desta seção.

escrevivência. Nas escritas vivenciadas ou vivências escritas de Conceição Evaristo, nota-se que o exercício de humanização de personagem é colocado não como um problema, mas como um desejo consciente da autora, pois em suas obras a romancista dedica-se a explorar questões relacionadas a raça, gênero, realidade social brasileira, memória escravocrata, entre outras. Essas discussões, por suas vezes, são propostas a partir de uma atividade de criação de personagens as quais sua principal objeção é exatamente libertá-las dos estereótipos socialmente criados e impostos de modo coato, ansiando as fazerem perder sua personalidade e/ou reconhecimento como pessoas humanas.

Não se sabe o quanto é útil explorar a existência de uma personagem em conformidade com a da sua criadora ou do seu criador, tampouco se ao menos existe relevância neste tipo de análise, no entanto, direcionado este fio da discussão à narradora Maria-Nova, principal personagem de *Becos da Memória* (2017), pode-se identificar, tendo como fundamento sua atuação no romance, possíveis elementos para uma associação intensa à Conceição Evaristo, quer seja pela alternância das estratégias de narração — de terceira para primeira pessoa —, quer pela intensa proximidade de sua performance com biografia da autora.

Esta intrínseca semelhança já fora pontuada, inclusive, pelo discurso da escritora mineira na carta de apresentação da terceira edição da obra, como consta o fragmento que apresentaremos a seguir: “Quanto à parecença de Maria-Nova, comigo, no tempo do meu eu-menina, deixo essa charada para quem nos ler resolver. Insinuo, apenas, que a literatura marcada por uma *escrevivência* pode (com)fundir a identidade da personagem narradora com a identidade da autora (EVARISTO, 2017b, p. 12, grifo no original).

Por ser assim, a escritora adianta ao público leitor, desde o início da narrativa, que há uma provável aproximação entre uma personagem (objeto criado) e pessoa (criadora ou criador), ainda que não assegure efetivamente este elo. No curso do romance, pode-se perceber, por diversas vezes, uma alternância de vozes entre a narradora e a escritora, como bem foi desenvolvido na próxima seção capítulo. Esta miscelânea de vozes, conseqüentemente, sustentam a concepção do leitor no que tange à existência de uma narradora-pessoa segmentando a narrativa e, portanto, ornando a ficção com veracidade, ou inversamente, alindando a veracidade com boas medidas de ficção.

No posfácio de *Becos da Memória* (2017), Conceição Evaristo constrói uma sentença que explica bem a problemática aqui levantada em relação à performance de Maria-Nova e sua biografia, ou pelo menos ajuda-nos a resolvê-la; vejamos: “invento que atendia ao meu desejo de que as memórias aparecessem e aparecessem inteiras. E quem me ajudou nesse engenho? Maria-Nova”. Esse excerto, retirado de um momento em que a escritora escrevia sobre o

processo de escrita e publicação da obra, serve-nos como subsidio teórico para afirmar que — havendo ou não esta aproximação, o que não é do nosso interesse comprová-la — Maria-Nova e Conceição Evaristo, no curso do desenvolvimento de [toda] a narrativa, laboram conjuntamente; a última reorganizando os fatos entregue-nos como memórias, a outra suplementando com invenção as memórias esfaceladas — dada a possibilidade do esquecimento.

Na declaração da autora, apresentada acima, se colocam ainda outras duas linhas necessárias de discussão: 1) personagens de escrevivência são construídas a partir da vivência social e pessoal da escritora ou do escritor; 2) a tênue relação entre ficção e realidade na qual está envolta a literatura de caráter *escrevivente*. Para dissertá-las, evocaremos o pronunciamento de Ducrot & Tovorod (1972) em relação à máxima de que “as personagens representam pessoas” (DUCROT & TOVOROD, 1972), considerando que esta possibilita-nos elencar alguns elementos imprescindíveis para o desenvolvimento da análise das personagens evaristianas.

No processo de composição de uma escrevivência, sobretudo no que tange à construção de personagens, bem como foi-se comprovado no primeiro capítulo desse trabalho, há uma constante relação onde estão em jogo: representar e representar-se. Conforme Jodelet (2002, p. 22), “as representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 2002, p. 22). Destarte, representar é, antes de tudo e no mais amplo sentido, rerepresentar realidades outras ou sua própria realidade, considerando as trocas de elementos entre o sujeito (pessoal) e social (coletivo).

As personagens de Conceição Evaristo, não somente em *Becos da Memória* (2017), como noutras obras, por uma escolha própria da autora, são construídas como modelo de representação de “pessoas”/“sujeitos” que compõem ou compuseram seu ciclo de vivência cotidiana, como explica em entrevista para a Revista Conexão Literatura (2017): “as escolhas temáticas, o vocabulário, *as personagens*, os modos de construção das mesmas, o enredo, nada nasce imune ao que sou, às minhas experiências, à minha vivência” (REVISTA CONEXÃO LITERATURA, 2017, grifo nosso).

Como se vê, o processo de criação de Conceição Evaristo não se dá alheio ao seu eu-sujeito, o que significa dizer que as personagens apresentadas nas narrativas são emergidas a partir de uma realidade já vivida/conhecida — seja também pela memória — da autora. Nesse caminho, ressalta-se que o universo em que são ambientadas as personagens da citada romancista, que na ótica de Duarte & Fialho (2020) diz respeito a “mendigos, favelados,

meninos e meninas de rua” e, por conta própria, acrescenta-se ainda: bêbados, drogados, pretos, pobres, prostitutas e empregadas, é tão conhecido pela autora que, para criá-los, o laboratório é dispensável.

A afirmativa anterior pode ser melhor compreendida se discutida a partir da performance da personagem Ditinha, uma vez que, no romance aqui analisado, como é colocado no *Quadro 2*, esta personagem sinaliza a complexidade e dinâmica de sobrevivência de mulheres negras vivendo em condições de extrema miséria e subalternidade, que ganham a vida como empregadas domésticas nas casas daquelas e daqueles mais bem colocados em se tratando de relações financeiras e que, paradoxalmente, residem em um bairro nobre situado ao lado da periferia.

Através da existência da então personagem, Conceição Evaristo propõe uma discussão sobre situações existentes neste nicho empregatício, ainda que na contemporaneidade seja devidamente reconhecida como legal nas esferas legislativa, são elas: relações abusivas entre empregador e empregada; a intensa aproximação do passado escravocrata, em específico das atribuições dadas às mucamas com as empregadas domésticas; os sistemas de subalternização, entre outros. Para criá-la, considerando o aporte teórico trabalhado até aqui, não se fez necessário um aprofundamento na realidade de empregadas domésticas no plano real — o laboratório —, posto que Conceição Evaristo já conheceu com profundidade, quer seja por já ter se submetido a tal experiência em um certo momento da vida, ou por ter provindo de uma família de mulheres que ganharam a vida como empregadas domésticas (OLIVEIRA & SANTOS, 2020).

Discorrendo mais didaticamente sobre a situação posta, Conceição Evaristo (2017) salienta que:

[...] Quando crio uma personagem, como Biliza ou Ditinha, ambas domésticas, [...] não precisamos de laboratório ou investigação para a criação da mesma. Enquanto um processo criativo pode se dar pelo olhar de “uma patroa ou patrão”, que na porta do quarto da empregada olha para a personagem lá dentro, para a construção da mesma, o processo criativo que experimento, por injunções de uma história particular e coletiva se torna outro. Trago outra vivência, a minha fala nasce de dentro do quarto da empregada. Posso ser a própria empregada falando, escrevendo, concebendo uma personagem de si própria (REVISTA CONEXÃO LITERATURA, 2017).

Portanto, no âmbito do texto literário construído a partir dos preceitos da escrevivência, o mote que guia a produção das personagens é a própria existência do sujeito que as constroem, legitimando o que Ducrot & Tovorod (1972) já afirmaram sobre o potencial de representação que as personagens podem exercer. Nesse caminho, têm duas outras formas de pensamento,

ainda dentro da lógica de representação, já pinceladas anteriormente: considerando a individualidade da existência de Conceição Evaristo e suas múltiplas personagens, é absurdo acreditar que todas elas representam sua veracidade, ou melhor dizendo, seu eu-sujeito, bem como acontece com Cidinha e Maria-Nova. No entanto, não por isso as personagens outras não podem ser também pensadas como um modelo de representação, considerando que existe, na escrevivência, o representar-se (representar a si mesma) e a representação (representações outras) e, no ensejo, reforçamos que ambas as estratégias de representação partem de uma vivência íntima — pessoal e/ou coletiva — da autora ou do autor.

Além do mais, vê-se que a relação existente entre ficção e realidade no contexto da escrevivência, além de aprofundar-nos mais sobre esta tendência literária, ajuda-nos a compreender também a segmentação das personagens, como vimos até aqui. Nesse caminho, Oliveira (2009), em seu estudo intitulado “*Escrevivências*”: *rastros biográficos em Becos da Memória [...]*, pondera que o projeto de escrita de Conceição Evaristo evidencia o potencial de (re)construção que, desde os primórdios e por meio de pontes metafóricas, a literatura porta em sua essência. Para além disso, o citado autor especula ainda que, por ser assim, este projeto — modelo de escrita — “pulula aqui e ali, ora na ficção, ora em entrevistas, ora em textos acadêmicos, peças para a montagem de seu quebra-cabeça literário/biográfico” (OLIVEIRA, 2009); isto é, a autora oscila viciosa e conscientemente entre realidade e ficção na produção de seus textos críticos e literários.

No contexto da confecção de personagens, considerando agora a oscilação anteriormente posta, observa-se que em *Becos da Memória* (2017), mais precisamente, há uma ocorrência do que Lejuane (1980, p. 62) nomeia “exercício da elasticidade central” (LEJUANE, 1980, p. 62). Para o autor, esse exercício se dá pela fácil alternância do enunciador original, ou melhor dizendo, da autora ou do autor da obra para com seus personagens; de modo que o “eu” siga em constante processo de elastização, bem como acontece com Maria-Nova e Conceição Evaristo. Neste caso, como já pontuado em momentos anteriores, o deslize (in)consciente entre autora e personagens proporciona ao leitor importantes elementos para configurar o texto como uma escrevivência, escrita de si ou autobiografia.

Nesse caminho, uma vez sabido que a leitura do mundo³⁵ e, portanto, da realidade, é o fio elementar que precede a criação artística de Conceição Evaristo, e dada a condição da complexidade, pluralidade e conflituosidade como marca da convivência social, sobretudo na contemporaneidade, cabe-nos afirmar que a autora, por meio de uma re/leitura da realidade e

³⁵ Termo genuinamente pedagógico cunhado por de Paulo Freire, educador de alta representatividade na crítica acadêmica brasileira, que faz referência à relação intimista existente entre linguagem, realidade, texto e contexto.

de suas personagens, exprime em suas obras as mais profundas situações presentes no cotidiano e na experiência vívida de muitos brasileiros, tais como: a marginalidade social, preconceito, violência, subalternização, entre outros, exemplificando “no plano da ficção o universo marginal que a sociedade tenta ocultar” (OLIVEIRA, 2009).

Desse modo, ainda que naquele momento os autores estivessem discutindo a produção dos romances de Conceição Evaristo de modo geral, é possível trazer o discurso de Duarte & Lopes para discutir e/ou fundamentar esta relação no contexto do *corpus* analisado. Em *Conceição Evaristo: literatura e identidade — crítica* (2009), ao classificar as narrativas evaristianas, os autores pontuam que: “os romances em específico são marcados por intensa dramaticidade, o que desvela o intuito de transpor para a literatura toda a tensão inerente ao cotidiano dos que estão permanentemente submetidos à violência em suas diversas modalidades” (DUARTE & LOPES, 2009).

Essa proposição mostra-se imprescindível para compressão do universo em que são colocadas as personagens da então autora, sobretudo considerando a tríade candiniana — personagem, enredo e ideia. Para o autor, durante “a leitura [do texto literário] fica a impressão de uma série de fatos organizados em enredos, e de personagens que vivem esses fatos” (CANDIDO, 2018, p. 53, grifo nosso). Isso pode ser mais bem exemplificado se considerarmos que “o enredo existe através das personagens; as personagens vivem o enredo” (idem, *ibidem*), logo, as personagens atribuem o efeito de sentido que atravessa a obra motivado pelo enredo em que são propositalmente colocados.

Enveredando as análises por este caminho, percebe-se que Conceição Evaristo, no processo de criação das suas personagens, busca propositalmente atribuir um aspecto de personificação a elas — em boa medida pelo enredo comum a um grande público. A leitora ou o leitor, quando a ler, tende a ter a impressão de que são pessoas do plano real, testemunhando suas experiências de vida versando-se de um discurso lírico-literário, decerto pelo teor que a narrativa porta. Este fenômeno ocorre, segundo Candido (2018, p. 55), porque a escritora tem demasiada capacidade de articular enredo, personagens e ideias. Portanto, ainda que o conceito de personagem esteja pensado, paradoxalmente, como um ser fictício, quando trabalhados conjuntamente esses três elementos “a personagem vive o enredo e as ideias, e os tornam vivos” (CANDIDO, 2018, p. 55), no plano da criação fictícia.

Dito isso, ansiando uma maior imersão do público leitor no espaço das personagens evaristianas, sobretudo aquelas ficionalizadas em *Becos da Memória* (2017), foi-se construída uma análise das principais personagens habitadas na presente narrativa, as quais são devidamente apresentadas no *Quadro 2* exposto a seguir.

QUAD. 1 — Análise sintética das principais personagens em *Becos da Memória* (2017)

<i>Personagem</i>	<i>Análise prévia das personagens</i>
Maria-Nova	Maria-Nova é quem intercruza as histórias trazidas em <i>Becos da Memória</i> (2017), é ela quem caminha por toda a periferia colecionando as histórias dos moradores, sedimentando, conseqüentemente, sua identidade negra.
Vó Rita	É percebida pelas demais personagens como aquela que protagoniza aos moradores os mais moralizantes ensinamentos, amplamente conhecida como parteira da favela e é uma das mais antigas moradoras da periferia.
Tio Totó	Simboliza a matriz da ancestralidade negra para as demais personagens, bem como das comunidades em diáspora forçada, portanto, é por meio de (e não somente) sua trajetória de vida que o romance aproxima o passado do presente.
Beto	Representa na citada narrativa um sujeito adultecido precocemente (repentina e violentamente) em decorrência da responsabilidade que recebera posterior ao aprisionamento da mãe: ainda quando criança, assume a incumbência de gerir os irmãos mais novos e o avô em estado vegetativo.
Filó Gozogênia	Aliada fiel de Bondade, bem como Vó Rita, também é uma das mais conhecidas moradoras da periferia pelo tempo de habitação. Filó Gozogênia fora separada das duas únicas filhas em detrimento da necessidade de trabalho, possuía muito medo da solidão e da morte, acaba morrendo sozinha.
Ditinha	Empregada doméstica de uma das moradoras do bairro nobre e provedora de sua família em situação de miséria, durante um dos episódios é acusada de roubo, tem seu barraco demolido pela guarnição militar e é presa posteriormente.
Bondade	Como o próprio nome supõe, este é um personagem que pratica o bem para todos os demais moradores da periferia. No romance, ainda que seja representado como um morador efetivo da periferia, Bondade não tem um barraco próprio, sendo abrigado durante toda a narrativa em barracos outros.
Maria-Velha	Tia de Maria-Nova, narradora-personagem, que juntamente com seu atual marido, Tio Totó, permitem que Maria-Nova acessem suas mais profundas memórias por meio das histórias que as contam.
Dona Laura	Dona Laura, ex-patroa de Ditinha, representa uma das mais maiores opressões/distinção de classe entre moradores do bairro nobre e os da comunidade ou, ainda, elite e subalternos.
Negro Alfrío	Profundo conhecedor de seus direitos e deveres, com isso, mobiliza os demais moradores a posicionarem contra o movimento de demolição e reivindicarem melhores condições de vida.
Dora	A personagem Dora sinaliza no romance analisado uma crítica à desromantização da gravidez na adolescência, sobretudo para mulheres-meninas negras de classe média baixa.
Fuinha	Temido por Maria-Nova e todos os outros moradores da favela por apresentar uma ameaça devido à violência doméstica que praticava contra sua esposa e filha.
Custódia	Vivendo com sua sogra, mãe de Tonho, seu parceiro, a mulher a espanca mesmo grávida, contorcendo a situação de modo que o espancamento parecesse ser praticado pelo seu marido, que não entendia/percebia a situação.
Cabo Arlindo	Simboliza o canal de comunicação entre os moradores da favela (subalternos) e os vizinhos dos bairros nobre (elite) sobretudo considerando o acordo tácito que Maria-Nova faz o leitor refletir.
Nega Tuína	Nega Tuína foi uma das parceiras de Tio Totó, sua história também aproximam o passado escravocrata, em especial o momento de dispensa das fazendas dos senhores rumo à civilização (início do processo de formação das periferias).
Cidinha-Cidoca	Cidinha-Cidoca é uma prostituta demasiadamente conhecida pelos becos da favela, e igualmente odiada pelas outras mulheres. Sua performance no romance convida o leitor a discutir: violência de gênero e objetificação do corpo feminino.
A outra	Enigma pelo qual o romance é inaugurado, sua identidade não é revelada durante o romance, mas é percebível que essa personagem reside com Vó Rita.
Ana Jacinto	Mãe de dois filhos presos por serem principais suspeitos de tráfico de drogas, mesmo estando acompanhados de outros rapazes “filhinhos de papai” (EVARISTO, 2017, p. 157), sua história e a história dos filhos convida discussões sobre racismo estrutural.
Brandino	Brandino pertence ao grupo dos homens-vadios-meninos, e a sua morte ocasionada por um acidente envolvendo os tratores da firma construtora motiva os moradores a questionarem o plano do desfavelamento nas entidades competentes.

FONTE: Quadro construído para fins desta pesquisa (2021).

No quadro exposto acima são apresentadas as principais personagens presentes em *Becos da Memória* (2017). A apresentação é feita por uma análise sintetizada de cada uma das que julgamos necessárias para compreensão — inicial — da leitora ou do leitor no que diz respeito ao universo das personagens evaristianas, em especial no contexto da obra discutida e, neste processo, buscamos identificar fenômenos sociais que se fazem presentes no romance — sinalizados por intermédio das performances de cada uma das personagens.

Para além das figuras trazidas no quadro exibido acima, o romance é habitado por personagens outras que não foram tabuladas e, portanto, analisadas, por serem consideradas “*embrayeurs*”, isto é, aquelas que “funcionam como elemento de conexão e que só ganham sentido na relação com os outros elementos da narrativa, do discurso, pois não remetem a nenhum signo exterior” (BRAIT, 1958, p. 46); aparecem com pouca frequência e/ou influenciam minimamente o andamento da narrativa. São exemplo delas: Tio Tantão, Toninho, Mãe Joana, Tutuca e Jorge Tonho, Zé Noronha, Maria Dominga e outros³⁶.

Com base no quadro apresentado, percebe-se que as personagens analisadas, quando classificadas em grupos, fazem emergir as seguintes categorias: *a*) comunidade negra em geral vivendo à margem da sociedade e em diáspora forçada; *b*) homens e mulheres em situação de subalternidade; *c*) sujeitos submersos nos mais diferentes níveis e profundidades de violência estrutural; e *d*) mulheres negras travando cotidianamente uma luta [em raça e gênero] para sobreviverem como tal. Sendo assim, considerando o que fora exposto, observa-se que tais personagens — em específico neste caso, mas reforçamos que toda literatura evaristiana é atravessada pela ocorrência que trabalharemos aqui — atribuem um efeito de sentido imprescindível para a classificação literária em que a produção ficcional de Conceição Evaristo se enquadra: Literatura Negra ou, ainda, Afro-Brasileira.

Em *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*, Evaristo (2009) assegura que esse tipo de literatura se caracteriza, conforme a ótica de representativos escritores brasileiros, bem como da crítica acadêmica-científica, pela “subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens e mulheres negras na sociedade brasileira” (EVARISTO, 2009). A afirmativa se dá apoiada na perspectiva de que as personagens de Conceição Evaristo e suas respectivas performances em *Becos da Memória* (2017), permitem-nos, enquanto leitoras e leitores, uma retomada histórica às memórias

³⁶ Ressaltamos que para conhecê-los, de fato, a leitura da obra no *corpus* original faz-se necessária, considerando que nesta seção foi exposta uma síntese, não a análise integral de cada personagem que compõe a narrativa, conforme explicado no início do texto.

coletivas e individuais de sujeitos subalternizados, desvelando as experiências corpóreas e imagéticas vivenciadas por uma parte considerável da população brasileira.

Sendo assim, considerada satisfatória a discussão proposta nessa seção, onde foram apresentadas, em diálogos com teorias referentes à construção do romance contemporâneo e das personagens da ficção, as figuras performáticas de Conceição Evaristo em *Becos da Memória* (2017), poder-se-á avançar para a próxima, intitulada *A narração — memória, identidade e desacordos na escrevivência*, que apresentaremos a seguir.

3.4 A narração — memória, identidade e desacordos na escrevivência

Após a adução das discussões referentes à apresentação da obra, itinerário de construção e publicação do romance e a segmentação das personagens evaristianas, respectivamente, expor-se-á, agora, uma discussão cujo objeto de narração, as discussões que emanam de sua prática e a própria narradora presente em *Becos da Memória* (2017), são representadas como enfoque primordial.

Para tanto, elencou-se como inquietações norteadoras as seguintes indagações: *a)* como se dá o intercruzamento entre facticidade e ficção no ofício narrativo de Conceição Evaristo em *Becos da Memória* (2017)?; *b)* quais características do narrador contemporâneo³⁷ assume a narradora-autora Maria-Nova?; *c)* quais as contribuições da narradora para a compreensão do efeito subjetivo do romance?; pois, acredita-se que a resolução delas propiciarão a esta pesquisa uma noção mais ampla sobre o valor e o aspecto narracional da referida obra.

Nesse sentido, com o propósito de respondê-las contemplando referenciais pertinentes ao período de publicação do romance, enveredamos esta análise por teorias específicas dos estudos dos narradores contemporâneos, especificamente em Ginzburg (2012), Perrone-Moisés (2006), Benjamin (2012) e outros, para então delinear o método de autoria-personagem que Conceição Evaristo, por intermédio de Maria-Nova, faz emergir no interior do *corpus* no qual se ancora este trabalho.

No sentido de delineamento teórico no tocante do fazer narrativo contemporâneo, convidamos o professor e pesquisador Jaime Ginzburg (2012), que, em seu estudo intitulado *O narrador na literatura brasileira contemporânea*, pontua que as produções surgidas na

³⁷ Para Santiago (2010), o narrador contemporâneo, dentre tantas outras características, é marcado por aquele que rompe com a descontinuidade da narração e lida com as armadilhas da linguagem, uma vez que agora “a história não é mais vislumbrada como tecendo uma continuidade entre vivência do mais experiente e a do menos, visto que o paternalismo é excluído como processo conectivo entre gerações. As narrativas hoje são, por definição, quebradas. Sempre a recomençar” (2010, p. 53).

literatura nacional de 1960 ao tempo presente têm sido configuradas como um intenso desafio para a crítica e historiografia literária, sobretudo no que concerne às suas respectivas recepções estéticas, considerando que esta acostumou-se a lidar, essencialmente, com padrões canônicos e periodizados.

O autor evidencia, nestas proposições, que a crítica literária brasileira se mostra ainda resistente às obras que surgem, asseguradas pela permeabilidade surgida na literatura da década de 60, desafiando o padrão estabelecido pelo cânone, quer seja pela representação dos enredos e personagens, quer seja pela linguagem, escolhas temáticas, ou ainda, como diria Dalcastagnè (2012, p. 17), pelo “espaço de fala” da narradora-autora ou narrador-autor.

Nesse sentido, o desafio imposto à crítica e, igualmente, à historiografia literária, se configura pela condição de, agora, terem a incumbência de lidarem também com estas obras, já que, conforme Ginzburg (2012), as narrativas surgidas nesse período e posteriores subvertem o modelo canônico e passam a sedimentar-se sob planos de temas socialmente complexos e, em alguns casos, controversos (GINZBURG, 2012).

As obras de Conceição Evaristo, por exemplo, ilustram contundentemente a assertiva anterior, sobretudo em se tratando de *Becos da Memória* (2017), uma vez que as discussões propostas pela narradora-autora emergem de maneira lírica-prosaica o público leitor no mundo da marginalidade social, pondo em pauta e convidando-os a refletirem sobre questões intrinsecamente ligadas à desumanização, dominação de classe, fome, miséria, abandono político e social, processos de colonização, dominação e outros. Enumerar esses elementos é imprescindível para compreensão da nossa insatisfação em relação ao vício canônico da crítica literária, pois, observa-se que tais elementos, em decorrência da necessidade de atender aos interesses e defesa do patriarcado capitalista instaurado no centro do cânone brasileiro — condição na qual a narrativa clássica esteve acometida — foram por muito tempo maquiados na literatura nacional e, conseqüentemente, pouco discutidos pela crítica.

Nesse contexto, salienta-se que em *Becos da Memória* (2017), obra na qual o enredo é construído a partir de relatos de moradores de uma periferia em prévia de demolição — como vimos na primeira seção deste capítulo — a narradora, representada pela personagem Maria-Nova, apresenta evidentes características do narrador contemporâneo, em especial aqueles percebidos por Ginzburg (2012). Neste romance, a narradora propicia uma descontinuidade do contexto da supremacia branca e colonial na qual eram envoltas as obras clássicas/canônicas, propondo uma releitura da dita história oficial do Brasil, tonificando o que ela representou e continua representando para os povos negros/minoritários deste país e, mais importante, sem qualquer tendência e/ou percepção eurocêntrica.

Por ser assim, percebe-se que o exercício narrativo de Conceição Evaristo, nas mais amplas especificidades — sendo algumas delas: a linguagem utilizada; a segmentação das personagens; o modo optado para condução das discussões propostas e o próprio objetivo da obra —, contestam intencionalmente o estilo da época que, consoante à Ginzburg (2012), prima pela periodização convencional e viciosa. Esse desacordo, por sua vez, se transfigura como “um desrecale histórico, de [como] uma atribuição de voz a sujeitos tradicionalmente ignorados ou silenciados” (GINZBURG, 2012, grifo nosso), isto é, da inserção de vozes no cenário literário brasileiro que, mesmo falando, foi-se por longos períodos negada a escuta.

Nessa perspectiva, outras tantas obras que desafiam o modelo clássico de narração podem ser citadas, tais como: *Quarto de despejo* (1960), de Carolina Maria de Jesus; *Um defeito de cor* (2009), de Ana Maria Gonçalves; *Oficina do vagaroso tempo* (2018), de Glória Azevedo; *Desejo sitiado* (2019), de Flavio Nantes; *Morangos morcados* (1982), de Caio Fernando Abreu; *A cor da ternura* (1991), de Geni Guimarães; *Úrsula* (1985), de Maria Firmina, dentre outras.

Em vista disso, vê-se que o elemento que dissocia esses narradores daqueles que compõem os romances clássicos é o distanciamento do espaço onde se concentram as forças e as personalidades dominantes que o cânone impôs. Nos romances elencados, de modo mais preciso, as narradoras e os narradores rompem com a tradição arcaica de construção de personagens que representam figuras colonizadoras ou que fazem parte de uma supremacia social e afins; apresentando às leitoras e aos leitores personagens e enredos que denunciam as incongruências expostas na dita história oficial, que contrapõem a hegemonia de classe, que discutem a liberdade sexual feminina e diversidades de gênero e, mais importante que isso: reavivem o discurso, ou ainda, como coloca Spivak (2010), permitem as subalternas e os subalternos falarem.

Benjamim (1986), em *O narrador*, postula que para tornar-se uma narradora ou um narrador deve-se, acima de tudo, tornar-se uma exímia observadora ou observador. Neste exercício, ainda conforme o ensaísta, a pessoa que se propõe a tal prática deve não somente observar o universo do objeto narrado, como também estabelecer pontes para que esta narrativa se conecte consigo mesma (BENJAMIM, 1986).

A narradora apresentada em *Becos da Memória* (2017), é uma narradora cuja atividade está centrada na observação e escuta do outro. No entanto, não deixa de estar conectada consigo mesma, sobretudo considerando que é por meio dessa prática que a narradora-personagem compreende o universo que a cerca, e igualmente sedimenta sua identidade de menina-mulher negra de classes populares, como pode-se observar no fragmento a seguir: “fatos estavam

acontecendo, muita coisa ela percebia, mas só conseguia um melhor entendimento por meio das narrações que ouvia. Ela precisava ouvir o outro para poder entender” (EVARISTO, 2017, p. 32).

Outro ponto cabível nesta perspectiva de análise é que essa narradora não somente observa e atenta-se às ressonâncias das vozes dos sujeitos que a cercam, como demonstra igual interesse nos demais elementos que compõem as cenas, descrevendo-as com extrema liricidade, como notabilizável em: “Maria-Nova olhava a magreza da velha, a magreza do quarto, a magreza da vida. Sentiu um nó na garganta e as lágrimas caíram como gotas de desesperança” (EVARISTO, 2017, p. 110).

Esse senso excessivamente apurado de descrição de objetos outros, não desqualifica a capacidade narracional da presente narradora. Pelo contrário, exacerba-o, pois, conforme fora assegurado por Perrone-Moisés (2006), em *Mutações da literatura no século XXI*, o narrador que assim labora põe em prática o exercício da descentralização: isto é, o narrado não concentra mais seus holofotes somente em si ou nos outros, e se coloca numa posição “extraordinariamente atento e receptivo, tanto às outras personagens de seu relato quanto ao mundo em geral, às paisagens, aos climas, aos objetos” (PERRONE-MOISÉS, 2006, p. 212).

Ainda neste sentido, consoante à Oliveira (2019), é por meio da prática de escuta e observação do outro que Maria-Nova constrói uma relação de intimidade com os objetos e as experiências dos sujeitos que são por ela narradas, possibilitando, com isso, uma maior compreensão pessoal e intrapessoal. Além do mais, o teórico afirma ainda que “é também pela escuta que Maria-Nova encontra marcas de sua ancestralidade africana estampada violentamente na dita história oficial do Brasil, sobretudo, em relatos acerca da formação da população negra brasileira” (OLIVEIRA, 2019).

Outro ponto digno de análise diz respeito à relação tempo-espço da narradora apresentada em *Becos da Memória* (2017). Para assim fazer, cabe convidar a crítica literária Dalcastagné (2012), que pontua que muitos dos romances emergidos na contemporaneidade tem apresentado às leitoras e aos leitores narrativas nas quais passado e presente se articulam de modo a atribuir aspecto de veracidade ao objeto narrado. Em *Becos da Memória* (2017) essa relação é colocada de maneira muito pertinente, pois, embora o romance esteja em sua terceira edição, predisposto no tempo presente, observa-se que a narradora não se desvencilha do tempo passado, pelo contrário, revisita-o insistentemente por intermédio da memória em uma atividade quase visceral e, conseqüentemente, o narra, organizando-o de diferentes formas.

Neste sentido, o crítico literário de grande representatividade no contexto dos estudos da literatura brasileira, Antônio Cândido, em sua obra intitulada *Literatura e Sociedade* (2006),

assevera que a literatura opera, por via da arte, como um elemento organizador do mundo, *in verbis*: “A literatura é essencialmente uma reorganização do mundo em termos de arte” (CÂNDIDO, 2006, p. 186). A afirmação do autor, se pensado pelo sentido da escrevivência ou, melhor dizendo, do exercício narrativo da narradora atuante no *corpus* analisado, torna-se ainda mais tonal, uma vez que Maria-Nova narra os fatos de modo a organizar e compreender o universo de marginalização e outras mazelas sociais nas quais a comunidade negra está submersa na atual conjuntura da sociedade brasileira.

Todorov (2002, p. 199), ao discutir a importância da memória e da rememoração para sedimentações de histórias passadas apresentadas como romances, grifa que “a recordação do passado é necessária para afirmar a própria identidade, tanto individual como a de um grupo” (TODOROV, 2002, p. 199). Essa colocação implica diretamente com o que fora afirmado em momentos anteriores em relação ao deslocamento temporal identificado no exercício narrativo de Maria-Nova, narradora-personagem.

Ao contatar a obra presentemente analisada, a leitora ou o leitor facilmente perceberá que, durante toda a narrativa, a personagem que se apresenta ora como quem observa, ora como a quem é observada, segmenta sua performance narrativa a partir de movimentos mnemônicos, isto é, os fatos são narrados de maneira circular, como aqueles que se inter cruzam entre o encontro e o desencontro. Esse movimento de retomada do passado como modo de autenticação do presente, ou ainda, pela afirmação das identidades, é também compreendido por Cruz (2016) como movimento de modulação da narrativa e/ou rememoração romanesca.

Ainda nesse caminho, a narradora-personagem Maria-Nova, para dar conta do presente, no sentido de compreendê-lo, revisita o passado por necessidade e/ou escolha própria e, conseqüentemente, exercita a atividade clássica do narrador contemporâneo na perspectiva benjaminiana que, sobre este, Sampaio (2016, p. 13) assevera: “o narrador benjaminiano é um sujeito que transita entre o esquecimento e a lembrança” (SAMPAIO, 2016, p. 31). Isso posto, afirma-se ainda que nos romances evaristianos, em especial *Becos da Memória* (2017), as narradoras são apresentadas inteiramente submersas na relação memória-esquecimento, como bem é ilustrada no modelo de narração de Maria-Nova.

Portanto, nas escrevivências, as narrações por via da memória operam como um elemento constituinte da identidade pessoal e individual das personagens e, uma vez sendo assim, coaduna com a postulação teórica de Pollak (1992, p. 204), dado que este reitera que “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de

continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua construção de si” (POLLAK, 1992, p. 204).

No contexto da busca da identidade individual e coletiva das personagens, mediada por intermédio da narrativa memorial de Maria-Nova, outro elemento pode ser observado: no *corpus* que aqui analisamos a narração dos fatos são assim feitos a partir da atuação de uma narradora fragmentada, que divide as vozes entre primeira e terceira pessoa. O objeto de narração refere-se às tramas da vida pessoal e coletiva dos moradores de uma periferia recém submetida a um processo de demolição — como vimos em análises anteriores — histórias essas que ora são contadas por ela, ora são contadas por outrem por evocação sua.

Considerando a natureza do texto escreviente, assim como o objetivo do projeto de escrita de Conceição Evaristo — visibilizar sujeitos e vozes socialmente invisibilizadas —, a atuação da narradora-personagem é favorável ao que a autora se propõe, uma vez que no ofício de coleta e contação de história ao qual Maria-Nova se dedica, há um cuidado perceptível em não ocultar ou negar o poder de voz do Outro, na medida em que estas narrativas são ouvidas e contadas simultaneamente. Isto é, no ato de apresentar a leitora ou ao leitor estas histórias, a narradora o faz de modo que não permita que as vozes das demais personagens se condense ou se perca na sua própria, o que significa também dizer que “ela não lança mão do discurso indireto livre [...], ela não dilui a voz das personagens de sua infância em sua própria voz” (CRUZ, 2016, p. 27).

Além do mais, observa-se que a narradora presente em *Becos da Memória* (2017), desde as primeiras cenas do romance se coloca como uma colecionadora de histórias-memórias individuais e coletivas das personagens que residem na periferia onde se passa a trama, especialmente daquelas com quem mantinha maiores relações afetivas. Estas histórias, em sua maioria ornadas de sofrimento e dor, alimentam o *banzo* que se abriga nos seios de Maria-Nova, a fazendo estar sempre reflexiva sobre que ouvia e via pelos becos da favela.

O banzo é, para Conceição Evaristo, narradora-autora, o resultado ou a soma das dores cotidianas empreendidas pelo sistema estrutural branco e patriarcal que tenta, a todo custo, tornar aqueles que integram a comunidade negra sujeitos inexistentes ou indignos da existência plena. No entanto, vê-se que mesmo com o banzo fazendo lhe sangrar os seios, a busca de Maria-Nova por história-memória-dor não se dá por cessada, uma vez que “queria sempre história e mais história para sua coleção” (EVARISTO, 2017, p. 56). Nesse sentido, conta-se que à medida em que os números de relatos aumentavam e o banzo³⁸ agitava agressivamente

³⁸ A noção de banzo será apresentada a partir de discussões mais substanciais no próximo capítulo desta pesquisa, na seção nomeada por *Do banzo e da escrevivência*.

seus mais profundos sentimentos, uma pulsão criativa se materializa no íntimo da narradora, que, ao ouvi-las, “um sentimento, às vezes, lhe vinha” (EVARISTO, 2017, p. 56).

O sentimento que a narradora-personagem sente cada vez que se permite a escuta das histórias que colecionava é de, um dia, poder recontá-las, tal qual pode ser observado no enxerto a seguir: “ela haveria de recontá-las um dia. Ainda não se sabia como” (idem, *ibidem*). Desse modo, o desígnio de recontar essas histórias para outrem, para além de uma prática de visibilização de sujeitos históricos e forçadamente ocultados e/ou esquecidos — ora nos becos da memória da narradora, ora nos discursos ditos oficiais —, também pode ser compreendido como uma oportunidade de formação crítica no tocante dos fenômenos e sentimentos que a ambiência na periferia os provoca, bem como uma divisão desse “banzo” no intuito de torná-lo, no mínimo, suportável, afinal, “era muita coisa para se guardar dentro de um peito só” (EVARISTO, 2017, p. 56). Assim, compreende-se que *Becos da Memória* (2017) emerge tanto como uma promessa feita pela narradora-autora a si mesma (CRUZ, 2016), como também um desencaixe histórico e, portanto, dispositivo para fazer despertar os da casa-grande de seus sonos injustos (EVARISTO, s/d), tal qual a autora afirma na epígrafe que inaugura este capítulo.

Diante disso, uma vez concluído o percurso pretendido neste capítulo, poderá a leitora ou o leitor prosseguir para leitura do próximo, apresentado sob o título de *Das acontecências do banzo — uma incursão histórica afrodescendente na escrivivência de Conceição Evaristo*. Apresentará uma discussão onde se alinham escrivivência, ancestralidade e banzo, elementos de demasiado significado no que concerne ao aprofundamento teórico e conceitual à expressão emergida por atuação de Conceição Evaristo, assim como da realidade histórica da trajetória dos afro-brasileiros postumamente ao regime escravocrata ao qual foram submersos.

4 DAS ACONTECÊNCIAS DO BANZO — UMA INCURSÃO HISTÓRICA AFRODESCENDENTE NA ESCRIVIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Apesar das acontecências do banzo
há de nos restar a crença
na precisão de viver [...] (EVARISTO, 2017).

Apoiando-se na relação estabelecida entre a história e a literatura, incipientemente entrelaçadas ainda no século IV a.C., por intermédio dos pensamentos filósofo-poéticos de Aristóteles e de sua dialética com o trabalho de igual natureza desenvolvido por Nietzsche (2005)³⁹, este capítulo propõe uma análise histórico-literária das acontecências escritas no romance evaristiano *Becos da Memória* (2017). Intui-se identificar os eventos sociais que possibilitam uma incursão na história afrodescendente, discutindo-as a partir de diálogos entre as noções de escritivência (abordada com maior afinco no primeiro capítulo deste trabalho) e *banzo* (a ser trabalhada nas páginas posteriores).

Desse modo, ambicionando alcançar o objetivo traçado para esta unidade, representado por: “analisar as acontecências históricas-sociais apresentadas em *Becos da Memória* (2017), em diálogo com as noções de escritivência e *banzo*”, dividiu-se este capítulo em 3 seções. A primeira, nomeada por *Do banzo e da escritivência*, buscou compreender o sentido da expressão *banzo* — considerando sua mais ampla situação semântica — e, posteriormente, construir um fio condutor que interlaça este conceito à noção de escritivência, articulando-as.

Por conseguinte, tem-se a seção *Literatura&História: a afro-brasilidade em Becos da Memória* (2017), na qual desenvolveu-se uma discussão pautada entre a história e a literatura a partir do enredo apresentado no romance seletivo para análise — lendo-o como um texto memorial em que, por meio de um movimento de interligação de tais imagens, há, conscientemente, a construção de uma nova história que clama por ser (re)lida. Depois, apresenta-se a última seção que compõe este capítulo, a qual intitulamos *Rastros históricos na escritivência de Conceição Evaristo*, onde identificamos, a partir das leituras atentas desta escritivência, elementos como: a diáspora africana, memória e trauma escravocrata, violência e exploração sexual contra a mulher negra, experiência com a fome e a miséria de comunidades pós “abolicionismo”⁴⁰, entre outros; e os discutimos através do sentido da noção de *banzo* e de escritivência.

³⁹ Cf. *A poética clássica* (2005), de Aristóteles e *Escritos sobre História* (2005), de Nietzsche.

⁴⁰ Enquanto cunho a expressão *abolicionismo* entre aspas, ouço a voz de Madelena Gordiano, mulher preta sujeitada forçadamente a viver 38 anos em situação análoga à escravidão em Minas Gerais (MG) — até o segundo

4.1 Do *banzo* e da *escrevivência*

Nesta seção, como pontuado abreviadamente na apresentação do vigente capítulo, trabalhar-se-á os sentidos da expressão *banzo* em interface com o conceito de *escrevivência*. Nesse contexto, cabe-nos salientar, como direcionamento de leitura, que neste capítulo defenderemos a *escrevivência* de Conceição Evaristo como uma espécie de reconstrução da experiência humana em se tratando das condições as quais foram submersos os cativos trazidos da África para o Brasil. Ou, ainda, como confissões de autoconhecimento e reencontro consigo mesma(o) pós superação das mazelas sociais enfrentadas pela autora em seu passado em Minas Gerais (MG) — tal qual Maria-Nova deixa-nos perceber ao permitir o contato com seu ávido de narração: “Maria-Nova, um dia, não sabia como, ela haveria de contar tudo aquilo ali. *Contar as histórias dela e dos outros*. Por isso ela ouvia tudo atentamente. Não perdia nada” (EVARISTO, 2017, p. 31, grifo nosso).

Nesse processo, traçou-se uma revisão histórico-conceitual da noção de *banzo*, que fora sujeitado a um longo “processo [...] de contaminação de sentido” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 18) para que, respeitando as diversas significações atribuídas ao termo registradas na historiografia nacional e internacional, elegêssemos àquela que melhor atende aos nossos interesses e necessidades de aproximação à noção de *escrevivência*. Acreditamos, portanto, concordando em partes com as acepções exploradas a seguir, que este refere-se a um estado de demasiada reflexão que nasce a partir das memórias da escravidão e que, apesar de ter tido, em momento delicado da história, implicações e graves consequências — como o suicídio —, hoje não pode ser compreendido como sentimento de todo o mal, se pensado que dessas reflexões podem surgir tomadas de decisões de alto impacto para a construção de um movimento negro com mais autonomia e legitimidade.

Tencionamos esse diálogo especialmente pela necessidade da descentralização do poder discursivo, que é heterogêneo, situação que Conceição Evaristo já desbravou ao pensar que “a literatura brasileira está nas mãos dos homens brancos” (EVARISTO, 2010)⁴¹. Nesse caminho, do mesmo modo em que há um controle do discurso sobre o que pode, por quem pode e o que deve ser falado na literatura, há também na política, sociologia e, principalmente, na instituição história, o que a faz, portanto, ser considerada um registro oficial — com todas as ressalvas possíveis — construído por falhas, posicionamentos acrílicos e apagamentos conscientes. A

semestre de 2020 — evidenciando, portanto, que a abolição da escravatura no Brasil permanece ainda sendo uma utopia coletiva ou, ainda, uma invenção infundamentada [mais uma delas] da pretensa história oficial deste país.

⁴¹ Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/07/15/interna_diversao_arte,694873/entrevista-conceicao-evaristo.shtml.

história da formação dos povos negros no Brasil, por exemplo, que muito fala sobre os 300 anos de escravidão neste país, bem como de uma abolição tardia e irresponsável, é registrada a partir de uma percepção eufemista e imperial, dando margem à uma instauração do que Adichie (2019) preconiza criticamente como “uma história única” que, a largas medidas, empurra-nos a um território de perigo.

Vários são os motivos que justificam a escrita falaciosa dessa história, mas, para permanecemos no âmbito do discurso, recorreremos ao que Foucault (1996) observa sobre a prevalência do domínio discursivo na luta política: “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, *mas aquilo porque, pelo que se luta*” (FOUCAULT, 1996, p. 10, grifo nosso). O apagamento da reconstrução de nossas experiências enquanto pessoas pretas a partir do nosso próprio ponto de vista nos registros “oficiais” do país serve-nos como um indicador radical de nossa subalternidade, assim como evidencia que o discurso, para nós afrodescendentes [e outros grupos sociais das margens], ainda é aquilo pelo qual lutamos. Portanto, agarramo-nos firmemente nessa condição ao propormos o diálogo do banzo com a escrevivência — já que este oferece-nos com riqueza, sensibilidade e precisão o conteúdo da narração, e aquela, o espaço e a possibilidade do discurso —, em que por meio de uma atividade cooperativa entre ambos, invertamos a impressão de que a pretensa história oficial brasileira é uma observância descritiva [e redutiva] dos imperialistas sobre nós, afro-brasileiros.

Além disso, compete-nos ainda adiantar que, especificamente nesta seção, a discussão em torno da expressão escrevivência será utilizada como instrumento para a efetivação da interrelação com a definição de banzo e, portanto, diferente das primeiras realizadas nas dependências desta pesquisa — que se dedicaram, de modo especial, à mapeação e ampliação do conceito presentemente referido.

Por outro lado, em ciência às variadas significações do conceito de *banzo* e de nossas responsabilidades éticas enquanto pesquisadores e/ou produtores de conhecimento, realizou-se, de modo preciso, uma revisão aos conceitos da expressão neste momento problematizada, já que “a definição de banzo mudou ao longo do tempo, e os dicionários modernos de português dão seu significado como ‘nostalgia ou melancolia’, fazendo a conexão com o tráfico de escravos” (KANANOJA, 2018, p. 3, grifo no original). Uma vez conhecidas as várias situações semânticas desse termo, optou-se por laborar sob aquele que o coloca como um estado de reflexão profunda entre o presente e o passado a partir de experiências negras com as atrocidades coloniais, pois, coaduna diretamente com o objeto de estudo deste trabalho e nos parece convidativo ao diálogo em que pretendemos incitar.

De modo mais preciso, nesta pesquisa o conceito de banzo está sendo defendido tal qual apontado por Nei Lopes, em *Novo Dicionário Banto no Brasil* (2003), que tem sua origem em duas línguas de natureza africana, sendo elas: quicongo (*mbanzu*), que significa pensamento ou lembrança; e também quimbunda (*mbonzo*), significando saudade, paixão e/ou mágoa. Além disso, de igual maneira, filiamo-nos também à compreensão de Conceição Evaristo em relação a esse conceito, uma vez que, em sua poética-dor-saudade, a autora o interpreta como uma conexão viciosa-consciente entre o passado vivido em África e os ecos dessa prática que ainda reverberam no atual momento da contemporaneidade, como poder-se-á constatar a partir do excerto apresentado a seguir.

Maria-Nova, talvez, tivesse o banzo no peito. Saudades de um tempo, de um lugar, de uma vida que nunca vivera. Entretanto o que doía mesmo em Maria-Nova era ver que tudo se repetia, um pouco diferente, mas, no fundo, a miséria era a mesma. O seu povo, os oprimidos, os miseráveis; em todas as histórias, quase nunca eram os vencedores, e sim, quase sempre, os vencidos. A ferida dos do lado de cá sempre ardia, doía e sangrava muito (EVARISTO, 2017, p. 37).

Maria-Nova, narradora-personagem do primeiro romance de autoria de Conceição Evaristo — *Becos da Memória* (2017) —, é filha e neta de escravos, escapada do regime por via da “execução” da Lei do Ventre e que, mesmo que não tenha vivido de fato o cataclismo financiado pela escravidão no Brasil, a partir do ponto de vista da narradora, parece sentir o banzo golpeando-lhe o peito. O banzo para Maria-Nova surge como uma saudade de um lugar [a África] e de uma vida que não tivera [junto de seus ancestrais]; no entanto, vê-se que este sentimento para além de causar-lhe sensações de ausência, surge também como algo a despertar-lhe as percepções de futuro em relação ao passado que insiste em se personificar na artéria-preta de cada sujeito e/ou sujeita afro-brasileiros, movendo-nos em direção a uma tomada de ação política — como acontece com a mesma personagem em trechos posteriores da mesma narrativa: “Maria-Nova sentia que era preciso modificar a vida, mas como? Saiu desesperadamente calma a andar pela favela” (EVARISTO, 2017, p. 41).

Nessa mesma direção, pode-se observar a presença do banzo em outros textos da autora, como no poema *Todas as manhãs*, publicado como parte da obra *Poemas de recordação e outros movimentos* (2010), vejamos:

Todas as manhãs junto ao nascente dia
ouço a minha voz-banzo,
âncora dos navios de nossa memória.
E acredito, acredito sim que os nossos sonhos protegidos
pelos lençóis da noite
ao se abrirem um a um

no varal de um novo tempo
 escorrem as nossas lágrimas
 fertilizando toda a terra onde negras sementes resistem
 reamanhecendo esperanças em nós (p. 16, grifo nosso).

Nesse poema, ainda que o banzo esteja intimamente associado à imagem do navio negreiro, não há a elaboração de uma memória da dor e da redução da condição de pessoa-humana a que foram sujeitados os povos africanos quando chegados em terras brasileiras, mas, sim, de esperança em dias melhores. A noção de banzo presente no poema acima, de certo modo, difere-se daquela experimentada pela personagem Maria-Nova — em que não há, em primeira instância, a existência de um sujeito idealista — mas que não se contrapõe a ela e, inversamente, o complementa. Assim como em *Becos da Memória* (2017), no poema ora analisado observa-se a existência de um elo de interligação insistente entre os tempos passado e presente, que pode ser percebido, inclusive, pelos dois primeiros versos: “Todas as manhãs junto ao nascente dia ouço a minha voz-banzo”. Se apresenta um eu-poético que no tempo presente se aventura nas memórias do passado, caracterizadas pela “âncora dos navios de nossa memória”.

As lembranças da escravidão que despertam o que chamamos aqui de banzo são suscitadas no poema por intermédio da imagem do navio negreiro; no entanto, vê-se que o sujeito poético escapa da memória do trauma através de uma projeção esperançosa do amanhã, como pode-se conferir nas sentenças a seguir: “acredito sim que os nossos sonhos protegidos [...], no varal de um novo tempo [...], escorrem as nossas lágrimas fertilizando toda a terra onde negras sementes resistem, reamanhecendo esperanças em nós”. É exatamente nesses trechos que se manifesta a noção completa de banzo em Conceição Evaristo, pois, ao que parece, a autora o defende como uma memória profunda que desvela as mais angustiantes e dolorosas lembranças de um evento histórico de peso irreparável para o Brasil e a África, mas que, acima de tudo, a partir dela e por ela, alimenta-se um desejo arrebatador de resistir⁴².

A presença do sentimento de esperança expressado nos versos finais do poema reforça, ainda mais, a necessidade de assim defender o banzo, uma vez que, se interpretado desta maneira, reforça e valida “a autonomia dos afrodescendentes em oposição à submissão de seus antepassados, os escravos, pois eles têm maior possibilidade de realizar sonhos relativos às mudanças, já que vivem em um ‘novo tempo’, um outro contexto histórico” (RIBEIRO, 2010, grifo no original).

⁴² A partir dessa perspectiva, vê-se que o banzo se organiza na relação passado-presente, assim como também se constituiu de uma projeção de futuridade positiva e, no mesmo sentido da escrivência, de reescrita da história, não só pelo que já foi, mas, e acima de tudo, na direção do que ainda será.

Sabido disso, pretendemos aqui propor a noção de escrevivência como também um elemento de compensação e superação⁴³ do banzo, tal qual Conceição Evaristo, senão de fato, quase propôs ao cunhar, na primeira estrofe do poema seletor para inaugurar este capítulo: “*apesar das acontecências do banzo*” (EVARISTO, 2017, grifo nosso). Neste excerto, a expressão *apesar*, na perspectiva sintática da gramática do português brasileiro, por se tratar de uma conjunção adversativa, subsidia precedentes para o sujeito leitor intuir que nos próximos versos que compuseram o poema será apresentado um descolamento de sentido, contrariando a informação inicialmente apresentada. Essa assertiva é mais bem percebida a partir das análises dos versos que dão continuidade ao presente poema, uma vez que são constatadas as seguintes colocações: “há de nos restar a crença na precisão de viver [...]”; “*não haverá pedra a nos entupir o caminho*”; “*brotará em nós o abraço a vida*” (idem, ibidem, grifo nosso).

Nos versos apontados, identifica-se a presença de um eu-poético consciente de que o banzo foi [e é], para ele, um episódio traumático em sua vida e na vida de seus ancestrais — este último percebido pelas marcações de plurais em quase a totalidade das frases —, mas que não se deixa dar-se por vencido, pois acredita veementemente que mesmo com a existência do banzo, não haverá, hoje, quem os tirem a esperança e o ávido pela vida — assim como fizeram durante todo o período escravocrata. Desse modo, observamos que a escrevivência serve ao banzo — ou inversamente — como um espaço político em que a exclusividade⁴⁴ aos pretos se dá não pela submissão à violência extrema e/ou pela marginalidade do grupo, mas, sim, pelo respeito e o comprometimento com a luta antiescravagista; como uma espécie de receptáculo de forças concentradas em criação de mecanismos e condições a serem utilizadas contra a máquina histórica e social de dominação, tortura e morte contra os povos pretos deste país.

Em referência aos estudos do banzo, Ana Maria Galdini Raimundo Oda (2008) — uma das mais representativas [e poucas] estudiosas brasileiras atuantes nesta linha de pesquisa — afirma que na historiografia nacional contemporânea são escassas as menções ao conceito/noção de banzo, além de que as poucas referências existentes até o atual momento se limitam a tão somente reprodução de narrativas do século XIX sem esforços críticos.

⁴³ A lógica da superação do banzo não está, de modo algum, vinculado à uma sugestão de esquecimento, mas, sim, de uma memória de elaboração que não permite ao sujeito que o experimenta travar-se diante da agressividade do que fora rememorado e, portanto, ponderar ações utilizáveis contra as artimanhas do poder colonial.

⁴⁴ No processo de maturação do conceito de banzo e escrevivência houve momentos que estiveram popularizados como conceito de uso ou nomeação a feitos e sentimentos de pessoas negras/pretas. No entanto, a ordem em que esse fenômeno acontece é inversa, de modo que, no atual momento, o banzo se constitui como uma expressão cujo campo semântico está exclusivamente alocado no cerne das discussões étnicas-raciais dos povos pretos e a noção de escrevivência, não somente.

O vocábulo *banzo*, decerto pelas numerosas tentativas de conceitualizações exercidas por um número significativo de países e comunidades africanas, teve sua significação exaustivamente modificada por diversas condições, tais quais: a área de conhecimento em que era discutido, as marcações geográficas e o objeto de defesa do teórico que o problematizava. No Brasil, por exemplo, essa expressão passa a integrar o vocabulário português posteriormente à veiculação de uma reportagem jornalística que informava sobre a chegada de um navio na cidade de Rio de Janeiro, após uma viagem de 46 dias, onde muitos dos africanos escravizados haviam morrido de tanto *banzar* (KANANOJA, 2018). Portanto, compreendo-a como uma doença trazida da África para o Brasil que acometia os cativos a serem vendidos em territórios brasileiros.

No entanto, muito antes de seu registro léxico em territórios brasileiros, a noção de *banzo* já era amplamente explorada por outros países europeus e, sobretudo, nos escritos medicinais da Angola-Central. Em vista disso, traçaremos uma revisão léxico-conceitual da noção de *banzo* tendo como principal fonte de informações os registros técnico-científicos de Mendes (1812), Brásio (1973), Moura (2004), Bologna (1931), Cosme (1967), entre outros⁴⁵, com objetivo de perceber o movimento de ampliação do conceito, justificarmos nossa seleção conceitual e, conseqüentemente, articulá-lo por semelhanças e dissidências à noção de *escrevivência*.

Para Raimundo Oda (2008), o conceito de *banzo* que é predominante na historiografia da contemporaneidade diz respeito à resistência dos negros africanos à escravidão — aquele que sugere o infanticídio, o suicídio e a geofagia como uma resposta contrária ao regime autoritarista —, no entanto, uma série de outras concepções e nomenclaturas podem ser identificadas. A expressão *banzo*, ulteriormente ao seu uso inaugural, modificou-se exaustivamente, tanto em sua condição semântica, quanto morfológica, uma vez que para além da construção *banzo* e/ou *banzare* (enquanto substantivo), tem-se também o *banzar* exercendo função de verbo e significando o ato ou efeito de “plasmar com pena” (BLUTEAU, 1712-1728) ou “sofrer de melancolia” (COSME, 1967).

Na África Centro-Occidental, por exemplo, a noção de *banzo*, na qualidade morfológica de substantivo, está intimamente atrelada às relações mercantilistas, pois relaciona-se aos pacotes de bens utilizados no mercado de escravos. No entanto, em observância à raiz *banza* e

⁴⁵ A maioria esmagadora dos teóricos citados neste parágrafo em específico assumem uma postura pró-escravagista em seus registros textuais; por isso, justificamos nossa utilização desses documentos tão somente para compreensão de como a noção de *banzo* é apresentada por estes autores, mas não compactuamos com pensamentos e atitudes dessa natureza.

alicerçado em uma leitura patológica, o padre António Brásio (1976) desenvolve outra significação ancorada na máxima de que esta refere-se à casa — isto é, saudade de casa ou país de origem — e, portanto, permitindo-nos a compreensão de que esta expressão poderia ser lida como um desejo latente de voltar ao seu lugar primeiro — a casa — sentido, decerto, pelos cativos durante e depois do traslado de África para o Brasil.

Ainda neste sentido, sem deixar de considerá-lo uma enfermidade, o banzo foi compreendido por Moura (2004) como uma depressão psicológica de natureza psicopatológica que acometia os africanos logo após o desembarque no Brasil. Para Kananoja (2018), a interpretação de Moura (2004) em relação ao banzo — em especial quando defendido como uma patologia — foi também a compressão de consideráveis médicos, padres e historiadores do século XVIII que, se valendo de explicações fisiológicas, propuseram o banzo como uma doença que se apresentava pelo sono ou, ainda, como uma consequência e/ou deficiência nutricional das atrocidades ocorridas nos porões dos navios negreiros, tal qual pressupõe Miller (1988) em seu artigo *Caminho da Morte: O Capitalismo Mercantil e o Comércio de Escravos Angolanos*.

Em *A Prática Missionária dos Padres: Capuchinhos italianos nos reinos do Congo, Angola e áreas adjacentes*, estudo empreendido por Bologna (1931), a noção de banzo — evocada agora sob a nomenclatura de banzare — é apresentada como uma espécie de doença acometida exclusivamente por pessoas tímidas, apreensivas e melancólicas. Sob outra perspectiva, a leitura desse pensador poderia ser facilmente entendida por via de situações análogas às anteriormente expostas, pois os sentimentos mencionados pelo autor — timidez, apreensão e melancolia — eram demasiadamente presentes no interior dos cativos, que se sentiam angustiados com os fatos do presente e dos possíveis atos igualmente violentos aos quais os portugueses os submetiam. No entanto, em seus escritos de natureza crítica-científica, esse teórico sustenta a ideia de que o banzare [ou banzo] é uma doença essencialmente de procedência europeia, isto é, não infligia os negros africanos e, portanto, elimina a possibilidade de leitura que apontamos durante o contato inicial com o autor.

Dentre tantas acepções possíveis para o conceito de banzo — que são complexas e numerosas —, o teórico Mendes (1812), após um árduo e extenso trabalho em que dedicou esforços a estudar as doenças que mais acometiam os africanos escravizados e, concomitantemente, propor métodos de cuidado e prevenção das enfermidades por ele identificadas, financia uma noção de banzo que dialoga diretamente com o que aqui entendemos por, e de igual maneira, por como Conceição Evaristo o compreende em suas escrevivências.

Para Mendes (1812), o banzo é um ressentimento agudo provocado pelo sentimento de desejo e outros de naturezas afins, como a saudade. No artigo intitulado *As raízes africanas de uma doença brasileira: o banzo em Angola nos séculos XVII e XVIII*, ao estudar os sentidos de banzo a partir de uma perspectiva psicológica em interface com a medicina, a historiadora Kalle Kananoja (2018) interpreta as considerações de Mendes (1812) em relação à significação de banzo como uma “meditação [despertada pelo banzo] contínua sobre a aspereza do tratamento, o mau tratamento em si, ou tudo isso que pode melancolizar⁴⁶” (KANANOJA, 2018, p. 20, grifo nosso). Portanto, compreende-se que, em seus escritos, o conceito de banzo é percebido como um estado profundo de reflexão que surge das intensas e repetidas lembranças das situações catastróficas promovidas pelo tráfico, venda e tortura dos africanos escravizados.

Em continuidade às discussões referentes ao processo de maturação e/ou desenvolvimento do conceito de banzo, Kananoja (2018) assinala ainda que:

A definição de banzo mudou ao longo do tempo, e os dicionários modernos de português dão seu significado como “nostalgia ou melancolia”, fazendo a conexão com o tráfico de escravos. Esta definição evoluiu durante a segunda metade do século XVIII, quando banzo se tornou cada vez mais caracterizada como uma doença de escravos negros (KANANOJA, 2018, p. 3, grifo no original).

A assertiva da autora no que se refere à situação semântica do vocábulo presentemente discutido convida-nos ao desenvolvimento de duas discussões necessárias para o que nos propomos neste trabalho: a) a aproximação do conceito de banzo com a noção de escrevivência; e b) a submissão de ambos os conceitos a um estado de ampliação. Em respeito à ordem enumerada — muito embora a troca de posições dos elementos de nada desqualificaria o que estamos a cunhar —, iniciaremos pelo elemento *a*. Para tal, retomemos ao que Kananoja (2018) assevera sobre o estado atual da expressão: “os dicionários modernos de português dão seu significado como ‘nostalgia ou melancolia’, fazendo a conexão com o tráfico de escravos”. Essa especial observância, do mesmo modo que os dicionários contemporâneos conectaram o conceito de banzo ao tráfico negreiro, estabelece significativas conexões da noção de escrevivência ao conceito banzo, uma vez sabido que as duas se constituem, sobretudo e não somente, de um retorno ao passado escravocrata ornado pelo desejo ao apagamento de papéis sociais atribuídos exclusivamente a pessoas pretas, difundidos posteriormente ao tráfico de escravos e concomitante ao período escravagista.

⁴⁶ Durante o processo de desenvolvimento do conceito de banzo, em especial nos estudos de natureza portuguesa, houve tentativas [e em alguns casos a efetivação] de associação desse conceito com o de melancolia e nostalgia, no entanto, cremos que tal discussão não cabe ser empreendida neste trabalho.

Nesse caminho, vê-se ainda que ambos os conceitos foram submersos em uma atividade extensora de seus respectivos sentidos e/ou significados, ampliando-os para diferentes áreas e discussões, vejamos: o conceito de banzo surge no final do século XVII na Angola e, posteriormente, se populariza em Brasil e Portugal. A princípio, o banzo era compreendido como uma enfermidade mental com potencial de acometimento a todas as pessoas, sem critérios de gênero ou raça. No entanto, a partir da segunda metade do século XVIII, em especial nos escritos medicinais do português Francisco Damiano Cosme (1967), o banzo passa a ser notado como uma doença originada na África Central e, portanto, *exclusiva a sujeitos negros* (KANANOJA, 2018, grifo nosso). Por isso, assumiu outras significações análogas à depressão, estado de melancolia, designação de fenótipo humano, mecanismo de resistência à escravidão, dentre outras.

Não diferente, a noção de escrevivência — aqui referimo-nos à sua mais popular e arcaica conceitualização — nasce rente e contrária à história de sujeição dos povos pretos ao regime escravagista, como vê-se com maior extensão na segunda seção do primeiro capítulo deste trabalho [*Origem e maturidade da expressão escrevivência — uma análise cronológica*]. Conforme Conceição Evaristo (2017), essa expressão foi genuinamente utilizada como um título dado a um espaço que convida mulheres pretas e afrodescendentes a usufruírem de seus devidos direitos de fala negados durante a escravidão no Brasil; direito o qual é passivo de uma relevância incontestável para a comunidade de origem africana, já que para Hampaté Bâ (1981) “a fala é tão forte que, sem ela, não haveria nenhuma transmissão de conhecimento transferidos pelos ancestrais”. No entanto, na mesma intensidade e/ou velocidade que a expressão se popularizava em seu país de origem e quiçá fora dele, ilustrava também novos sentidos e direcionamentos, como constatado na seção *Escrevivência — um conceito em expansão*, e, portanto, utilizado em diferentes áreas do conhecimento e em diversas linguagens da arte, tornando-o plural e/ou polissêmico.

Com tudo isso, torna-se inegável que o diálogo estabelecido entre as noções de banzo e de escrevivência, o qual tentamos delinear e/ou aguçar com este trabalho, se dá, impreterivelmente, pelos ecos da ancestralidade existentes no cerne de cada uma dessas expressões. Como uma que resiste [e existe] em nome da outra, a escrevivência e o banzo nascem, numa igual maneira, a partir dos feitos desumanos financiados pela escravidão em todo o mundo. A primeira, conforme Nunes (2020, p. 38),

[...] em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o

corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças.

Assim também, o banzo: “a própria escravidão e os horrores experimentados pelos africanos emergiram como a causa final da melancolia [banzo] escrava” (KANANOJA, 2018, p. 19, grifo nosso). Diante disso, vê-se que tanto o banzo, quanto a escrevivência, cada um de seu modo, são conceitos — arriscamos dizer atividade — marcados fortemente pelas forças e violências coloniais, mas, acima de tudo, pelo desejo de resistência.

Para além disso, em seu artigo intitulado *Memórias da escravidão e ancestralidade em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo*, Baldo (2017) sentencia que o “profundo lastro que a escravidão deixou na história da humanidade permanece vivo até hoje, por isso a publicação e a divulgação de escritores afro-brasileiros⁴⁷ são tão importantes como forma de combater nosso inconsciente racista que ainda perdura” (BALDO, 2017, p. 90). Nessa afirmativa, ainda que a autora não objetivasse interlaçar os conceitos de escrevivência e banzo, como aqui concentramos nossas pretensões, se apresenta um elemento de voluptuoso valor para tal. Vejamos: enquanto o banzo se vale de uma memória insistente em relação ao caos provindo do tráfico negreiro e das situações igualmente caóticas as quais esses sujeitos foram colocados e que, conseqüentemente, ainda causam profundas reflexões, a escrevivência dá-se por via de uma escrita que nasce da vida e, portanto, pode ser considerada uma escrita de nós [afrodescendentes], tal qual pode-se perceber nos trechos a serem apresentados: “de muitas histórias já sei, pois vieram das entranhas do meu povo. [...] Escrevo o que a vida me fala, o que capto de muitas vivências. *Escrevivência*” (EVARISTO, 2016, p. 16, grifo nosso). Ambos, em uma atividade coletiva, podem ser [e são] utilizados como registro de uma memória — uma imagética e outra textual — que tem alto potencial de provocar um incômodo-moralizador, uma vez que em nenhum deles se há o desejo de entretenimento, mas, sim, de incomodar os senhores da casa-grande, na mesma medida em que subsidiam um espaço onde “os oprimidos podem saber e falar por [e sobre] si mesmos” (SPIVAK, 2010, p. 56, grifo nosso). Assim afirma Conceição Evaristo sobre a noção de escrevivência, mas que pode ser lido de igual maneira a partir da noção de banzo: “a nossa escrevivência [e o nosso banzo] não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa-grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2005, grifo nosso).

⁴⁷ Referimo-nos aqui também à escrevivência [no sentido do texto escrito que tem por mote a vida e as experiências ancestrais], no entanto, entendemos que não necessariamente exija um agenciamento do mercado editorial e, portanto, da veiculação destes textos.

Ao propormos aqui uma aproximação entre as noções de banzo e escrevivência, uma condição fez-se incômoda. Mesmo depois de termos definido com a devida responsabilidade teórica o conceito de banzo ao qual nos filiamos para o desenvolvimento crítico deste texto, queremos dizer que a possível interpretação dessa leitura de banzo é a de que não há absolutamente nada que possa ser considerado bom em se tratando desse estado de espírito ou sentimento. Sobretudo considerando as acepções medicinais que o primeiro recebeu durante seu processo de ampliação de sentidos/significados, em autores como Brásio (1973), Clóvis Moura (2004), Bologna (1931) e outros discutidos acima; como pôde-se perceber, a noção de banzo é defendida como uma doença psicológica provocada pelos maus tratamentos aos cativos antes, durante e depois do tráfico negreiro e que, por decorrência dela, muitas pessoas escravizadas ceifaram suas próprias vidas, permitindo-nos a percepção de que o banzo é uma construção baseada, de alguma forma, em uma estrutura totalmente maléfica.

Diante disso, salientamos que esta é uma interpretação perigosa quando se pretende estabelecer uma interface de banzo com a noção de escrevivência de Conceição Evaristo, já que, embora esta última também rememore tais acontecimentos, nela [e na conceitualização de banzo aqui defendida], o “*recordar* [...] é também [...] sinônimo de resistir, de não esquecer as raízes africanas e nem o que a escravidão causou aos negros trazidos à força ao Brasil (BALDO, 2017, p. 84, grifo no original).

De outro modo, sabido que no regime escravocrata eram negadas condições mínimas de sociabilidade aos sujeitos forçadamente submetidos a tal martírio — respondendo negativamente ao questionamento levantado por Spivak em sua obra *Pode o subalterno falar?* (2010) —, intui-se que, dentre as outras tantas motivações que poderiam serem citadas, o acometimento ao banzo se dava potencialmente pela negação do poder e espaço de fala/reivindicações a estes indivíduos, já que, para Vansina (2010, p. 139), poder falar para as comunidades africanas significa não somente uma forma de comunicação cotidiana, mas também um meio de preservação da sabedoria ancestral.

Desse modo, a escrevivência serve ao banzo como uma política descolonial em que dá voz e permite a escuta aos sujeitos marginalizados, nesse caso, especificamente, às negras escravizadas e aos negros escravizados e seus descendentes, que ainda ouvem em alto e bom som os ecos da escravidão. Adiante, o banzo enquanto memória não-palpável marcada pelas cicatrizes deixadas pelos chicotes dos senhores da casa-grande, pode-se valer da escrevivência enquanto receptáculo de uma memória eternizada pela escrita, para que, juntas, fomentem um registro memorial-reflexivo em relação às situações vividas por estes sujeitos, angariando impedir a (re)acontecência desse ato pela construção de uma consciência racial. Além disso,

por estarem profundamente imbricadas na história da formação dos povos pretos no Brasil e na África e por nascerem da experiência empírica da escravidão e do impacto desta nas comunidades negras em ambos os países, o banzo e a escrevivência, munidos das condições acima apresentadas, podem-se articular para formulação de uma exigência de reescritura de uma nova história que se apresenta como oficial — que, por ser assim, defende, incansavelmente, os interesses coloniais e a escreve a partir de uma percepção demasiada eurocêntrica.

Isto posto, após o conhecimento do projeto de intercomunicação entre a noção de banzo e escrevivência o qual tentamos construir acima, poder-se-á avançar para a leitura da próxima unidade, intitulada *Literatura&História: a afro-brasilidade em Becos da Memória (2017)*, em que será apresentada uma discussão — apoiando-se nas íntimas interações entre literatura e história — com holofotes nas escrevivências de Conceição Evaristo e na literatura afro-brasileira, em que as questões levantadas urgem do romance o qual se versa neste trabalho.

4.2 Literatura&História: a afro-brasilidade em *Becos da Memória (2017)*

Como apontado acima, entendemos como principal objetivo dessa seção o empreendimento de discussões teóricas que partam de uma compreensão da expansão do conhecimento histórico-literário — que, por sua vez, é financiado, obviamente, pela atuação da história na literatura e/ou inversamente. Para tanto, nossos olhares estarão direcionados aos entrelaços da história como instituição de registros “oficiais” e a literatura como fonte de construções [e reajustes] históricas, sobretudo no âmbito dos textos de natureza literária afro-brasileiros. Portanto, utilizaremos os preceitos teóricos-metodológicos da literatura afro-brasileira como alicerce de análise ao *corpus* o qual nos debruçamos neste trabalho, uma vez que as questões postas em pauta nessa unidade são exploradas, impreterivelmente, a partir das constantes discursivas que a autora apresenta no referido romance.

No capítulo *Becos da Memória (2017): abrigo das escrevivências subalternas*, como pôde-se perceber, as discussões desenvolvidas a partir dessa obra reverberaram nas categorias a seguir: a “linguagem utilizada para aproximar vida real a ficção; as estratégias narrativas utilizadas pela narradora-autora; o espaço em que o romance é ambientado e a importância dele para compreensão identitária das personagens; o enredo; [...]”⁴⁸, entre outras. Nessa seção, embora as tenhamos comedidoamente revisitadas, no sentido de servir-nos das referências

⁴⁸ Cf. Oliveira (2021), capítulo II — *Becos da Memória (2017): abrigo das escrevivências subalternas*.

analítico-discursivas subsidiadas pelas análises efetivadas no capítulo referido, o romance evaristiano é problematizado de modo a suscitar novas perspectivas de análise. O tomamos como instrumento para ilustrarmos o referencial em torno da literatura, da afrobrasilidade e dos ecos de história que daí entoam, convencidos de que “*Becos da Memória*, de Conceição Evaristo, ostenta, com a maestria de seu discurso literário, possibilidades de leitura do passado e de recomposição de ruínas históricas dispersadas pela História e pela Literatura dominante” (ROSITO, 2008, p. 5, grifo no original).

Por ser assim, incluem-se nestas discussões: a categorização da escrevivência e as manifestações do banzo no romance em estudo como produção genuinamente afro-brasileira; a construção de temas socialmente complexos e as estratégias narrativas utilizadas pela autora-narradora como um mecanismo de subversão e recriação histórica; as retomadas de ruínas por vias literárias esquecidas pela história deste país, bem como as provocações tencionadas pela autora e direcionadas aos documentos históricos (não)oficiais e abertamente coloniais — quer seja com o enredo, personagens, descolamentos e criações de conceitos.

Ainda que seja inegável a relação coexistente entre a história e a literatura, em se tratando da literatura afro-brasileira — que, pela nomeação recebida, pode-se perceber com clareza que esta usufrui de ambas as fontes — ainda se constitui como um espaço não-concluso e, portanto, na atual conjuntura dos estudos teóricos-literários, em estado de construção, especialmente no que tange à sua conceitualização. Desse modo, vê-se que estudiosos dessa categoria literária reivindicam um conceito onde caiba ou represente bem suas pretensões, considerações éticas, militâncias, entre outros; busca esta que é evidenciada no título dado ao ensaio de Eduardo de Assis Duarte — um dos mais representativos pesquisadores desse campo de conhecimento — *Por um conceito de literatura afro-brasileira* (2011).

Em *Literatura Negro-Brasileira*, Cuti (2010) defende a utilização da nomenclatura “literatura negra-brasileira”, por acreditar que a expressão negra é mais combativa aos interesses imperiais que, utilizando das palavras de Conceição Evaristo, “combinaram de nos matar” (EVARISTO, 2017, p. 32). Em sua defesa, o autor pontua que em “afro-brasileira” não há a especificidade necessária, já que nem todas as literaturas africanas são combativas ao racismo, e que associar esta literatura ao prefixo afro é negligenciar a diversidade do continente. Portanto, para Cuti (2010, p. 44), esta é “[a literatura feita] na e da população negra que se forma fora da África, de suas experiências no Brasil” (CUTI, 2010, p. 44, grifo no original). Na contramão desse discurso, outros teóricos apresentarão o conceito literatura afro-brasileira, colocando-o como um espaço em que as autoras e/ou os autores “preocupam-se em escrever

sobre a experiência desse entre-lugar em que os sujeitos se encontram, de diáspora forçada, resgatando a simbologia e uma linguagem ligadas ao passado: o continente africano”.

Na ótica de Assis Duarte (2011), esse é um conceito em constante processo de construção, mas que, efetivamente, fora consolidado ainda no século XIX, por intermédio de manifestações como a de Domingos Caldas Barbosa⁴⁹ e influências de produções regionalistas, tendo como situação mais representativa a publicação do romance abolicionista *Úrsula* (1985), de Maria Firmina dos Reis. Além disso, como rastros substanciais de sua consolidação na ambiência contemporânea, os críticos literários consideram ainda o romance *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves (2006) e a coletânea *Cadernos Negros*, iniciativa do Quilombhoje principiada em 1978.

Para Iann (1988), em seu ensaio publicado sob o título de *Literatura e Consciência*, uma obra literária só pode ser considerada afro-brasileira, com base em sua compreensão sobre tal, se houver uma abordagem na qual o sujeito afrodescendente é compreendido como um universo humano em todas suas extensões — social, cultural e política. Diante da colocação do autor, pode-se pensar *Becos da Memória* (2017) como uma narrativa grosseiramente afro-brasileira, já que, como diz Assis Duarte (2017) no prefácio do romance aqui analisado, esta é uma narrativa em que Conceição Evaristo “traduz, a partir de seus muitos personagens, a complexidade humana e os sentimentos profundos dos que enfrentam cotidianamente o desamparo, o preconceito, a fome e a miséria; dos que a cada dia tem a vida por um fio” (DUARTE, 2017, s/d)⁵⁰, atribuindo-lhes os devidos valores apontados por Iann (1988) acima descritos.

Ao estudar a literatura afro-brasileira, Duarte (2011) aponta elementos imprescindíveis para compreensão de obras de iguais naturezas, são estes: o tema, a autoria, o ponto de vista, a linguagem e o público — elementos pelos quais analisaremos o romance evaristiano. Não diferente de Iann (2011), para este autor, uma obra afro-brasileira para ser compreendida como tal, deverá, impreterivelmente, apresentar um memorial histórico afro-brasileiro, enfocando, especificamente, os embates e as dificuldades encontradas por estes povos no passado e, ainda, na contemporaneidade. Em *Becos da Memória* (2017), narrativa a qual se passa em uma periferia às vésperas de um processo de demolição, o elemento apontado acima pelo autor é facilmente identificável, já que, ao fazê-lo, Conceição Evaristo “dialoga com o testemunho e a

⁴⁹ Sacerdote, poeta e músico brasileiro que principiou discussões em relação à afro-brasilidade na ambiência acadêmica no século XVIII por meio de suas sátiras e críticas à corte portuguesa, tanto pelo seu conteúdo, quanto pela sua forma.

⁵⁰ Trecho extraído da capa da obra *Becos da Memória* (2017), 3ª edição.

crônica de apatização social” (DUARTE, 2017) ao retratar a vida de sujeitos vivendo à margem da sociedade e empreendendo lutas sociais severas contra um movimento insistente provindo da elite — que intenciona torná-los cada vez mais marginais; pela descontinuidade da escravidão e pela subalternidade de raça, classe e gênero.

Desse modo, no que se refere ao tema, tendo como base os apontamentos teóricos de Duarte (2011, p. 35), vê-se que Conceição Evaristo, estritamente em *Becos da Memória* (2017), labora a partir de dois emblemas sociais — que arriscamos dizer, são exatamente estes que embelezam a obra e a tornam uma leitura urgente para compreensão das sociedades negras na atual conjuntura da sociedade: a revisitação histórica e os dramas da contemporaneidade vivenciados pelas comunidades negras no Brasil⁵¹.

No que tange aos estudos de obras pertencentes ao movimento afro-brasileiro, em especial ao tema ou temática abraçada pela narrativa, Duarte (2011, p. 387) assevera ainda que “a adequação de uma temática afro não deve ser considerada isoladamente e, sim, em uma interação com os demais fatores”. Isto é, para se analisar as vertentes discursivas que constituem a temática da obra de C.E, faz-se necessário pôr em discussão questões tais quais: ponto de vista, voz autoral, linguagens e outros.

No âmbito da voz autoral, Duarte (2011, p. 389) assinala que “a instância da autora como fundamento para existência da literatura afro-brasileira decorre da relevância dada à interação a escrita e a experiência” (p. 389). O conceito de escrevivência, passivo das mais variadas significações, no entanto, mais bem definido como “a escrita de um corpo, de uma condição e de uma experiência negra no Brasil” (EVARISTO, 2007, p. 20), desvela as tensões da escrita de Conceição Evaristo para com as relações afrodescendentes, não somente na obra presentemente discutida, mas como em toda sua produção literária.

As experiências das comunidades afroraisleiras que nos são apresentadas na medida em que Maria-Nova, narradora-personagem e protagonista de *Becos da Memória* (2017), coleciona pelos becos da periferia utilizada como plano de fundo da narrativa, colocam em evidência as mais gritantes experimentações de corpo e consciência negra com a escravidão e os resquícios dessa na contemporaneidade. É o caso da personagem Tio Totó, que, pelo cansaço advindo das intensas peregrinações motivadas pela má abolição, mostra-se inapto à retirada da favela diante da notícia de desfavelamento, como vê-se na observância da narradora em relação a este personagem: “Tio Totó andava inconsolável, já velho, mudar de novo, num momento em que

⁵¹ As análises destes elementos serão mais bem exploradas na seção *Rastros históricos na escrevivência de Conceição Evaristo*, a ser apresentada a seguir.

seu corpo pedia terra. Ele não sairia da favela. Ali seria sua última morada. Ele olhava o mundo com o olhar de despedida” (EVARISTO, 2017, p. 18, grifo nosso).

A performance da narradora-personagem apresentada em *Becos da Memória* (2017), assim como seu ofício narrativo, pode ser igualmente utilizada para se pensar na voz autoral de uma obra na literatura afro-brasileira. Ao transitar incansavelmente pelo passado e presente, por via do que materializa o romance de C.E. — memórias suas e de seus ancestrais —, a personagem problematiza, com base no tencionamento entre a experiência e a escrita, o espaço e a representação do negro na sociedade e na literatura. Conseqüentemente, questiona os modelos imutáveis e fixos de suas falsas identidades construídas e engessadas pela tradição dominante e, portanto, cumprindo o que protocolam autores como Duarte (2011-2020) e Cuti (2010) sobre a literatura afro-brasileira — a reconstrução de experiências individuais e coletivas de comunidades negras com intuito combativo da segregação e injúria racial sustentada pelo discurso hegemônico da elite branca.

O ponto de vista da emissora e/ou do emissor na obra literária se constitui como um elemento de grande relevância nos estudos de Duarte (2010, p. 391), considerado, inclusive, o denominador, pois, “o ponto de vista indica a visão de mundo autoral e o universo axiológico vigente no texto, ou seja, o conjunto de valores que fundamentam as opções até mesmo vocabulares presentes na representação” (DUARTE, 2010, p. 391). Entende-se, portanto, que diz respeito ao modo como a autora e/ou autor posicionam-se durante a tessitura de suas narrativas, abstendo-se de soluções fáceis e de estereótipos que tendem a colocar tais personagens cada vez mais à margem da sociedade.

Em *Becos da Memória* (2017), por exemplo, apresenta-se uma narradora onipresente e consciente de si e dos outros — bem como das situações que as fizeram estar onde se encontram —, uma compreensão coletiva que aumenta a cada novo barraco em que Maria-Nova se permite conhecer, a cada nova história em que esta personagem se deleita, permitindo-as amontoarem em si mesma, como nota-se em: “homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram a barracos de minha favela” (EVARISTO, 2017, p. 17). De igual modo, uma autora que, em seu labor literário, demonstra ter predileção por “falar dos marginalizados, transformando-os em personagens (e até em narradores)” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 21, grifo no original); e, ainda, por focar personagens que comumente seriam [e são] excluídos da representação literária nas manifestações canônicas, tal qual é mostrado em *Um*

mapa de ausência (2012)⁵², pesquisa de Regina Dalcastagnè, que demonstra dados discrepantes em se tratando de personagens pretas e afins.

No romance, ainda que o discurso esteja intimamente associado aos meios de representação da mulher preta — coadunando com a premissa que origina a expressão escrevivência —, Conceição Evaristo vai muito além disso no que se refere à proposição de temas socialmente complexos e da representação de personagens, retratando, de igual maneira: pobres, bêbados, ladrões, favelados, prostitutas, dentre outros, e o faz com maestria e democraticamente, intentando fazê-los romper com o estado catastrófico da elite literária que se move, estrategicamente, para anulá-los. Sobre isso, Rosito (2008, p. 220) pontua que, no romance evaristiano

[...] o esmero emprestado às feições dos menores personagens — aqueles que são observados de relance, como Cida-Cidoca, a prostituta do “rabo-de-ouro”, Dora, Filó Gazogênia, entre muitos outros —, não se faz menor do que o cuidado com traços daqueles que impulsionam a narrativa, como Tio Totó, Maria-Velha, Joana, Maria-Nova, todos integrantes de uma mesma família (ROSITO, 2008, p. 220, grifos no original).

Desse modo, compreende-se que C.E. articula — quer seja por uma consciência própria ou não — a voz autoral, o tema e o ponto de vista ao segmentar suas narrativas, especificamente ao escolher a periferia como plano de fundo de sua escrita e as discussões que emanam de suas personagens, o que torna inegável a intensa aproximação de suas narrativas com a história do país.

A produção literária de Conceição Evaristo, sem prejuízo algum ao lirismo e/ou na tensão poética, se imbrica fortemente na história, questionando de modo feroz a formação dos povos negros no Brasil e os documentos históricos que erroneamente são considerados oficiais na contemporaneidade. No romance aqui problematizado, de modo específico, há uma narradora que escreve como uma promessa a si mesma e como a realização de um desejo de seus ancestrais, como uma escrita com potencial de mudar os rumos da história. Ainda que a publicação de *Becos da Memória* (2017) tenha acontecido anteriormente ao romance de Ponciá Vicêncio (2003) e que não tenha uma continuidade comprovada em ambas as narrativas, em se tratando do enredo proposto, pode-se pensar o primeiro como uma continuidade do último. Em Ponciá, por via da trajetória da personagem homônima, é iniciado um percurso similar aos

⁵² Nessa pesquisa, Dalcastagnè (2012) aponta que de 225 romances analisados, apenas um deles apresenta uma narradora mulher e negra; ou que que 25,1% das personagens nessas obras tem por ocupação o trabalho de casa e, mais grosseiro ainda, somente 5,8% das personagens negras assumem a posição de protagonistas e 61,1% dessas mesmas personagens são mortas por assassinato. Cf. *Literatura brasileira contemporânea — um território contestado* (2012).

tomados pelos negros africanos pós “abolição” — saída das fazendas dos senhores dos engenhos destino à cidade grande —, enquanto em *Becos da Memória* (2017), as personagens mostram as condições afrodiaspóricas. Desvela, portanto, as consequências de uma abolição sem qualquer apoio social e político que, na impossibilidade e inoperância de se juntarem aos que residiam no centro das cidades, foram sujeitados a se refugiarem nas margens, subsidiando as periferias, como ver-se-á na próxima seção.

Nesse sentido, outro elemento de notória significância para análise do ponto de vista autoral na obra de Conceição Evaristo diz respeito ao lugar de onde se narra, ou ainda, à narração/descrição do local em que se passa a narrativa, uma vez que, para Sousa & Porto (2016), o processo de descrição dos lugares na literatura é operacionalizado tendo como base as “experiências e vivências e significados subjetivos inter cruzados ao ambiente que estão localizados” (SOUZA & PORTO, 2016). Nas primeiras páginas do romance *Becos da Memória* (2017), a autora-narradora transparece ao público leitor seu sentimento, hoje, em relação ao espaço em que se passou a narrativa, pontuando que: “hoje, a recordação daquele mundo [a periferia] me traz lágrimas aos olhos. Como éramos pobres! [...] Como a vida acontecia simples e como tudo era e é complicado! [...] *havia as doces figuras tenebrosas. E havia o doce amor de Vó Rita*” (EVARISTO, 2017, p. 17, grifo nosso). Nesse e noutros trechos do romance é possível perceber que, durante o tratamento do espaço-lugar, a narradora não o faz apoiando-se tão somente nas ruínas provindas dele e, portanto, rasgando a narrativa única criada para as periferias como aquelas que comportam todo o mal social de uma comunidade, já que existe o bem e o mal — mesmo que não na mesma medida.

Na literatura brasileira, especificamente nas obras e nos autores que constituem o cânone — por motivos já conhecidos —, as favelas são representadas a partir de um discurso homogêneo e estereotipado, alimentado pelas narrativas engessadas em si mesmas e subsidiadas por uma elite cujos ideais são, de alguma forma, estritamente imperialistas. A estratégia narrativa utilizada em *Becos da Memória* (2017), que diante das questões até agora levantadas apresenta-se como genuinamente afrocentrada, coloca o discurso da narradora na contramão daquele que discutimos anteriormente, pois a periferia não é descrita sob um olhar romantizado. A existência de personagens como Fuínha — que violenta de diferentes maneiras sua cônjuge e filha ainda na barriga — em contraste com Bondade e Vó Rita, que são tidos como representações de paz coletiva pelos demais moradores da favela, ilustra nossa afirmativa anterior. Diante disso, observa-se que o lugar de onde a narradora anuncia é de dentro da favela e, portanto, consciente das mazelas sociais e das benfeitorias que o espaço proporciona, como vê-se a partir das dicotomias apresentadas na fala da narradora no trecho a seguir:

[...] havia as misérias e as grandezas. Havia o amigo e o inimigo, o leal e o traiçoeiro. Havia muito de amor e de ódio. Havia muito de riqueza na miséria que transcende a própria miséria, a miséria do egoísmo, da inveja, do ódio, do desejo assassino de liquidar, de acabar com o irmão (EVARISTO, 2017, p. 77).

Sobre isso, em *Identidade e Afro-brasilidade em Becos da Memória, de Conceição Evaristo*, Ponce & Godoy (2016) assinalam que:

Ao propor um olhar da favela que parta de dentro, e não de fora, a autora apresenta personagens complexas que não são vistas e descritas pelas nuances de deslumbramento ou terror advindos do exotismo, mas que se individualizam pelos seus conflitos, pela problematização do espaço em que vivem e pelas memórias que trazem consigo (PONCE & GODOY, 2016, p. 22).

É pertinente ressaltar que a primeira versão desse romance é escrita ainda entre 1987 e 1988, quando as favelas produziam outras narrativas que não as que conhecemos na contemporaneidade, como bem pontua a escritora no término na seção *Da construção de becos*, apresentada na terceira edição da obra: “continuo afirmando que a favela descrita em *Becos da memória acabou e acabou*. Hoje as favelas produzem outras narrativas, provocam outros testemunhos e inspiram outras ficções” (EVARISTO, 2017b, p. 12, grifo no original). A posição da autora no trecho trazido acima impulsiona diversas discussões no que se refere à literatura e à sociologia. No entanto, para continuarmos no âmbito da representação de espaços e personagens, vê-se que, nesse ofício narrativo, a autora se desvincula daquela construída em teor monocromático, que insistem em apresentar as personagens enfocadas por Conceição Evaristo nesta obra como tão somente “vítimas do sistema ou como aberrações violentas” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 49). O olhar enunciador de dentro da favela permite à narradora compreender com a subjetividade necessária a pluralidade das identidades das personagens, fugindo do exotismo das más representações acrílicas que, consoante à Dalcastagnè (2012, p. 49), demarcam: “pobres e negros nas favelas e nos presídios, homens brancos de classe média e intelectuais nos espaços públicos, mulheres dentro de casa, negras na cozinha”.

Esse elemento reluz a outro fator significativo para o entendimento das esferas literárias afrobrasileiras, sobretudo considerando que nenhum símbolo é inocente ou não ideológico: a linguagem. Para Duarte (2010) a literatura, em sua mais ampla significação, é definida, acima de tudo, como uma construção discursiva marcada por funções estéticas, mas que não se encerra nela mesma. Isto é, para além da estética da linguagem, outras funções são igualmente relevantes, pois, através delas, são expressados os valores éticos, culturais, políticos e ideológicos.

Desse modo, para este autor, é por meio da linguagem utilizada no texto literário que, intencionalmente ou não, as autoras e/ou os autores manifestam suas tendências culturais. A poeta Conceição Evaristo, como visto no primeiro capítulo deste trabalho, utiliza de uma linguagem escrita que se aproxima o máximo possível da linguagem oral, tal qual a autora afirma em um debate de escritoras negras: “eu busco sempre me aproximar nos meus textos da linguagem oral”⁵³. Essa proximidade com a cultura oral buscada por Conceição Evaristo, especialmente em *Becos da Memória* (2017), é também um interesse da autora em fazer com que permaneçam vivas suas tradições ancestrais, uma vez que, consoante à Hampaté Bâ (2010, p. 167):

[...] quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 167).

Em *Becos da Memória* (2017), percebe-se a busca intensiva de aproximação do texto escrito em relação à oralidade e, mais que isso, a importância desta última para narrativa e suas respectivas personagens evaristianas, sobretudo pela relação de Maria-Nova com as histórias que eram perpassadas via oralidade beco a beco, barraco a barraco, Maria-Nova a demais moradores. Desde a infância, esta personagem que muito se assemelha a Conceição Evaristo, “mulher-negra-escritora” (OLIVEIRA & DIAS, 2020, p. 121), tem como um dos maiores prazeres da vida a revisitação ao passado, seu e de seus conterrâneos, por instrumento das histórias que eram contadas; histórias essas que a faziam compreender, desde muito cedo, porque “[...] a vida acontecia simples e como tudo era e é complicado” (EVARISTO, 2017, p. 17).

É também por meio dessa linguagem, como aponta Oliveira & Dias (2020), que a narradora segue construindo, gradativamente, sua identidade enquanto escritora, já que “a menina, apesar da dor, pedia mais e mais aquela[s] história[s]” (EVARISTO, 2017, p. 63, grifo nosso). Ela percebia que tais narrações impulsionavam seu desejo em tornar-se uma escritora, como vê-se em: “a contação de histórias realizada pelos mais velhos era um dos motivos que fomentava na narradora a necessidade e o desejo de um dia tornar-se escritora, contar para o mundo tudo o que ouvia, via, vivia e que ficou guardado na memória dela” (OLIVEIRA & DIAS, 2020, p. 122).

⁵³ Disponível em: <https://revistaforum.com.br/mulher/conceicao-evaristo-e-monica-francisco-falam-sobre-oralidade-negra/>.

Contudo, compreende-se que a escrevivência de Conceição Evaristo é, antes de tudo, um espaço no qual são conservados os costumes e as tradições ancestrais de seus povos e, por isso, inegavelmente, se construiu como produção de natureza afro. O romance *Becos da Memória* (2017), bem como outros escritos da autora, de todos os modos possíveis, da escolha temática à linguagem utilizada para realizar a narração, se inclui no cerne do que a crítica compreende como uma literatura afro-brasileira: aquela que nos convida a rediscutir os caminhos da história e compreendê-la através das experiências de pessoas negras; que as apresentam não como uma forma de testemunho — pois relegá-la a isto é rejeitá-las junto das grandes literaturas — mas, sim, como uma forma de reconstrução de experiências e de identidades esfacelada pelas atividades coloniais no Brasil e África, como ver-se-á nas análises a serem apresentadas nos textos a seguir.

Nesta seção, por meio de uma discussão situada no entre-lugar da literatura e da história, viu-se, com base nos preceitos da literatura afro-brasileira [temática, ponto de vista, linguagem, voz autoral], como a construção da escrevivência de Conceição Evaristo se constitui como um espaço de afrobrasilidades, desvelando, com isso, a relação fortemente existente entre a escrevivência e a ancestralidade negra. Na próxima, a qual nomeamos por *Rastros históricos na escrevivência de Conceição Evaristo*, discutir-se-á as acontecimentos históricos ante e pós escravatura apresentadas nas escrevivências da autora, especialmente em *Becos da Memória* (2017), a fim de alinharmos a ancestralidade e o banzo como combustão da escrevivência evaristianiana.

4.3 Rastros históricos na escrevivência de Conceição Evaristo

Nas escrevivências de Conceição Evaristo é perceptível um esforço visceral no que concerne expressar, por via da arte, as heranças de suas ancestralidades e os impactos causados pelas atividades coloniais aos povos pretos do país. Nesse sentido, a autora apropria-se da poesia e de uma escrita simbólica para contestar a história dita oficial e, conseqüentemente, “nos contar um pouco de si, de sua vivência, de suas lembranças, nos fala de suas estratégias de resistência diante de uma sociedade, que ainda valoriza o que é produzido pelo homem branco” (NASCIMENTO, 2018, p. 128).

O romance seletivo para ilustrar as considerações referentes à noção de escrevivência — *Becos da Memória* (2017) —, como visto no capítulo anterior, descobre muitas das inúmeras acontecimentos experimentadas pela comunidade negra durante e posterior ao regime escravocrata e que ainda são pouco e timidamente discutidas pela sociedade, mas que ainda

permanece, grosso modo, alimentando o banzo de quem as vivenciou. Para assim fazê-lo, conforme Schmidt (2017, p. 187), “a autora tomara (sic) como mote a estrutura sinuosa e múltipla dos becos da favela, que, percorridos pela narradora, mostram-se, a um só tempo, iguais e diversos, múltiplos, tortuosos, promissores, cheios de história”.

É no cerne das histórias contadas em *Becos da Memória* (2017), bem como das ocorrências experimentadas pelas personagens dessa narrativa, que uma semelhança entre senzala e favela é insinuada pela autora, percebida, de certo modo, pela fome e pela miséria em que vivem aqueles que ocuparam a favela utilizada como plano de fundo para o desenvolvimento do romance; pelas memórias da escravidão rememoradas pelos mais velhos à narradora e pela localidade geográfica e simbólica da favela. Com base nisso, apresenta-se esta seção, que intenciona discutir as acontecimentos que alimentam o banzo das personagens evaristianas — e de toda negra e/ou negro que reside nesse país, ainda severamente regido por comportamentos e ordens coloniais —, com objetivo de realizar uma incursão histórica dos povos afrodescendentes por meio de uma análise cruzada entre o passado colonial e as desigualdades sociais resultantes de anos de escravidão.

4.3.3 A construção simbólica do lugar — reconfigurações da periferia

O abolicionismo da escravidão no Brasil ainda é considerado polêmico por diversos motivos: a começar pela romantização da liberdade dos cativos condicionada à assinatura da Lei Áurea, efetivada pela Princesa Isabel, até o descaso e a falta de planejamento político e social com o qual as pessoas sujeitadas à condição de escravização foram “libertas”, reservando-as o limbo da desigualdade social e racial. Em sequência, posteriormente à libertação dos escravos no Brasil, conforme visto na primeira seção do primeiro capítulo deste trabalho, os negros africanos, agora “libertos” das fazendas onde eram mantidos e tinham seus corpos explorados, iniciaram um processo de adequação à cidade grande, onde não foram recebidos como deveriam e, portanto, sujeitados às margens da sociedade, de onde surge o que hoje é popularmente conhecido como periferia.

O romance *Becos da Memória* (2017) traz como plano de fundo uma periferia às vésperas de uma demolição, uma vez que o espaço em que fora construído era privado e, agora, o pretense dono havia de reivindicar sua propriedade. Diante disso, considerados os contornos históricos aos quais as periferias no Brasil são passíveis, a narrativa tida como *corpus* textual deste trabalho tenciona discussões afins da significação das favelas para os povos pretos, apresentando-a, sobretudo, como um espaço que existe por e ainda se mantém pelas mazelas

herdadas pela escravidão. No entanto, ainda que assim seja, favela é percebida de diferentes maneiras pelas personagens do romance, em que algumas a percebem com tons negativos e, outras, inversamente, como ver-se-á nas análises a seguir.

Como pontuado acima, o espaço seletivo como ambientação da narrativa posta em análise é pertinente aos objetivos traçados neste trabalho e nos convida a aprofundarmos tais discussões, uma vez que em decorrência do que representou e continua representando na atual conjuntura da sociedade brasileira, invoca constantemente questões referentes à subordinação histórica dos povos negros no Brasil, bem como o abandono, esquecimento político e social, a fome e a miséria, entre outros. O título pelo qual o romance é nomeado faz claras referências aos bicos da periferia em que vivem/ram as personagens e que, paradoxalmente, é situada ao lado de um bairro nobre, ambos apresentados sem nomeação. Essa proximidade geográfica pode ser facilmente compreendida, portanto, como uma alusão à senzala e casa-grande (OLIVEIRA *et al.*, 2020), sobretudo se considerarmos as reflexões da personagem Maria-Nova sobre esse e outros ocorridos que trazem à tona a relação.

Nesse sentido, observa-se que ainda que todas as personagens de *Becos da Memória* (2017) comunguem de sentimentos comuns para com a favela; por meio da construção ficcional de Maria-Nova e Tio Totó, pode-se observar a tomada da periferia como um espaço de memória com mais perceptibilidade e/ou, ainda, como um ambiente que molda suas identidades enquanto mulher e homem negros; portanto, para ambas as personagens, a favela assume figurações diversas e dissidentes.

Maria-Nova, narradora e também personagem, é representada por uma menina-mulher astuta e curiosa que leva a vida a colecionar histórias dos demais moradores da periferia, de modo que por meio delas pudesse compreender o que se passa, compreender a si e aos outros. Nas dependências das histórias coletadas por Maria-Nova — que, por sua vez, são resgatados do fundo da memória dos demais personagens — vão se apresentando as situações mais complexas e sobre questões altamente inquietantes. A desterritorialização do espaço da favela é, sem sombra de dúvida, a mais subversiva delas, não somente pelo que significava naquele momento — a perda do abrigo — mas, pelo que pode ser compreendido quando feita uma análise comparativa com fatos pautados na tomada história oficial e também marcada na memória-corpo daqueles personagens.

Com base nisso, observa-se que a favela é para as personagens mais que um abrigo do corpo, abrigando também as memórias de uma vida — a maior parte delas regadas de violências sociais e provindas da escravidão. Cada personagem, de modo peculiar, segue buscando na memória, em uma atividade quase involuntária, experiências que se inter cruzam com as que

são vivenciadas na favela. Ao rememorá-las, as feridas causadas pela lógica colonizadora, nunca cicatrizadas, voltam a sangrar; sangra a ferida da negra e do negro lesadas e lesados do direito de viver em liberdade em seu lugar no mundo; sangra a ferida daqueles que vivem em constante processo de marginalização⁵⁴.

A trajetória das personagens anteriormente à chegada no espaço da favela auxilia de maneira considerável a manutenção do modo como estes compreendem o espaço, ou pelo sentimento que se é explorado por meio dele e por ele. Maria-Nova sempre estivera na favela, afinal, nascera lá e, portanto, aquele era seu lugar originário. A vida na favela ensinava-lhe muito mais sobre escravidão e insubordinação histórica que a própria escola, pois “aprendera também o que era casa-grande. Sentiu vontade de falar a professora” (EVARISTO, 2017, p. 73), e isso explica a maneira pela qual sempre estava a pensar sobre as situações ocorridas no interior da periferia.

A favela em que se faz a narrativa é situada ao lado de um bairro “bem rico e bem próximo” (EVARISTO, 2017, p. 23). Esse fato é um dos responsáveis pelas intensas lembranças e reflexões de Maria-Nova em relação à sua vida e à vida dos seus ancestrais. Os festivais de bola na favela aparecem como um indicador da atuação de Maria-Nova em relação ao que fora afirmado anteriormente, considerando que é no momento da apresentação do evento que a enunciativa revela ao leitor a proximidade entre a favela e o bairro nobre que, mais tarde, a fará desferir uma interessante analogia e decorrerá em todos os momentos da narrativa, como percebido em:

Os festivais de bola na favela tinham gosto de grandes alegrias. Aconteciam em uma época certa, era uma vez por ano. Duravam meses, durante os sábados e domingos. O campo era uma área livre, enorme, que ficava entre a favela e o bairro rico (EVARISTO, 2017, p. 23).

A proximidade da favela para com o bairro nobre desvela duas dimensões e realidades sociais dissidentes. Diante disso, vê-se que as desigualdades sociais, assim como a miséria apresentada na seção a seguir, são sobrepostas em *Becos da Memória* (2017) sob diferentes configurações e profundidades. Os eventos festivos acontecidos do interior da periferia, muito embora fossem concebidos pela maior parte dos moradores como momentos de distração e

⁵⁴ Especificamente nesta parte do texto, ao referirmo-nos à liberdade e liberdade ilusória no contexto da pessoa preta e escravizada, estamos entendendo a liberdade como momento de gozo pleno de seu lugar primeiro — Brasil e África —, bem como o de retirada legal dos engenhos onde eram escravizadas. Por outro lado, a falsa liberdade está para nós como o momento de chegada e formação das periferias, severamente marcadas pela esperança de melhores condições de vida e, contrariamente, surpreendidos com uma outra forma de escravidão, considerando que posteriormente a Lei Áurea, as pessoas escravizadas livraram-se dos açoitados da casa-grande, mas, presos na fome, na exclusão social e política, no abandono e na miséria provinda da favela.

grandes felicidades para os que ali residiam, podem ser também compreendidos como instrumento e/ou manutenção da desigualdade, denotando uma espécie de *apartheid* social, em que os ricos moradores do bairro nobre financiam as festas dos pobres periféricos para que não haja interação direta sobre ambas as classes e, tampouco, o tráfego destes últimos nas dependências do bairro nobre. Vejamos:

Parece que havia mesmo um acordo tácito entre os favelados e os vizinhos ricos. *Vocês banquem a nossa festa junina, deem-nos as sobras de suas riquezas, oportunidades de trabalhos para nossas mulheres e filhas e, antes de tudo, deem-nos água, quando faltar aqui na favela. Respeitem nosso local, nunca venham com planos de desfavelamento, que nós também não arrombamos suas casas.* Assim, a vida seguia aparentemente tranquila. E os dois grupos tão diversos teciam, desta forma, uma política de boa vizinhança (EVARISTO, 2017, p. 47, grifo no original).

No excerto, Maria-Nova reflete criticamente sobre a relação de proximidade da favela com o bairro ao lado, evidenciando as estratégias utilizadas pelos de maiores condições para domá-los e torná-los ainda mais subalternos, estigmatizando-os em detrimento de suas cores e pela localidade em que residem. Noutros momentos, essa mesma situação volta a ser analisada por ela e outros personagens, resultando sempre em um processo de revisitação ao movimento de formação dos povos negros, que está intimamente ligado à abolição da escravatura, como pode ser percebido no presente fragmento:

Maria-Nova divagava em um pensamento longínquo e próximo ao mesmo tempo. Duas ideias, duas realidades, imagens coladas machucavam-lhe o peito. Senzala-favela. Nesta época, ela iniciava os estudos de ginásio. Lera e aprendera também o que era casa-grande. Sentiu vontade de falar à professora. Queria citar exemplo de casa-grande, o bairro nobre vizinho e como senzala, a favela onde morava. Ia abrir a boca, olhou a turma, e a professora. Procurou mais alguém que pudesse sustentar a ideia, viu a única colega negra que tinha na classe. Olhou a menina, porém ela escutava a lição tão alheia como se o tema escravidão nada tivesse a ver com ela. Sentiu certo mal-estar. Numa turma de quarenta e cinco alunos, duas alunas negras, e, mesmo assim, tão distantes uma da outra. Fechou a boca novamente, mas o pensamento continuava. Senzala-favela, senzala-favela! (EVARISTO, 2017, p. 71).

Nesta cena da narrativa é possível observar o posicionamento de Maria-Nova no que se refere ao assunto escravidão. Mais profundamente, a personagem utiliza da relação entre bairro nobre e favela para rememorar ou aludir à senzala e casa-grande, permitindo-nos perceber que a casa, para Maria-Nova, é tomada como um ambiente que abriga memórias de um passado escravocrata. Em diversos momentos da narrativa se é percebido uma polarização entre casa-grande e senzala, entre o branco e o negro, entre o rico e o pobre, que desencadeiam memórias pretéritas em Maria-Nova e as demais personagens; isto é, as situações ocorridas no espaço da

favela e o que ela própria representa para eles é um produto de um processo duradouro e violento na história do Brasil: a escravidão.

Maria-Nova, a partir do que ela própria consegue observar na ambiência favela, bem como o que esta fazia lembrar as outras personagens que compunham seu ciclo de convívio cotidiano e a ela eram contadas em minúcias, revisitava uma casa antiga — mas que ainda permanece construída —, uma casa onde as memórias são sangrentas e violentas. A favela, para ela e outras personagens, é um lugar de regressão ao passado escravocrata; no entanto, no caso de Maria-Nova, esta regressão está pautada na vontade de conhecer a história de seus ancestrais, com objetivo de reduzir o impacto que tal marco os causara, principalmente a situação de extrema subalternidade em que viviam, bem como sedimentar a sua própria identidade. Sobre isto, Bhabha (2006) pontua que “a identificação é sempre o retorno de uma imagem de identidade que traz a marca da fissura no lugar do Outro de onde ela vem” (BHABHA, 2005, p. 76-77); portanto, a personagem vive em constante processo de constituição e compreensão da sua identidade diaspórica por meio do retorno de imagens.

A personagem Negro Alírio contribui de maneira considerável para a desenvoltura cognitiva de Maria-Nova no que tange a questões étnico-raciais, posto que é um dos poucos que sabiam ler palavras e, portanto, ensinava-lhe mais consistentemente sobre os numerosos assuntos que se mostravam necessários para a formação da menina, bem como era o único engajado na militância antirracista e diferença de classe. Assim, homem de expansivo saber, Negro Alírio, mesmo com sua chegada tardia na favela, uma vez que quando chegara já se há uma extensa habitação e o desfavelamento já acontecia descabidamente, torna-se aliado de Maria-Nova, sendo com ele as mais importantes lições de negritude aprendidas pela personagem.

Ainda nesse caminho, ressaltamos que em detrimento de sua notável esperteza e curiosidade, Maria-Nova já sabia de muitas coisas sobre escravidão e desigualdades sociais, no entanto, a fome, a miséria, a marginalização cotidiana, dentre outras, ensinava-lhe ainda mais e a partir de metodologias empíricas. A trajetória da personagem, em grande medida, apresenta ao leitor uma retomada à dita história oficial, o que nos permite afirmar, com maior propriedade, que a casa para Maria-Nova, aqui sendo representada pelo espaço da favela, é percebida como um lugar de rememoração das ocorrências vividas pelos seus ancestrais no regime escravagista. O processo de desfavelamento tonifica ainda mais este sentimento no íntimo da narradora, sendo ele a ponte que desencadeia tais memórias, pois, para Maria-Nova, assim como para Tio Totó, a intensa condição de subalternidade em que viviam na favela e suas retiradas forçadas de suas casas-lugar, os fazem reviver todo o processo de colonização e apagamento das

memórias originais dos negros africanos quando trazidos, também forçadamente, para o Brasil⁵⁵.

Até a efetivação da demolição total da periferia, a notícia do desfavelamento e os ruídos dos tratores engolindo os barracos parcial, mas agressivamente, mobilizava no interior das personagens os mais diversos sentimentos, dentre todos, os mais presentes: a inoperância diante da situação, angústia, sensação de perda, desespero e dor. Vejamos: “os tratores da firma construtora estavam cavando, arando a ponta norte da favela. Ali, a poeira se tornava maior e as angústias também. Algumas famílias já estavam ordem de saída e isto precipitava a dor de todos” (EVARISTO, 2017, p. 71). No entremeio e no decorrer disso, Maria-Nova segue compreendendo com profundidade a situação por intermédio do que ela própria vê, do que contam e do que sente. A personagem que vivera desde a infância “sendo provada a ferro e fogo” (EVARISTO, 2017, p. 83), tornou-se íntima da dor e do desconforto que tudo aquilo havia lhes causado, como pode ser depreendido em:

Maria-Nova andava pelos terrenos recentemente desocupados com poeira-tristeza-lágrimas nos olhos. No local onde estavam os barracos dos que haviam ido pela manhã, agora só restava um vazio. Era como um corpo que aos poucos fosse perdendo os pedaços. Sentiu dores. Pensou em Vó Rita. Teve vontade de ir ter com ela, mas não podia. Voltou para casa, cabisbaixa fundando o pé na terra solta, na poeira. Cada pé que afundava no macio da terra sentia no peito o peso de nada. Não posso chorar. Quero guardar esta dor (EVARISTO, 2017, p. 82).

Dito isso, cabe também ressaltar que o fluxo de memória pretérita desencadeada em Tio Totó em *Becos da Memória* (2017), assim como outras personagens igualmente apresentadas no romance, é também despertada pela própria significação do espaço da favela, ou, ainda, por situações ocorridas no interior do espaço. A significação do lugar para a personagem Tio Totó, bem mais do que para Maria-Nova, também é centrada no processo de rememoração de situações condizentes ao regime escravocrata, sobretudo porque, diferentemente da protagonista, Tio Totó conheceu a escravidão de um modo mais vivaz. Nesse caminho, conforme a análise da performance da então personagem, construída por Serpa (2014), Tio Totó, mesmo não sendo escravo, pois nasceu na Lei do Ventre Livre, “carrega consigo os dramas de seus antepassados. Tal personagem representa o elo entre a matriz africana que cada brasileiro carrega” (SERPA, 2014, p. 70).

⁵⁵ O romance em análise, em sua narrativa, insinua a trajetória da comunidade negra antes e após abolição, haja vista que esta é iniciada com a retiradas da personagem Tio Totó da fazenda onde seus pais foram sujeitos à condição de escravidão, e encerrada com as discussões dos dilemas sociais enfrentados pelas demais personagens do romance desde a chegada na periferia — local para onde foram, por imposição social, as negas e negos pós escravatura.

Nesse sentido, para Tio Totó, o ato de rememoração da dinâmica de sobrevivência de seus ancestrais é mais bem acentuado dentre todas as demais personagens apresentadas nas dependências do romance. A favela, para tal, é tomada como um espaço de revisitação das memórias do passado, as quais, muitas delas, se não todas, são intensamente marcadas pela perda, esvaziamento da vida e de tudo e, principalmente, pela tentativa de superar e compreender a sua própria existência.

Por outro lado, a negatividade que também se mostra na ambiência desses moradores da periferia é consideravelmente compensada pela sensação de abrigo e aconchego da memória que a favela, em essência e concretude, proporcionava até certo ponto da narrativa. Esse sentimento, pelo que pode ser percebido, certamente provém do exercício de coletividade e cooperação entre aqueles que ali habitavam, considerando que quase todos, os de maiores idades principalmente, até a chegada na favela propriamente dita, peregrinaram em uma trajetória arduosa e fatídica e, portanto, tomavam os becos como lugar de repouso do corpo.

A experiência da personagem Tio Totó, por exemplo, ilustra bem a afirmação anterior: afinal, é marcado por uma longa e dolorosa trajetória como filho de pais retirados forçadamente de seus país de origem; nascido na vigora da Lei do Ventre Livre; pai de dois filhos mortos precocemente; ex-marido de duas mulheres mortas de modo trágico, a última tendo a vida levada por um rio com sua filha mais nova e todos os poucos pertences retirados das fazendas pós “abolicionismo”, entre outros. A chegada na favela significa para ele, portanto, além de um lugar de posse sua, um ambiente de repouso — ainda que esse repouso, para Tio Totó, diante da possibilidade da perda do espaço, estaria pautado na morte — como pode ser observado no seguinte fragmento:

Tio Totó andava inconsolável: já velho, mudar de novo, num momento em que seu corpo pedia terra. Ele não sairia da favela. Ali seria sua última morada. Ele olhava o mundo com o olhar de despedida. Olhava sua terceira mulher, seus netos órfãos, sua casinha caiada de branco, alguma galinha e o chiqueiro vazio (EVARISTO, 2017, p. 18).

A notícia do desfavelamento impacta agressivamente as relações sociais de Tio Totó, posto que é a partir da difusão dela que a personagem começa o processo de revisitação de suas memórias antigas. Esse episódio — o processo de retirada do que a personagem compreende como seu espaço-pouso — se configura não somente como mais uma das situações degradantes que as personagens de *Becos da Memória* (2017) viveram durante o curso de suas existências — em especial Tio Totó — mas, talvez, como a pior delas, por simplesmente os fazerem revisitar marcos traumáticos e irreparáveis de suas vidas e da vida de seus ancestrais. A vida de

Tio Totó, antes mesmo da chegada efetiva na periferia, evoca tenuamente as situações a que também foram submetidos muitos negros africanos trazidos para o Brasil no curso da escravidão, como se é notável no fragmento posto abaixo, no qual Maria-Nova, na qualidade de narradora, tece sobre a vida do tio:

Quando Tio Totó se entendeu por gente, ele já estava em Tombos de Carangola. Sabia que não nascera ali, como também ali não nasceram seus pais. Estavam todos na labuta da roça, da capina. Sabia que seus pais eram escravos e que já nascera na “Lei do Ventre”. Que diferença fazia? Seus pais não escolheram aquela vida, nem ele. (EVARISTO, 2017, p. 18, grifo no original)

Aqui a narradora-personagem põe-se a pensar criticamente sobre a vida do tio que, não somente para ela, como para outros personagens presentes na narrativa, sua trajetória de vida representa a trajetória vital de seus antepassados negros. Como outros filhos de escravos, nascidos posteriormente ao abolicionismo, Tio Totó já nascera em uma realidade que o obrigava a viver as consequências de um regime instaurado no país motivado pela lógica da supremacia branca que, como já se é sabido, propaga até o momento presente a dominação de classe. A fatídica trajetória percorrida por Tio Totó até a chegada efetiva na favela reconfigura a imagem do que esta representa para si, como pontuado em momento anterior; afinal, em decorrência do desgaste provocado, os becos passam a ser tomados como um espaço, para além da rememoração, de aterragem.

Em relação ao contexto anterior, observa-se que a relação de Tio Totó para com a favela, ainda que esta evocasse memórias das “casas passadas” (BACHELARD, 1993) — aquelas vividas na escravidão — enquanto espaço de pouso, pode ser melhor percebida no seguinte fragmento:

Perdi as forças, Maria-Velha. Trabalhei demais. Eu quero agarrar nas coisas, pegar o machado, rachar essa lenha... Assento e penso: pra quê? Fiz isso a vida inteira... Labutei, casei três vezes, viuvei de duas, a terceira é você. Tive filhos das duas primeiras. Os filhos também se foram. Partidas tristes, antes do tempo cumprido, antes da hora. Eu, vivido, já velho, estou aqui. Meu corpo pede terra. Cova, lugar de minha derradeira mudança (EVARISTO, 2017, p. 18).

Desse modo, vê-se que o desgaste físico e mental o faz querer viver na periferia como se aquele espaço fosse seu último lugar-morada. A vida na favela não representa, nem de longe, uma vida fácil, afinal, Tio Totó e as demais personagens apresentadas em *Becos da Memória* (2017) lidam constantemente com o desamparo, a insubordinação e invisibilidade sociais, o abandono, a fome, a miséria etc. No entanto, é na favela, mesmo que com muitas atrocidades comprometendo o bem-estar e o convívio harmonioso entre si, onde esses moradores encontram

a sensação (ou falsa sensação) de estabilidade territorial e, portanto, proteção; afinal, todos ali, anteriormente à ancoragem no espaço da favela, vivenciaram situações afins ao regime escravocrata, ou ainda, foram vítimas comuns de um sistema que oprime em massa e, conseqüentemente, financia o genocídio da comunidade negra. Estando ali, juntamente com seus irmãos de cor (EVARISTO, 2017), seus anseios e dores eram mais bem compreendidos, divididos entre todos, com Maria-Nova sobretudo, tornando-os mais suportáveis.

Noutro sentido, no que concerne ao contexto identitário das personagens, ressalta-se que, assim como para Maria-Nova, a busca pela sedimentação da identidade afrodiaspórica para Tio Totó acontece na medida em que a personagem revisita e compreende seu passado. O momento de retirada das fazendas onde trabalhou em condições insalubres por grande parte da sua vida e o de chegada na cidade grande, onde chega “triste, são e sozinho” (EVARISTO, 2017, p. 87), representa uma trajetória diaspórica, isto porque a personagem passa por um processo de redefinição do local de chegada, de modo a representar um espaço de esperança e recomeços (HALL, 2003), como pode-se compreender no excerto a seguir:

Tio Totó estava se sentindo feliz. Gostava da cidade, daquele burburinho todo diferente das fazendas. Já pelo interior havia carros, os fazendeiros quase sempre possuíam um, mas na cidade parecia haver um para cada pessoa, tantos eram eles. Sonhos novos brotavam na cabeça de Tio Totó. [...] Quando cheguei à favela, ainda existia muito lugar vazio. Esta minha casa era só um quartinho, fui aumentando aos poucos. Hoje você vê, menina, são quatro cômodos (EVARISTO, 2017, p. 84).

Nesse momento, é perceptível a dubiedade do sentimento de Tio Totó ao lembrar da favela como ambiente-casa, já que “a felicidade que Tio Totó sentia ao pensar na favela é uma espécie de metaforização de uma comunidade em situação de diáspora” (SERPA, 2014, p. 80). Portanto, vê-se que há uma intensa relação da trajetória de Tio Totó no romance analisado com a condição de comunidades em processos diaspóricos, já que durante a narrativa a personagem Tio Totó é acometida por um desejo visceral de retornar ao seu lugar primeiro. No entanto, esse desejo de retorno não o impede de resignificar a morada atual de modo a desencadear, inclusive, afeto pela nova casa, evidenciando, com isso, a metaforização da diáspora salientada acima.

Para as personagens com mais tempo de morada na favela, aquele lugar cumpria com o registro do que Bachelard (1993, p. 200) intitula por “verdadeiramente habitado”⁵⁶ e, por isso,

⁵⁶ Em *A poética do espaço* (1993), o autor defende uma casa como verdadeiramente habitada ou verdadeiramente vivida como aquela que “não é mais em sua positividade que a casa é verdadeiramente ‘vivida’, não é só na hora presente que se reconhecem os seus benefícios. O verdadeiro bem-estar tem um passado. Todo um passado vem viver, pelo sonho, numa casa nova. A velha locução: ‘Carregamos na casa nossos deuses domésticos’ tem mil variantes. E o devaneio se aprofunda a tal ponto que um domínio imemorial, para além da mais antiga memória, se abre para o sonhador do lar. A casa, como o fogo, como a água, nos permitirá evocar no prosseguir mento de

era passiva da noção de casa, afinal de contas, “Vó Rita, *Tio Totó*, ela [Filó Gozogênia] davam a impressão de que sempre estiveram ali. De que até nasceram, ou melhor, de que até geraram a favela” (EVARISTO, 2017, p. 81, grifo nosso). O tempo longínquo em que estiveram na favela é incumbido pelo sentimento de pertencimento e intimidade entre eles e o espaço e que, com a notícia e o início do desfavelamento, torna-se extremamente conflituoso, sobretudo para Maria-Nova e Tio-Totó.

Ambas as personagens são apresentadas em contextos dissidentes, considerando que enquanto Tio Totó revisita seu passado com base em situações ocorridas no tempo presente como estratégia de aceitação e justificativa para o repouso do seu corpo-memória, Maria-Nova é submersa no processo crítico de rememoração como um momento de questionamento ao passado, compreensão de sua identidade negra e elaboração de estratégias que o subverta, como bem pode ser observado no trecho abaixo:

A dor de Tio Totó significava para ela um compromisso de busca de uma melhor forma de vida para si própria e para os outros. [...] Olhou a tia, Maria-Velha, a mãe e os irmãos, e sentou que era preciso caminhar junto com eles, arrumando, consertando, melhorando, modificando a vida (EVARISTO, 2017, p. 161).

Assim, como para a maior parte das personagens apresentadas nas dependências da narrativa aqui problematizada, a favela para Tio Totó é percebida como um abrigo das memórias herdadas de longos anos de escravidão, bem como uma espaço em que configura suas condições de miseráveis e subalternos sociais; na mesma medida e sob uma lógica paradoxal em que também a compreende como um lugar de pouso, descanso, intimidade e comunhão com os seus, pois, ali estavam há aproximadamente 50 anos (EVARISTO, 2017), e muitos como Vó Rita e Bondade até pareciam que haviam fundado o local.

Outro ponto a ser considerado em relação à significação simbólica da periferia e ao cotidiano das personagens aqui analisadas é que, desde o início do desfavelamento, com os tratores da firma construtora operando incansavelmente, a imagem da periferia é posta em estado de ressignificação. Este fenômeno é percebido na teoria de Bachelard (1993) como a dinamicidade da imagem da casa ou do espaço interior, em que os efeitos do passado, presente e futuro implicam na construção da imagem que se tem do espaço. Isto posto, se antes os barracões de barro e zinco que compunham a favela atribuíam e/ou proporcionavam a sensação de proteção, pertencimento e intimidade, agora, na medida em que os tratores da firma

nossa obra, luzes fugidias de devaneio que clareiam a síntese memorial e da lembrança. Nessa região longínqua, memória e imaginação não se deixam dissociar. Uma e outra trabalham para seu aprofundamento mútuo. Uma e a outra constituem, na ordem dos valores, a comunhão da lembrança e da imagem” (p. 4, grifos no original).

construtora demoliam a favela, esse sentimento é ressignificado, sendo apresentado como um espaço que configura suas condições de subalternos e impulsiona o fluxo de memórias provindas da escravidão no Brasil.

4.3.3.3 As dissidentes faces da miséria em *Becos da Memória* (2017)

A miséria vivenciada hoje por grande parte da população mundial — que não coincidentemente é constituída por pessoas negras e pertencentes a classes populares — é, sem sombra de dúvida, uma herança da desigualdade social deixada pela escravidão. Submetendo-nos à uma dimensão estética da existência humana por via da arte, Conceição Evaristo, em *Becos da Memória* (2017), permite-nos conhecer — dentre as tantas outras coisas — , através de sua escrita poética-dilacerante, as múltiplas facetas da miséria, bem como sua intensa relação com o regime escravocrata, dado que a multiplicidade de necessidades e as condições com as quais as personagens as enfrentam atribuem a esta mazela contornos dissidentes, sem deixar de ser igualmente desumanizantes.

O romance é iniciado por uma observação da narradora em torno de Vó Rita, personagem que “dormia embolada *com ela*” (p. 15), esta que só podia contar com o amor de Vó Rita e de nenhum outro morador da periferia, pois os causava pavor e medo. A reflexão da narradora acerca dessa personagem e a visão negativa do mundo exterior que é exposta já sinaliza o contexto de miséria em que estão submersas, afinal, “não atinava o porquê da necessidade, do querer dela em ver o mundo ali à sua volta. *Tudo era tão sem graça*” (p. 15, grifo nosso), situação que decorrerá durante toda a narrativa.

As histórias desveladas pela personagem Tio Totó, por exemplo, aguçam o sentido reduutivo e complexo pelo qual os moradores compreendiam a vivência na favela, insinuada nos excertos trazidos acima. Essa personagem é apresentada no romance rememorando as mazelas que acometeram a si próprio e sua família no momento de saída das fazendas que, até então, funcionavam como centros escravocratas, até a chegada na cidade grande com o peito alimentado da esperança de melhores condições de vida — sinalizando as experiências de comunidades negras em diáspora forçada. No entanto, assim como pontuado na história do país, no plano factual, as pessoas libertas do regime escravocrata não foram bem aceitas e incluídas nos grandes centros urbanos, culminando numa série de mazelas sociais e submetendo-os às margens da sociedade, onde predominam a miséria e a exclusão social (PINSKY, 2010), como assim se vê em Tio Totó.

A miséria experimentada por Tio Totó, ao mesmo tempo que é sentimental — já que existe uma série de perdas irreparáveis de coisas e pessoas que eram passíveis de um alto valor sentimental para esta personagem — é também material, considerando que é perceptível no interior dessa existência desejos que com poucos recursos financeiros não poderiam ser sanados. Na medida que o tempo passa e a narrativa avança, a miséria para Tio Totó se presentifica com maior latência. Se no primeiro momento da narrativa, em retirada às fazendas cujos proprietários eram escravagistas, a personagem põe-se a realizar um percurso afrodiaspórico levando consigo seus “retalhos” (EVARISTO, 2017, p. 12) — o que pode ser entendido como uma metáfora à profunda pobreza e, portanto, poucos bens —; noutra, do outro lado do rio, encontra-se, mais uma vez, de muitas, “nu das pessoas e das poucas coisas que havia adquirido” (EVARISTO, 2017, p. 28), já que o rio havia engolido tudo que tinha angariado até então, desvelando sua carência intensa de tudo, como nota-se a seguir:

O rio estava bebendo tudo que encontrava pelo caminho. Pedras, paus, barrancos, casas, bichos, gente e gente e gente... O rio, como a *vida*, levava tudo de roldão. Levava rápido, era só Deus piscar os olhos, deixar de vigiar a gente um tiquinho só e o rio bebendo, engolindo tudo (EVARISTO, 2017, p. 28, grifo nosso).

Em reflexão diante da perda que lhe seria constante desde aquele momento, Tio Totó alude a ferocidade das águas do rio à complexidade e demandas da existência humana — neste caso, sobretudo, daquela ou daquele submerso a um regime tão severo quanto a escravidão e “liberto” sem medidas protetivas e assistenciais eficientes —, permitindo compreender como esta personagem interpreta sua própria vida e a dos seus irmãos de cor, que, em suas palavras: “era uma perdedeira só” (p. 29). Além disso, embora seja igualmente notado traços de miséria em sua face sociocultural na performance da personagem Tio Totó, de modo paradoxal, é também percebido que os bens palpáveis seus e de sua família — seja pela pouca quantidade ou estado de conservação em que se encontravam — são tomados como pertences pouco ou nada significativos, pois, em ponderação de seu atual estado, questiona-se: “e agora, como continuar a vida sem a mulher e a filha? O que fazer agora do meu corpo, do meu pensamento, desse labutar tão sozinho?” (p. 28), tornando perceptível que a configuração da sua miséria é muito mais sentimental e emotiva que material, propriamente dita.

A miséria em Tio Totó, transvestida de um desejo insaciado do Outro, é tanta que a personagem cogita, inclusive, se entregar às águas na busca de encontrar os corpos-companhias que o rio braviamente havia engolido: “E se eu voltasse para o rio? Se eu entregasse meu corpo à sede do rio? Se eu voltasse, quem sabe, lá embaixo ou em outro rio qualquer, eu pudesse

encontrar aqueles corpos amigos?” (p. 24). No entanto, conforme a narradora, que também é receptora voraz das histórias de vida dessa personagem, Tio Totó permanece apenas na outra margem do rio “são, salvo e sozinho”; “sem muita coragem de voltar ao rio e à vida” (p. 28), contemplando uma miséria que o deixa inerte, quando não o faz retroceder.

Do entre-lugar em que a personagem se encontra — dado que não se percebe nem no rio, tampouco na vida — Tio Totó segue compreendendo com maior profundidade a condição de miséria a que estava sujeitado, uma miséria em que nada se ganha, ao mesmo tempo em que tudo se perde rapidamente. Vejamos: “Tamanho é o perder. Perdi Miquilina e Catita. Perdi pai e mãe que nunca tive direito, dado o trabalho de escravo nos campos. Perdi um lugar grande, de mato, bichos. De gente livre ao sol... E hoje, agora a gente perde um lugar que eu já pensava dono” (EVARISTO, 2017, p. 29).

Nessa declaração, ao pensar sobre sua miséria e narrativa de perda, para além de retratar uma carência em se tratando de seus principais bens — Maliquina, sua primeira mulher; Catita, sua filha e a favela, seu pretense espaço de pouso —, desvela uma memória provinda da escravidão, onde alinham-se banzo e ancestralidade. Tio Totó, nesse momento de dispersão, rememora a perda de seus pais — episódio que contribui grandemente para sua vivência na miserabilidade —, que o persegue durante toda a narrativa e soma-se a outras, acrescentando-lhe o banzo.

Os pais de Tio Totó, como bem é colocado pela personagem, foram roubados pelos senhores dos engenhos e submetidos, sob ameaças severas, a um regime ligeiramente grosseiro e desumano, como viu-se no primeiro capítulo deste trabalho. Em decorrência disso, para além do direito de ir e vir e do gozo da liberdade plena, roubaram-lhes, ainda, a possibilidade de estreitamento e manutenção das relações afetivas-fraternais entre eles e o filho, já que o trabalho nos campos tiravam-lhes todo o tempo, percebido, sobretudo, em “Perdi pai e mãe que nunca tive direito, dado o trabalho de escravo nos campos” (p. 29). Para além disso, Tio Totó se queixa ainda da perda de um lugar onde pessoas e bichos viviam livremente sob o sol, o que pode ser interpretado como uma metáfora à África Central, lugar onde viveram seus ancestrais e de onde traficaram um número expressivo de pessoas negras para explorá-las no trabalho escravo no Brasil e, conseqüentemente, tirando-lhes a liberdade de sentirem-se livres.

Desse modo, a vivência dessa personagem e sua relação com a miséria evoca fortemente uma narrativa histórica apresentada nos documentos ditos oficiais de modo negacionista e incompleto, patenteando a necessidade dessa última ser revista e/ou recriada. A experiência com a miséria experimentada por Tio Totó é iniciada ainda nas aventuras coloniais, em especial ao tráfico de negros africanos, como bem pode ser compreendida nas entrelinhas do romance.

No mais, vê-se que os caminhos que são apresentados a partir da isenção da condição de pessoa escravizada podem ser compreendidas, acima de tudo, como uma forma de manutenção de sua condição de miserável, mesmo aqueles que o fazem chegar à periferia acreditando veementemente que este seria seu local de descanso. Assim, as relações sociais, culturais e políticas estabelecidas entre favelados e favelados, favelados e políticos, favelados e não-favelados exprimem as condições e os acordos de permanência desse e de outras personagens do romance na subalternidade e miserabilidade socioculturais, como ver-se-á posteriormente.

A trajetória de Tio Totó em *Becos da Memória* (2017) é marcada, portanto, por (des)encontros, perdas e conflitos apresentados pela narradora como “pedras”, que, em uma análise intertextual, pode-se invocar a poética de Carlos Drummond de Andrade em “No meio do caminho tinha uma pedra, tinha uma pedra no meio do caminho” (ANDRADE, 1930, p. 15). No entanto, em Tio Totó estas pedras, para além de fatigar as retinas, tonificam ainda mais sua miséria, causando-lhe ainda mais dor, uma vez que as “pedras pontiagudas batiam sobre seu peito, sangravam seu coração” (p. 29).

Em *Bondade*, a miséria assume uma conotação demasiada complexa, pois, embora corresse pelos becos da favela “boatos de que Bondade era rico lá para as terras dele, Pernambuco ou Pará” (p. 36), o modo como a personagem chega à favela insinua um episódio de abandono na sua mais melindrosa acepção, pois, conforme Maria-Nova, “Bondade chegou ali na favela com um saco de estopa nas costas. Tinha os olhos aflitos e a boca seca de sede e de fome” (p. 36). De todos os modos e leituras possíveis, a fome e a sede intensas são ambos os elementos mais bem representativos da miséria e da vulnerabilidade social. De igual modo, os olhos aflitos entregam um assombro e temor em relação aos acontecimentos que poderiam suceder a partir de sua chegada na periferia com seus pertences em um saco de estopa, que representa a precariedade e poucos bens.

Conforme a narradora, a personagem Bondade, pela rede de compartilhamento e de afeto que incitou na periferia, “conhece *todas as misérias* e grandezas da favela” (p. 35, grifo nosso) — e aqui se evidencia uma circunstância de grande valor às nossas análises, isto é, as várias facetas da miséria. Para conhecê-las, a personagem se permite a escuta de pessoas distintas e a visita de diferentes barracos, afinal, “com jeito, ele acabava entrando no coração de todos. E, quando se dava fé, já se tinha contado tudo aos Bondade” (p. 35). Com esse mecanismo, a personagem confabulava diferentes interpretações sobre a miséria, em que, em uma das mais potentes, ele firma que “há pobres que são capazes de dividir, de dar o pouco que têm e que há pobres mais egoístas em suas misérias do que os ricos nas farturas deles” (p. 35).

Ainda que os boatos em torno da riqueza de Bondade fossem verdade, confere-se que essa personagem se percebe tão pobre quanto qualquer outro morador da periferia em que se passa a narrativa e, diante disso, sua performance face à miséria insinua pertencer ao primeiro grupo de miseráveis identificados por ele mesmo, isto é, aqueles que em sua pobreza são capazes de dividir suas misérias, já que:

Bondade, sempre uma vez por mês, saía da favela de manhã e só voltava com o pôr do sol. [...] No outro dia, as crianças ganhavam doces e ele atendia sempre aos mais necessitados, os que tinham alguma carência mais urgente. Comprava também uma garrafa de cachaça e bebia tudinho. Depois se deitava no canto do barraco onde ele estivesse, e dormia o tempo todo da embriaguez (p. 36).

Diante disso, nota-se que a personagem Bondade se compadece à situação dos moradores daquela periferia, em especial aqueles que vivenciam situações mais delicadas e urgentes, bem como as crianças que, diante da ingenuidade e escassez de tudo, se deleitam dos pequenos momentos de abundância de felicidade motivadas pelos doces dados por Bondade. Nesse sentido, vê-se ainda que tal personagem busca conscientemente dividir seus poucos bens que poderiam ligeiramente o diferenciar dos demais moradores — social e economicamente — de modo a compartilhar cotidianamente de suas respectivas misérias.

Durante a narrativa, a personagem Bondade evidencia as múltiplas formas de miséria em diferentes contextos e esferas sociais. Na cena trazida acima, considerando a maneira pela qual este chega à periferia e o modo como se comporta e distribui seus bens aos demais moradores, vê-se que a sua trajetória evidencia a existência de sujeitos miseráveis mesmo com alguns bens financeiros. Bondade, por exemplo, uma vez por mês, recebia uma quantidade que poderia investir em si, na sua própria fome e outros tantos desejos não saciados; no entanto, ainda assim, está sujeito a ser miserável por uma espécie de abandono — não apresentado no romance, mas que o faz buscar a periferia como um lugar de refúgio.

Outra faceta da miséria é apresentada a partir da atuação de Tetê do Mané e sua família, uma vez que sua narrativa transparece uma das mais violentas formas de tornar-se miserável e ainda, ilustrar o segundo grupo de miseráveis identificados pela personagem Bondade — os que em sua pobreza são mais miseráveis que os ricos em suas farturas. No barraco dessa família há desejos de muitas naturezas: os de Nazinha, uma criança preta de 13 anos, mesmo experimentando a fome, a falta de assistência e cuidado do pai violento, desempregado e alcoólatra; e do definhar de seu irmão doente, ainda permite-se sonhar em “infantis desejos”, tais quais: “Guardar nas palmas da mão estrelas e luas. Armazenar chocolates e maçãs. Ter patins para dar paços largos” (p. 37). Por outro lado, adultecida, sua mãe, Tetê do Mané, sonha

em ter “leite, pão, dinheiro. Sonha remédio para o filho doente, emprego para o marido revoltado e bêbado, sonha um futuro *menos pobre* para a menina [...], *sonha ter nenhuma necessidade. Sonha dinheiro, dinheiro, dinheiro*” (p. 37, grifo nosso), sonhos que revelam a profundidade da miséria na qual tais personagens se encontram e anseiam ultrapassar.

A história que emana desse barraco demonstra com maior clareza algumas das numerosas formas de manutenção da pobreza e da miséria em que as personagens de *Becos da Memória* (2017) são postas, mas que muitas outras no plano factual também vivenciam, mesmo na contemporaneidade, vejamos:

Outro dia, veio aqui o fornecedor da fábrica de cigarro, suprir os botequins da favela. O homem, diferente de nós, fala grosso com a mão no bolso. A mãe da menina fica a olhar a mão do moço sempre no bolso. Os dois se olham. Ela já sabe do vício do moço. *O moço já sabe das necessidades da mãe da menina.* O moço é rápido, direto, franco e cruel. “Quanto você quer, mulher?” A mãe da menina não responde. O moço tira um pacote de notas. A mãe chama a menina: “Nazinha, acompanhe o moço!” O homem pega Nazinha pela mão e segue outros rumos. Não mais o rumo da fábrica, era preciso fugir, pegara o dinheiro do patrão. A mãe da menina ajunta os trapos, o filho doente, o marido revoltado e bêbado. Procura outros caminhos, também era preciso fugir (p. 36, grifo nosso).

Considerando que de um lado tem-se o fornecedor enquanto representante do oposto da miséria, uma vez que este se apresenta enquanto servidor de uma grande empresa e, portanto, do alto poder aquisitivo; e, do outro, Tetê do Mané, como clara representante da pobreza que assola a periferia, na cena anteriormente apresentada vê-se que há uma ilustração muito precisa da má negociação ainda posta em curso e que visa submeter determinados grupos à condição de subalternidade e, mais que isso, efetivar a manutenção para que estes grupos permaneçam sob esta condição em períodos constantes. Em termos mais específicos, inicialmente há uma atuação má articulosa e intencionada da elite que labora para tornar o Outro sujeito marginal e, uma vez conseguindo tal feito, elabora e põe em exercício atividades de manutenção desse estado, fazendo com que o Outro, que neste caso é o miserável, permaneça sempre submerso em tal condição.

Nesse caso, vê-se que o fornecedor, que logo se diferencia dos demais moradores, pois o homem “fala grosso e com a mão no bolso” (p. 36), evidenciando ainda mais a relação entre opressor e oprimido, aproveita da condição de subalternidade e vulnerabilidade da família de Nazinha, uma vez que “já sabia das necessidades da mãe da menina” (p. 36) para, em um acordo desrespeitoso e imoral, comprar uma criança que sonhava em ser livre e ter estoques de doce, com objetivo de unicamente de saciar suas vontades sexuais e alimentar seu vício em práticas de pedofilia.

Desse modo, a negociação amoral evidencia ambas as misérias: a do fornecedor que, em sua pretensa riqueza, tripudia e se engrandece com a dor, a necessidade, a carência e vulnerabilidade do outro, tornando-se tão ou mais miserável quanto — já que se mostra miserável de si mesmo, de ética, de respeito e alteridade; e a da família, representada aqui pela matriarca, que, uma vez tendo aceito tal acordo, sobretudo sabido dos interesses do representante com a criança, como vê-se na citação acima, se auto sentencia a permanecer em estado de miséria. No entanto, agora, para além da fome e da violência, há também a necessidade de se aprisionarem ainda mais, pois a partir da entrega da menina ao estuprador já se reconhecem como criminosos; além do sentimento de culpa pelo martírio a que submeteram a menina que “sentia dor, sangue, sangue, sangue... [...] como se a vida lhe tivesse fugindo, a começar por aquele ponto entre as pernas” (p. 38), enquanto o homem “tampou-lhe a boca e gozou tranquilo” (p. 38).

Nesse momento da narrativa, em que são apresentadas as misérias da família de Tetê do Mané, são resgatadas, também, imagens da escravidão que se apresentam de diferentes maneiras: a começar pela forma de imposição e demonstração de poder sobre e a partir do outro que pode ser percebida desde o momento em que o representante da fábrica de cigarro inicia seu contato com a matriarca da família de Nazinha, uma vez que Tetê do Mané rapidamente o percebe como diferente dos que habitavam os becos da favela, tal qual pode ser percebido em: “O homem, diferente de nós, fala grosso com a mão no bolso” (p. 36). A diferença percebida por Tetê do Mané diz respeito a aspectos sociais, financeiros e culturais, isto é, o homem gozava de direitos e tradições que àqueles povos eram negligenciados e/ou negados, subsidiando um distanciamento hierárquico entre elite e massa popular.

Além do mais, como asseverado brevemente acima, tal forma de apresentação também retoma ao modo pelo qual os senhores dos engenhos se colocavam diante dos cativos, que representavam, naquele período e pela lógica do regime, como inferiores. A voz firme e grossa e a postura brava sinalizavam, portanto, uma das tantas formas de demonstrar o poder que forçadamente se concentrava e emanava dos senhores, o que se repete na relação entre o representante e Tetê do Mané. Os adjetivos apontados pela matriarca ao representante reforçam ainda mais a aproximação escravocrata que sinalizamos aqui, já que “rápido, direto [...] e cruel” são atribuições perfeitamente cabíveis aos escravocratas ao exercerem suas forças e dominação para com os negros africanos colocados em situação de pessoas escravizadas no Brasil.

Depois, tem-se ainda uma imagem que resgata, até certo ponto, a venda de humanos em detrimento de sua alta concentração de melanina, muito embora não seja exatamente esse o motivo da venda de Nazinha. Enquanto o regime escravocrata permaneceu-se ativo no Brasil,

alimentou-se uma prática comercialista de compra e venda de pessoas negras a serem submersas à condição de escravidão. Nesse processo violento e desumano há uma tentativa insistente de esvaziamento da pessoa comercializada, que tem início desde a sua captura — em que a esvaziam de si própria e de suas vivências familiares —, bem como de deixá-la despida de todas as suas vontades, objetivos e interesses, e colocá-la tão somente como objeto de realização do outro, como bem acontece com Nazinha.

Desse modo, se anteriormente a esse episódio a menina era enchida pelos sonhos infantis de ser livre de todas as amarras que a ambiência na favela e na sociedade enquanto mulher negra as apresentavam; de dar passos livres; de ter doces em abundância para acumular, agora, posterior a ser submetida a tais violências, a menina tem a vida esvaziada, como se a vida fugisse pela vagina. A conjunção carnal unilateral e forçada entre o representante para com Nazinha permite ainda interligar o fato à relação de dominância que homens brancos estabeleciam para com mulheres negras durante a escravidão, que se dava pela força/violência e pela sexualidade, uma vez que este permitiu-se “gozar tranquilo”, na medida em que Nazinha sentia “sangue, sangue, sangue” (p. 36).

Em contraste à miséria de Tetê do Mané, mas sem deixar de ser igualmente miserável, o romance *Becos da Memória* (2017) apresenta ainda a miséria de Mãe Joana, “mulher triste” (p. 37) que era muito bonita, mas “não sorria nunca” (p. 39) e, portanto, “bonita e triste” (p. 40). Conforme a narradora, Maria-Nova, diferente de Tetê do Mané, “Mãe Joana jamais a venderia ou venderia algum de seus filhos” (p. 40), mesmo que a fome e a sede o abraçasse em seus mais altos graus. Ela, assim como a maioria esmagadora das personagens em atuação no romance analisado, vive em um constante processo de desenvolver melhores maneiras para lidar com a opressão que a vida e ambiência na periferia as apresentam. Mãe Joana, mais precisamente, lida com uma infelicidade que lhe toma quase toda a vida, de modo que não mas encontra motivos para riso, somando-se a isto o processo de desfavelamento e a fome; a condição da mãe que “tinha o lado direito abobado, adormecido” (p. 39) por decorrência de um acidente vascular cerebral — AVC; do pai “doido, demente, maluco” (p. 39); e de sua irmã que, de igual infelicidade, em seus poucos risos e quando ria, “ria por dentro, se escondendo, fugindo da tristeza” (p. 40).

No entanto, embora profundamente colocada em situação de miséria — financeira, social e cultural —, Mãe Joana, como observado anteriormente, não colocaria nenhum de seus filhos à venda como forma de compensação da fome, pelo contrário, “ela comeria o pão que o diabo amassou, iria ao fundo do inferno, mataria se preciso fosse, mas não daria, nem venderia, nenhum dos seus filhos. Mãe Joana estava ali feito galinha arrepiada, detectando qualquer sinal

de perigo. E na sua fragilidade enfrentava o mundo” (p. 40). Entretanto, mesmo com a braveza com que a personagem lutava contra o mundo para sua sobrevivência e a sobrevivência de seus filhos, a miséria permanecia insistentemente no cotidiano de Mãe Joana e sua família, que sequer poderiam deleitar-se da água comercializada em uma das torneiras de Sô Linsdau, que servia como entretenimento aos demais moradores, pois, “apesar de tantas freguesas de roupa, faltava-lhe dinheiro, tinha tantos filhos....” (p. 42).

Portanto, compreende-se pela leitura das linhas e entrelinhas do romance neste trabalho discutido que a miséria, no seu mais amplo sentido, em especial no contexto da fome, é empreendida, acima de tudo, pelo Estado e pela demais esferas e/ou estruturas da sociedade abertamente capitalista. Em *Becos da Memória* (2017) representadas pelos moradores do bairro nobre, pelos operadores da firma, que financiaram a demolição da favela, e pelos senhores que os mantiveram sob condição de pessoas escravizadas por boa parte de suas vidas — uma vez que é perceptível uma postura combativa em relação à fome e à sede pelos próprios moradores da favela em diversos momentos da narrativa, em especial: “colhia-se dinheiro de quem pudesse dar, comprava-se canjica e seus ingredientes, e estava tudo pronto para um encontro, para uma festa. *Se viesse alguém que não tivesse participado com dinheiro, nunca lhe seria negado um prato*” (EVARISTO, 2017, p. 43). Que, por fim, os colocam como vítima de um regime cruel cujas consequências ainda respigam em suas convenções e normas sociais na atual conjuntura da sociedade em que vivem.

4.3.3.3 A memória da escravidão como alimento do banzo em *Becos da Memória* (2017)

O romance *Becos da Memória* (2017), por tratar-se de uma escrevivência, isto é, um labor colaborativo da memória e da escrita em que, ao oficializá-lo, ficção e realidade confundem-se conscientemente, apresenta rememorações de vidas e experiências negras de moradores de uma periferia às vésperas de um desvelamento, como asseverado no segundo capítulo deste trabalho, intitulado por *Becos da Memória* (2017): *Abrigo das escrevivências subalternas*. Nos relatos trazidos por Conceição Evaristo no *corpus* presentemente analisado, pela proximidade do conteúdo da narração com as atrocidades acontecidas na escravidão no Brasil, evidencia a existência do banzo no rol de sentimentos vivenciados pelos moradores de onde se passa a narrativa. Esse banzo, aqui compreendido como estado de (re)viver memórias dolorosas provenientes do regime escravocrata — como vê-se na seção *Do banzo e da escrevivência*, ainda nesse capítulo —, acompanha o leitor e as personagens desde as primeiras

cenas do romance, sobretudo nas histórias dos mais antigos moradores, que são contadas por eles mesmos à Maria-Nova, narradora que também é personagem.

A relação senzala-favela ou, ainda, favela e casa-grande que é tencionada pelo romance — quer seja pela proximidade da favela com o bairro nobre, quer seja pelos trajetos diaspóricos percorrido pelas personagens — engatilha o sentimento de banzo naqueles trazidos nas páginas de *Becos da Memória* (2017). Tio Totó, por exemplo, é uma das personagens que sinaliza sentimento com muita intensidade, já que sua trajetória ilustra bem o caminho percorrido pelos pretos africanos colocados em situação de escravização no Brasil, como visto em *A construção simbólica do lugar – reconfigurações da periferia*, apresentado anteriormente.

Filho de escravo, liberto pela efetividade e execução da Lei do Ventre Livre, Tio Totó vivenciou o distanciamento afetivo e material de seus pais, que foram submetidos a tal situação. Embora tenha sido liberto logo no nascimento, decerto essa personagem conheceu com profundidade a realidade genocida que viveram seus ancestrais antes e após o processo de escravização, sendo por esta razão que as memórias da escravidão permanecem tão vivas para a personagem, como visto no fragmento a seguir: “Tenho marcas de muita *carga no lombo*. Na roça, às vezes, meu pai contava sempre de uma dor estranha, que nos dias de muito sol, apertava o peito dele. Uma dor que era eterna como Deus e o *sofrimento*” (EVARISTO, 2017, p. 19, grifos nossos). Este excerto remete a uma imagem provinda pela narrativa da escravidão no Brasil, pois se tem em plano a personagem Tio Totó e seu pai nas fazendas dos senhores de engenhos, servindo-lhes aquilo que era quase que exclusivamente seu interesse: a mão de obra braçal. Este último, como apresentado nesse fragmento, relata ao filho a existência de uma dor tão profunda e resistente quanto Deus e o sofrimento e que em dias de sol apertava-lhe o peito. A carga pesada no lombo e os dias de trabalho no sol resgata à memória do leitor a imagem dos negros africanos trabalhando forçadamente e sob péssimas condições de trabalho nas terras dos senhores escravocratas, que os submetiam a esse regime a fim de explorarem seus corpos e esgotarem seus limites físicos e psicológicos. Portanto, o banzo se apresenta à personagem desde a infância por influências do que percebia e das atrocidades contadas pelo pai, considerando que “Totó entendia, era menino, mas, de vez em quando, sentia aquela apunhalada no peito. Uma dor aguda, fria, que sem querer fazia com que ele soltasse fundos suspiros. O pai de Totó chama aquela dor de *banzo*” (EVARISTO, 2017, p. 20, grifos nossos).

O itinerário de sobrevivência da personagem Tio Totó é marcado de modo grosseiro pelos caos sociais deixados pela escravidão ou, ainda, pelo lastro de memórias agressivas que alimentam o banzo e ferem o peito cada vez que ressurgem. Por isso, realiza, por diversas vezes na narrativa, movimentos de fuga de tais memórias que iniciam, especificamente, quando ele e

sua família começam a se dispersar das fazendas onde trabalhavam em situação de pessoas escravizadas: “um surto de tuberculose, que começara na casa-grande, assolara também os escravos. *Iriam partir, queriam esquecer as histórias de escravidão, suas e de seus pais*” (EVARISTO, 2017, p. 20, grifo nosso). No entanto, as acontecimentos no ambiente da favela, a perda das mulheres e dos filhos, a fome, a violência, a miséria e outras mais situações estimulam a relação senzala-favela e o fazem reviver tais memórias insistentemente; por consequência, “envelhecia ao fazer um balanço de toda a sua vida e só ver a morte como única saída” (EVARISTO, 2017, p. 48).

De outro modo, tem-se também a personagem Maria-Velha que, quando menina, com seus comportamentos acabritaidados, fazia seu avô — também morador da periferia e, não diferente dos demais, possuidor de “um amontoado de dores” (p. 33) — sentir no peito o efeito do banzo. Conforme a narradora, “o avô de Maria-Velha sempre chorava quando via a menina cabritar em suas brincadeiras infantis de pula-pula” (EVARISTO, 2017, p. 33), pois tal episódio, a cada vez que acontecia, o fazia rememorar as catástrofes financiadas pelos senhores dos engenhos, em especial a venda de seus filhos e a revolta do mais velho sob a casa-grande.

Ao rememorar como o comportamento de Maria-Velha impulsionava a dor de seu avô, Maria-Nova assevera que: “Um dia, ela, Maria-Velha, ainda nos tempos de sua meninice, pulava que nem cabrita na frente de seu avô, Ele olhava, limpava os olhos e fungava sempre. *Um dia Maria descobriu que ele chorava*” (p. 31, grifo nosso). A dor que essa personagem chora é inerente à perda de sua filha, que mesmo sendo uma criança, fora a delegada a desempenhar o ofício de mãe de mama e, a partir disso, se revolta contra os senhores dos engenhos, vejamos:

Mãe de leite de uma criança, um dia a escrava se rebela contra o sinhô. Agarrou o homem pelo peito da camisa, sacudiu, sacudiu. A escrava foi posta no tronco, iam surrá-la até o fim. A criança, filha de leite, chora, grita, berra, desmaia, volta a si, quase enlouquece. [...] Os sinhôs resolveram então vender a escrava e nunca mais se soube dela (EVARISTO, 2017, p. 31).

Luisão, pai de Maria-Velha e filho de seu avô, que não recebe nome no romance, é o único vivo e que resistiu ao regime escravocrata ao qual foram condicionados. “Indagador das coisas e das causas” (p. 33), Luisão, entendido da realidade, odiava os senhores dos engenhos por todas as situações já conhecidas, passando a odiá-los ainda mais após a venda de sua irmã, como percebível em: “quando venderam a sua irmã, por ela ter agarrado o sinhô pelo peito da camisa, ele vomitava ódio e prometia se vingar, pôr fogo na casa-grande” (p. 34). O plano de

Luisão permaneceu passivo por muitos anos e, enquanto isso, “o homem sem se rebelar, apenas a sentir a dor, o banzo alimentando a vida” (p. 34).

A irmã vendida, a quem Luisão teria jurando vingança por tal ato, muito se parecia com filha desta personagem, Maria-Velha, e por ser assim é compreendida pelo seu avô como um gatilho para o sentimento do banzo, uma vez que sua aparência e o modo como se comporta o faz voltar ao passado escravagista no qual até o nome da própria filha fora condicionado à vontade dos senhores, como ver-se-á neste trecho: “os sinhôs naquele dia estavam de bom humor [...] e permitiram que ele, pai, escolhessem o nome” (p. 35); assim como o faz lembrar da infância comprometida pelo comércio de negros escravos, portanto, “naqueles momentos, tinha a impressão de ver a vida se repetindo. Maria era igual, era a imagem pura de sua filha Ayaba” (p. 35). Assim, compreende-se que a história de Maria Velha, seu avô e seu pai — Luisão — e tantas outras personagens apresentadas em *Becos da Memória* (2017) e noutras escrevivências de Conceição Evaristo, são fortemente marcadas pela presença do banzo, que aparece sendo constantemente alimentado pelas memórias provindas da escravidão no Brasil e comprometendo suas relações sociais, mesmo após anos a “abolição”.

Dessa maneira, vê-se que a escrevivência de Conceição Evaristo, nesse caso, especialmente *Becos da Memória* (2017), é marcada de grande modo pelas reminiscências da escravidão no Brasil e pelo impacto que tais ações causaram na população negra — que sofreu drasticamente com a instauração do regime. Em decorrência disso, há, na poética da autora, um diálogo intenso entre escrevivência e banzo, visto que ambos se dão no presente em relação ao passado; um intentando conectar-se com o passado perdido (escrevivência); o outro, construir futuros diversos do vivido atualmente (banzo). Nesse mesmo caminho, como vimos nas análises dispostas neste capítulo, as memórias pretéritas da autora a auxiliam no que concerne as escolhas temáticas trazidas em suas escrevivências, assim como o objeto de narração, a composição das personagens e a linguagem utilizada para confecção da narrativa escrevivente, em que, em nenhum dos casos, são apresentadas às leitoras e aos leitores evaristianos alheios do processo histórico e do compromisso antirracista que a autora firma.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, ao qual nomeamos por *Escrevivência: considerações teórico-conceituais inerentes à escrevivência evaristiana em Becos da Memória (2017)*, surge de um sentimento e de um instinto investigativo que intenciona compreender os sentidos e as significações adquiridas pelo conceito de escrevivência desde seu uso inaugural ao ano de 2019 — recorte temporal da pesquisa. Nesse sentido, teve-se por objetivo o aprofundamento teórico e conceitual da noção de escrevivência, utilizando o romance *Becos da Memória (2017)* como base de ilustração da escrevivência de Conceição Evaristo e estímulo às discussões fomentadas nas dependências deste trabalho.

A obra na qual nos versamos para o delineamento das discussões aqui empreendidas e, portanto, compreendida como *corpus* textual da presente pesquisa, é ambientada em uma periferia recém colocada em um processo de desfavelamento e, em decorrência da significação do ambiente no plano factual e das situações desencadeadas com a proposta de desterritorialização da favela, as discussões emanadas pela narrativa se alinham, em grandes medidas, com a história de formação dos povos negros no Brasil. Por essa razão, ao traçar uma referencialidade histórica do projeto de escrita de Conceição Evaristo, neste momento considerando todas as suas publicações e os dissidentes gêneros, percebeu-se que seu ofício literário, automeado por escrevivência, tem fortes relações com o passado colonial, em que homens e mulheres negras foram sujeitadas a anos de escravidão, tendo suas liberdades e identidades roubadas.

As atrocidades praticadas contra a comunidade negra e as consequências desse regime que ainda respingam nas conversões sociais da contemporaneidade são pautas presentes em todas as obras de Conceição Evaristo, que, como vimos, são fortemente atravessadas por um fio colonial. A constituição do projeto de escrita da autora fora impulsionada por uma imagem da casa-grande usufruindo da mão de obra escravocrata de homens, mulheres e até crianças, sem nenhum remorso ou pudor. O papel atribuído às mulheres negras durante a escravidão — aquele de servir aos senhores e senhoras da casa-grande como empregadas domésticas; amas de leite; objeto de satisfação e iniciação sexual dos filhos dos donos da fazenda e afins —, em especial, arroja grandiosamente a iniciação e continuidade da escrita de Conceição Evaristo, que emerge com objetivo de romper com o papel de passividade que este regime as reservou e colocá-las como sujeitas e sujeitos munidos de consciência — tal qual suas personagens.

No curso da pesquisa, questionou-se de que modo nasce e se desenvolve semanticamente a noção de escrevivência na medida em que Conceição Evaristo aprofundava

os sentidos da expressão que ela mesma cunhou. Assim, utilizando tal questão como direcionamento das discussões empreendidas neste trabalho, constatou-se que a escrita de Conceição Evaristo, cujo interesses são essencialmente descoloniais, recebe a nomeação de escrevivência por volta de 1994 a 1995, e se caracteriza por um ofício da memória e da escrita onde ficção e realidade se inter cruzam de modo tão íntimo que se confundem. No entanto, embora nascida no cerne da narrativa escravocrata, a expressão ganha contornos dissidentes, motivados, de início, pela própria Conceição Evaristo, uma vez que desde 2015 a 2019, período que interessa a esta pesquisa, identificou-se nos discursos da escritora desdobramentos na significação do conceito de escrevivência, que variam entre posições de quem escreve, localidade e ano que fora surgido e especificidades do texto escreviente.

Em se tratando de desdobramentos conduzidos pela autora, a flexibilidade de autoria é, sem sombra de dúvidas, um dos mais significativos ocorridos durante o processo de maturação do conceito, uma vez que quando este é emergido diz respeito tão somente à condição de mulher negra na sociedade brasileira e, ulteriormente, com a ampliação dos estudos da sua própria escrevivência, Conceição Evaristo flexibiliza essa relação ao pontuar que toda e qualquer pessoa pode escrever sua escrevivência — no entanto, viu-se que o compromisso em incomodar os senhores da casa-grande e ressignificar o passado colonial permanece centrado no interior da expressão.

Os desdobramentos em torno da significação de escrevivência também são apresentados por pesquisadores de diferentes áreas das ciências humanas e sociais, o que permite-nos compreender que durante os anos de 2015 a 2019 tal conceito fora submetido a um processo de ampliação conceitual mútua, dado que as literaturas publicadas em relação à expressão evidenciam uma fricção entre as proposições de Conceição Evaristo com as colocações de pesquisadores exteriores. Nesse sentido, constatou-se que a noção de escrevivência extrapolou os espaços previstos pela literatura e estabeleceu interfaces com a pedagogia, fotografia, música, psicologia social e a agroecologia, operando significações e direcionamentos dissidentes de acordo com a área em que é colocada.

Diante disso, se inicialmente, nos limites da literatura, a escrevivência fora expressada como base para análise de narrativas afro-brasileiras ou nomeação de textos de mulheres e/ou homens negros comprometidos com a rasura do passado escravocrata. Na pedagogia, passa a ser compreendido como um ambiente convidativo a refletir experiências de mulheres negras inseridas da educação, reflexões incitadas a partir de suas escritas em primeira pessoa e que desvelam os desafios encontrados no ato de ensinar-aprender nos ambientes oficiais. Por outro lado, na agroecologia o conceito de escrevivência foi compreendido como uma proposta

metodológica de construção, conservação e ampliação do conhecimento produzidos no campo por mulheres agricultoras, similarmente à significação recebida na psicologia social, onde a escrevivência é proposta também como um modelo de produção de conhecimento sobre racismo e políticas de cotas no ambiente universitário, assim como de mulheres negras e assistências sociais por meio de uma intersecção entre a literatura, serviço social e a psicologia. Além disso, constatou-se que a expressão é também explorada na música e na fotografia, onde além de re/significações, o conceito recebe ainda outras roupagens conceituais como “fotoescrevivência”; nas duas linguagens da arte a expressão original significou potencialidades de criações narrativas por via de instrumentos imagéticos e sonoros, respectivamente.

O romance *Becos da Memória* (2017), de autoria de Conceição Evaristo, dentre tantos outros exemplos, é uma ilustração muito precisa da escrevivência evaristiana. Nesse romance, a escolha temática, o enredo e as construções das personagens são pensadas de modo a viabilizar uma narrativa verossímil das ancestralidades da autora em seu passado vivido em Minas Gerais (MG). Para construí-lo, como viu-se, Conceição Evaristo explora suas memórias pretéritas e, na impossibilidade de juntá-las completamente devido ao esfacelamento, põe em exercício o ofício da invenção. As histórias que emanam dessa narrativa, por sua vez, ao cumprirem fielmente os preceitos impostos pela noção de escrevivência, apresentam uma dimensão real da existência humana por instrumento da arte e da linguagem literária e, por consequência, vida real e ficção se entrelaçam fortemente a ponto da autora insinuar uma parecença do criador com criatura — neste caso, Conceição Evaristo e Maria-Nova, narradora-personagem do romance analisado neste trabalho e que é posta como objeto de discussão devido à intensa aproximação com a biografia da autora em seu eu-menina.

Nesse sentido, ainda ponderando as pautas levantadas pelo romance em questão, a ambientação e a apresentação das personagens, as análises realizadas neste trabalho permitem considerar que a noção de escrevivência é atravessada por um fio ancestral e, portanto, em especial nas escrevivências de Conceição Evaristo, pode-se realizar uma incursão histórica afrodescendente. As acontecimentos trazidos no interior desse romance, que acometem as personagens como Tio Totó, Bondade, Maria-Velha e outras, são resquícios deixados pela escravidão no Brasil e, por isso, levando em consideração o modo como tais personagens reagem a estas situações, é perceptível a existência do banzo e o diálogo que este último estabelece com a noção de escrevivência, uma vez que o ambiente em que se passa a narrativa é convidativo a tais discussões e incita as memórias escravocratas nas personagens que, ao rememorar-las, são invadidas pelo sentimento do banzo.

Além disso, observou-se também que a linguagem utilizada por Conceição Evaristo para construir o romance *Becos da Memória* (2017), assim como a temática, o ponto de vista e a própria autoria situam a expressão escrevivência no cerne da literatura e da história da afrobrasilidade, pois diferencia esta produção daquelas que apresentam o negro e conteúdos pertinentes à sua existência de modo insatisfatório, redutivo, marginalizador e alheios de uma participação político-social na sociedade brasileira. Assim, permitindo-nos compreender a escrevivência evaristiana como um espaço de discussões centradas em intersecções de classe, raça e gênero — em que as revisitações insistentes ao passado colonial as quais são propostas pela autora — não há como objetivo a intenção de torná-lo ainda presente, mas realizado tentando compreendê-lo e, conseqüentemente, reivindicar posições justas às pessoas pretas que tiveram parte de suas vidas comprometidas pelo regime escravocrata posto em curso no Brasil e no mundo.

De modo geral, as discussões levantadas na inteireza deste trabalho contribuem diretamente para literatura brasileira ao propor reflexões sobre novos métodos e modelos de escrita literária. No caso do projeto criativo de Conceição Evaristo, ameaça e rompe com a continuidade da pretensa história oficial do país e reivindica a escrita de uma história nova, livre dos negacionismos que conforta os da casa-grande e do apagamento proposital que tenciona a exclusão social e política da população negra brasileira. Além disso, de igual maneira, os apontamentos construídos no corpo desta pesquisa problematizam ainda as formas como se dão o ensino de literatura na contemporaneidade, que se depara com obstáculos no que se refere aos estudos de obras de escritoras e escritores pertencentes às classes populares da sociedade, excluindo-os e os invisibilizando em detrimento dos vícios do cânone ideológico, que tem primazia por um perfil heterogêneo: homens brancos, heterossexuais, cisgêneros e de classe média alta.

Ademais, por transitar ora na literatura, ora na história, buscando significações e profundezas teóricas para uma noção cunhada por uma mulher afro-brasileira e que está centrada no cerne da ancestralidade africana, professoras e professores de ambas as disciplinas podem se valer deste trabalho, enquanto material paradidático, para o auxílio da efetividade da Lei nº 11.645/08 da Constituição Federal, que torna obrigatória o ensino de história e cultura afro-brasileira em todas as unidades de ensino, em dissidentes níveis e redes.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Arthur Gomes. **A história de a.: escrevivências de um aluno cotista negro no curso de psicologia da ufrgs**. 2018, 83f. Monografia (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

ANDRADE, Carlos Drummond. No meio do caminho. **De alguma poesia**, p. 15, 1930.

ANGIOLILLO, Francesca. **Nossa identificação não pode ficar fora da literatura, diz Conceição Evaristo**. 2017. Disponível em: <<https://www.aquinoticias.com/2017/07/nossa-identificacao-nao-pode-ficar-fora-da-literatura-diz-conceicao-evaristo/>>. Acesso em: 07 set. 2019.

ARRUDA, Aline Alves. "Aspectos da memória em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo." In: XI Congresso Internacional da Abralic, XI, 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP. 2008. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/078/ALINE_ARRUDA.pdf>. Acesso em: 29 Jun. 2020.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BALDO, Heloisa Gaiardo. Memórias da escravidão e ancestralidade em Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo. **Revista Literatta**, v. 7, n. 1, p. 83-103, 2017.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

BISPO, V. N.; SANTOS, E. DE J. Leci e Januário: escrevivências negras contemporâneas na música e fotografia. **Idéias**, v. 8, n. 2, p. 83-112, 15 dez. 2017.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 – 1728.

BOLOGNA, Giacinto da. **La Pratique Missionnaire des PP. Capucins Italiens dans les royaumes de Congo, Angola et contrées adjacentes**. Td. por Jacques Nothomb. Louvain: Éditions de l'Aucam, 1931.

BRAIT, B. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.

BRASIL. **Mucamas**. 2013. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=952:mucamas&catid>. Acesso em: 24 dez. 2019.

BRÁSIO, Pe. António. **Monumenta Missionária Africana (África Ocidental)**, 2ª série, vol. 1, Agência Geral do Ultramar; Lisboa, 1973.

BUSKO, Paula. Escrivivências Decoloniais: o Movimento do Feminismo Agroecológico como um Modelo de Educação Informal no Vale do Ribeira (SP). **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, v. 20, n. 3, 2019.

CANAL SAÚDE OFICIAL. **Ciência & Letras**. 2015. (26m58s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IMQps4LU0t4>>. Acesso em: 20 set. 2019.

CANAL VRÁ. **A mulher negra na literatura**. 2017. (9m21s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v_tXmBZ-4v4&feature=youtu.be>. Acesso em: 15 set. 2019.

CANDIDO, A. A personagem do romance. In: _____. **A personagem da ficção**. 13 ed. São Paulo: Editora Perspectiva LTDA, 2018. 53-80.

_____. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2006.

COMPAGNON, A. **O Demônio da Teoria: literatura e senso comum**. Trad. Cleonice P. B. Mourão, Consuelo F. Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

COSME, Francisco Damião. “Tractado das queixas endemicas, e mais fataes nesta Conquista” edited with an introduction by Luís de Pina. **Studia**. 20-22, 1967, p. 119– 268.

CRUZ, Jane Cristina. **Uma análise da personagem narradora em Becos da Memória, de Conceição Evaristo**. 2016, 93f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2016.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

DUARTE, A.; LOPES, E. Conceição Evaristo: literatura e identidade – Crítica. **Literafro – portal da literatura afro-brasileira**. 2018. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/199-conceicao-evaristo-literatura-e-identidade-critica>>. Acesso em: 26 dez. 2019.

DUARTE, E.; FIALHO, E. **Conceição Evaristo: literatura e identidade - crítica**. 2009. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/199-conceicao-evaristo-literatura-e-identidade-critica>>. Acesso em: 22 Abril 2020.

DUARTE, Eduardo de Assis. “Por um conceito de literatura afro-brasileira”. IN: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares. (Org.) **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**, v. 4. Belo Horizonte: UFMG, 2011, p. 375-403.

DUCROT, O.; TOVOROD, T. **Dictionnaire encyclopédique dez sciences du langage**. Paris, Seuil, 1972. p. 286ferr.

EL PAIS. **Entrevista com Conceição Evaristo | Cultura**. 2017. (16m53s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wnB4YsSj1nA>>. Acesso em: 15 set. 2019.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017a.

_____. **Escritora Conceição Evaristo é convidada do Estação Plural (programa completo)**. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Xn2gj1hGsoo>>. Acesso em: 12 set. 2019.

_____. **O Trilha de Letras recebe a escritora Conceição Evaristo | Programa Completo**. 2018. (27m22s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9lpOGN36WxA&t=36s>>. Acesso em: 09 set. 2019.

_____. **Da grafia-desenho de minha mãe; um dos lugares de nascimento de minha escrita**. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). *Representações performáticas brasileiras*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

_____. **Becos da Memória**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2017b.

_____. **Conceição Evaristo por Conceição Evaristo**. 2010. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/conceicaoovaristo/>>. Acesso em: 24 abril. 2020.

_____. Depoimento concedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG.

_____. *Depoimento*. Entrevista concedida a Bárbara Araújo Machado. Rio de Janeiro, 30 set. 2010.

_____. Destaque Conceição Evaristo. **Revista Conexão Literatura**, p. 5-

_____. **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016. 10, nº 24, junho – 2017c.

FERREIRA, A. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FERREIRA, Amanda Crispim. **A memória em Poemas da recordação e outros movimentos, de Conceição Evaristo**. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/autoras/ConceicaoCr02AmandaCrispim.pdf>>. Acesso em: 19 jun. 2020.

FESTIVAL DE MULHERES DO MUNDO WOW. **A EscreVivências no centro do debate: Conceição Evaristo em partilha com Carla Fernandes**. 2019. (54m20s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jzy0kunZ_rA&t=1526s>. Acesso em: 07 set. 2019.

FONSECA, Maria. Costurando uma colcha de memórias. In: EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Ordem do discurso (A)**. Edições Loyola, 1996.

GAGNEBIN, Jeanne. **Lembrar escrever esquecer**. 1ªed. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GIACOMINI, Maria. **Mulher e escrava, uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil**. Local: Vozes, 1988.

GINZBURG, J. (2012). O narrador na literatura brasileira contemporânea. *Tintas. Quaderni di letterature iberiche e iberoamericane*, **Milano**, n. 2, p. 199-221. Disponível em: <https://goo.gl/DIRBUP>. Acesso em: 19 dez. 2019.

GOMES, Laurentino. **Escravidão: Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi de Palmares**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Globo livros, 2019.

HAMPATÉ BÂ. A noção de pessoa na África Negra. Tradução para uso didático de: HAMPATÉ BÂ, Amadou. La notion de personne en Afrique Noire. In: DIETERLEN, Germaine (ed.). **La notion de personne en Afrique Noire**. Paris: CNRS, 1981, p. 181 – 192, por Luiza Silva Porto Ramos e Kelvlin Ferreira Medeiros.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo – políticas arrebatadoras**. Trad. Bhui Libânio. 7ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019a.

_____. **Olhares negros: raça e representação**. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019b.

IANNI, Octavio. Literatura e consciência. In: **Estudos Afro-asiáticos**, n. 15 - junho de 1988. Publicação do CEEA da Universidade Candido Mendes. Rio de Janeiro: 1988, p. 208-217.

IMBUZEIRO, Mônica. **Mulheres que escrevem entrevista: Conceição Evaristo**. 2017. Disponível em: <<https://medium.com/mulheres-que-escrevem/mulheres-que-escrevem-entrevista-conceicao-evaristo-fa243ff84284>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

INSTITUTO DE ART TEAR. **Escrevivência – Episódio 1 da série Ecos da Palavra**. 2017. (03m57s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4EwKXpTIBhE>>. Acesso em: 06 set. 2019.

JODELET, D. **Representações sociais: um domínio em expansão**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002, p.17-44.

KANANOJA, Kalle. As raízes africanas de uma doença brasileira—o banzo em Angola nos séculos XVII e XVIII. **Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, v. 12, n. 23, p. 69-94, 2018.

LEJEUNE, Philippe. **Biographie, témoignage, autobiographie: le cas de Victor Hugo Raconté. Je est un autre: l'autobiographie de la littérature aux médias**. Paris: Seuil. 1980. 60-102.

LIMA, Juliana. **Conceição Evaristo: ‘minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra’**. 2017. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>>. Acesso em: 12 set. 2019.

LOPES, Nei. **Novo dicionário banto do Brasil: contendo mais de 250 propostas etimológicas acolhidas pelo Dicionário Houaiss**. Pallas Editora, 2003.

MACHADO, Barbara Araújo. Memória, história e literatura na obra da escritora negra Conceição Evaristo. In: X Seminário Internacional Fazendo Gênero, X, 2013, Florianópolis. **Anais...** Santa Catarina: UFSC, 2013. p. 1-10. Disponível em: <http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1383836323_ARQUIVO_BarbaraAraujoMachado.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2020.

MATTOS, Amana; XAVIER, Giovana. **Activist research and the production of non-hegemonic knowledges: challenges for intersectional feminism**. *Feminist Theory*. v. 17, n.2, p. 239-245, 2016.

MEHREZ, Samia. **The Bounds of Race**. Ithaca: Cornell University Press, 1991.

MENDES, António. **Portugal e o tráfico de escravos na primeira metade do século XVI**. *Africana Studia*, 2004, 7: 13-30.

MENDES, Luis Antonio de Oliveira. **Memórias econômicas da Academia Real das Ciências de Lisboa**. 4, 1812, p. 1-64 (primeira versão), 1-82 (segunda versão).

MERLEAU-PONTY, M. **Phénoménologie de la perception**. Paris: Gallimard, 1945.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**. Dossiê: Literatura, língua e identidade, Niterói, n. 34, p. 287-324, 2008.

MILLER, Joseph C. **Way of Death: Merchant Capitalism and the Angolan Slave**. Madison: University of Wisconsin Press, 1988.

MOURA, Clóvis. **Dicionário da Escravidão Negra no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

NOGUEIRA, Tamis. Mucama Permitida: a identidade negra do trabalho doméstico no Brasil. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 3, n. 4, p. 47-58, 2017.

NUNES, Isabela. Sobre o nos move, sobre a vida. In: DUARTE, C.; NUNES, I. **Escrevivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. Escravidão e nostalgia no Brasil: o banzo. **Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental**, v. 11, n. 4, p. 735-761, 2008.

OFICINAS CULTURAIS DO ESTADO DE SÃO PAULO. **7º FLI | Escrevivência Insubmissa – parte 1**. 2019. (1m18s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5vlvS768Cuc>>. Acesso em: 14 set. 2019.

OLIVEIRA, Jessica F.; CASSILHAS, Fabrício; DOS SANTOS, Silvana. Literatura negra, feminismo negro e tradução: uma entrevista com Conceição Evaristo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 3, nov. 2018. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/57055/37629>>. Acesso em: 24 abr. 2020. doi:<https://doi.org/10.1590/%x>.

OLIVEIRA, Célia. Escrevivências e reflexões sobre práticas Pedagógicas nas ações para as relações Étnicorraciais. In: V Colóquio Internacional Educação Cidadania e Exclusão, V, 2018, Niterói. **Anais...** Rio de Janeiro: UFF, 2018. p. 1-9. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/revistas/ceduce/trabalhos>>. Acesso em: 04 jan. 2020.

OLIVEIRA, Jurema; DIAS, Mileide. Reflexões sobre memória e oralidade em Becos da memória de Conceição Evaristo. **Contexto-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras**, n. 37, 2020.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. EVARISTO, Conceição. Becos da memória. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 621, jan. 2009b. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2009000200019/11370>>. Acesso em: 14 nov. 2019. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2009000200019>.

OLIVEIRA, Luiz. “Escrevivências”: rastros biográficos em Becos da memória, de Conceição Evaristo. **Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários**, v. 17, n. 2, p. 85-94, 2009a.

OLIVEIRA, M.; SANTOS, M. A segmentação das personagens Maria-Nova, Dora e Cidinha-Cidoca em Becos da Memória (2017), de Conceição Evaristo. **REVISTA DE LETRAS - JUÇARA**, v. 4, n. 1, p. 295-312, 6 jul. 2020.

OLIVEIRA, Marcelo. As vozes que ecoam do porão: o feminino negro em Becos da Memória (2017), de Conceição Evaristo. **Mafuá**, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 32, 2019.

PACHECO, A. **Mulher negra: afetividade e solidão**. Salvador: ÉDUFBA, 2013.

PERRONE-MOISÉS, Leila. **Mutações da literatura no século XXI**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PINSKY, James. **A escravidão no Brasil**. 21. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento e Silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PONCE, Eduardo Souza; DE GODOY, Maria Carolina. Identidade e afro-brasilidade em becos da memória de Conceição Evaristo. **identidade!**, v. 21, n. 1, p. 18-32, 2016.

PRADO, A. A. O. **Escrita feminina na obra de Rachel de Queiroz: feminismo, autoficção e escrevivência em Dôra, Doralina e Memorial de Maria Moura**. 2019, 101f. Dissertação (Mestrado em Letras: Cultura, Educação e Linguagens) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista, 2019.

PRATES, Cristina. Discurso étnico-literário: memórias poéticas em Conceição Evaristo. **Scripta**, v. 14, n. 27, p. 133-142, 2010.

RIBEIRO, Alexandre.; SILVA, Domingues. "O tráfico de escravos africanos: novos horizontes: Apresentação." **Tempo - Revista do Departamento de História da UFF**, vol. 23, no. 2, 2017, p. 290+. Gale Academic Onefile, Accessed 23 dez. 2019.

RIBEIRO, Patrícia. A poética de Conceição Evaristo como uma incursão pelos caminhos da história. **Revista eletrônica Darandina, Juiz de Fora**, v. 3, n. 1, p. 1-14, 2010.

RIBEIRO, Pedro; PITASSE, Mariana. "**Ser escritora não rompe com o imaginário em relação às mulheres negras**". 2020. Disponível em: <<https://www.brasildefatorj.com.br/2018/07/25/ser-escritora-nao-rompe-com-o-imaginario-em-relacao-as-mulheres-negras>>. Acesso em: 20 agosto 2020.

ROMANELLI, Marina. A representatividade feminina na literatura brasileira contemporânea. Monografia (Graduação em Produção Editorial) — Escola de Comunicação, UFRJ, 51f. Rio de Janeiro, 2014.

ROSITO, Valeria. Entre a história e a literatura, os Becos da memória dos afro-descendentes. **Via Atlântica**, n. 12, p. 219-223, 2008.

SAMPAIO, Juliano Casimiro de Camargo. **Teatralidade e Narrativa - conhecimento e construção de sentido da experiência criativa**. 1. ed. Palmas: EDUFT, 2016.

SANTIAGO, Silviano. **O narrador pós-moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SCHMIDT, Rita. **Descentramentos/Convergências: ensaios de crítica feminista**. Porto Alegre: UFRGS, 2017.

SCHMIDT, Simone. A força das palavras, da memória e da narrativa. In: EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2017.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (2009). *Testemunho da Shoah e literatura*. In: JORNADA INTERDISCIPLINAR SOBRE O ENSINO DA HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO, 10., São Paulo, 2009. Disponível em: <http://diversitas.fflch.usp.br/files/active/0/aula_8.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2020.

SERPA, Natália. **Cartografia da memória: a percepção dos lugares e de identidades afrodescendentes nos romances Ponciá Vivêncio e Becos da Memória, de Conceição Evaristo**. 2014, 112f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Piauí. Teresina, 2014.

SILVA, Fernanda Felisberto. **Escrevivências na Diáspora: escritoras negras, produção editorial e suas escolhas afetivas, uma leitura de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelou e Zora Neale Hurston**. 2011. Tese de Doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

SILVA, Marcio José. **Bizarrices no Brasil I: a Política**. 1. ed. Curitiba: Appirs, 2018.

SILVA, Vilma Nunes da. **Os brutos: escrevivência de um escritor de província**. Revista da Faculdade do Seridó, v. 1. n. 0, p. 1-14, 2006.

SIMÃO, Marina Fazzio; SAMPAIO, Juliano Casimiro de Camargo. Corpo e Descolonialidade em Composição Poética Cênica. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, v. 8, n. 4, p. 665-690, 2018.

SOARES & RUIZ. **Nasci rodeada de palavra**. 2017. Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossaspublicacoes/revista/entrevistas/artigo/2402/nasci-rodeada-de-palavras>>. Acesso em: 22 jan. 2020.

SOARES, Lissandra Vieira. **Escrevivências sobre mulheres negras acompanhadas pela proteção social básica – uma perspectiva interseccional**. 2017, 123f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. **"Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social**. **Revista Psicologia Política**, v. 17, n. 39, p. 203-219, 2017.

SOUZA, B.; PORTO, G. Perspectivas entre geografia e literatura: O lugar na obra “casa de pensão” de Aluísio de Azevedo. In: 4º Jornada Científica da Geografia. IV. 2016. Alfanas. **Anais...Minas Gerais: Unifal**, 2016, p. 404-409.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Editora UFMG, 2010.

TODOROV, Tezvetan. **Memoria del mal, tentación del bien, indagación sobre el siglo XX**. Barcelona: Ediciones Península, 2002.

TV PUC - RIO. **A “escrevivência” na literatura feminina de Conceição Evaristo**. 2017. (14m58s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=z8C5ONvDoU8&t=350s>>. Acesso em: 06 set. 2019.

TVBRASIL. **“Não escrevemos para adormecer os da casa-grande”, diz Conceição Evaristo sobre escritoras negras**. 2017. (1m04s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6pCq9E-d8_o>. Acesso em: 23 dez. 2019.

UEMG UNIDADE DAVINÓPOLIS. **Encontro com a autora Conceição Evaristo – 4/11/15**. 2015. (2h07m53s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=n0YupSAbJ-k&feature=youtu.be>>. Acesso em: 23 set. 2019.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. In: **História Geral da África: Metodologia e Pré-História da África**. Vol. I. Brasília: Unesco, 2010, p. 139-166.